

MD Magno



Introdução à Transformática

NOVAMENTE
editora

O direito de impressão é pessoal e intransferível.

VERSÃO
E-BOOK

MD Magno

Introdução à Transformática

Seminário 1998



NOVamente
editora

VERSÃO

E-BOOK

NOVAMENTE
editora

é uma editora da

UNIVERSIDADE DE DEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2004 © MD Magno

Preparação do texto
Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

...etc.
Estimulando a expansão do conhecimento

M176p

Magno, M.D. 1938 -

Introdução à transformática / MD Magno ; preparação de texto:
Potiguara Mendes da Silveira Jr., Nelma Medeiros. – Rio de Janeiro:
Novamente, 2004.

156 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-87727-30-5

1. Psicanálise - Discursos, ensaios, conferências. I. Silveira Júnior,
Potiguara Mendes da. II. Medeiros, Nelma. III. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERSIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 2445-3177
www.novamente.org.br

VERSÃO
E-BOOK

DEDICATÓRIA:

Aos colegas da Pós-Graduação da Escola de
Comunicação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, especialmente

Emmanuel Carneiro Leão

Muniz Sodré de Araújo Cabral

Márcio Tavares d' Amaral

Heloísa Buarque de Holanda

Francisco Antônio Dória

Sumário

1. INTRODUÇÃO

Psicanálise como teoria genérica da comunicação – Transformática: entendimento da transa entre formações no regime das Idioformações – Considerações sobre as teorias da comunicação a partir das noções de consenso e ruído – Para a psicanálise transa entre formações faz consenso e ruído – Regime originário de comunicação é silêncio absoluto e incomunicabilidade – Hiperdeterminação constitui Vínculo Absoluto – Introdução à questão da melancolia.

11

Primeira Parte Invocação de Saturno

2. MELANCOLIAS

Descrições da melancolia – Melancolia situada a partir do excessivo (*hybris*) – Distinção entre *luto* e *melancolia* – Diferença vetorial entre lucidez e melancolia – Lucidez: a morte não há.

27

3. DA SUBLIME HAÇÃO

Apresentação vetorial da questão do Belo e do Sublime no Revirão – Movimento de aproximação da hiperdeterminação é sublimação – Todo movimento vetorial é sublimatório – Discussão sobre a noção de *borderline*.

41

4. PARA QUE HÁ PRECES?

Investigação sobre hipnose, enfeitiçamento e transe, e sua articulação sintomática – Movimento pulsional como suposição de transcendência impõe transe – Problema da distinção entre transe místico e religioso – Todo ato no sentido da hiperdeterminação pode ser chamado de prece – Valor de prece da análise – Apresentação do poema *Para que há preces*.

59

5. INTERLÚDIO DISTINTIVO

Esclarecimentos sobre algumas posições da Nova Psicanálise – Redução da noção de sujeito a ego e proposição do conceito de Idioformação – Eliminação da distinção sujeito/objeto e proposição do estatuto *ad-jetivo* das formações – Conhecimento é o que resulta da transa entre formações – Vínculos se organizam a partir da dinâmica do recalque sob movimento da pulsão – Inconsciente é o que se passa entre Haver e não-Haver – Movimento excessivo da pulsão elimina noção de falta – Homogeneidade do Haver x alteridade – Absoluto valor de uso das formações como sua disponibilidade radical – Considerações sobre a ordem combinatória da criatividade e a ordem da criação.

73

6. INTERLÚDIO DISTINTIVO (CONTINUAÇÃO)

Análise da situação contemporânea do saber e da cultura – Discernimento de quatro posturas no pensamento: convencidos, cínicos, envergonhados e propositivos – Posição propositiva da Nova Psicanálise – Postura de sustentação de um aparelho teórico garante sua validade – Razões de sustentação da Nova Psicanálise – Arreligão como postura propositiva da psicanálise.

91

7. NADA A DECLARAR

Perguntas e respostas sobre: querer, desejo e vontade; consciente/inconsciente; critérios de distinção entre formações; recalque e hiper-recalque; morfose e psicose; transe.

105

8. VINCULAÇÕES

Exame do livro *São Paulo: a fundação do universalismo*, de Alain Badiou – Palavra de Cristo como acontecimento exemplar para a militância paulina – Para a Nova Psicanálise leitura de Badiou é regressão aos fundamentos do Terceiro Império – Freud é exemplaridade para fundação de Quarto Império – Hiper-recalque como base de qualquer proposição teórica – Vínculos necessários segundo Badiou: convicção (fé), certeza (esperança) e amor (caridade) – Consideração do Vínculo Absoluto como regente de qualquer vinculação: voto, persistência e cuidado com vinculações – Referências sintomáticas de Terceiro e Quarto Impérios.

121

9. O FIM, NOVAMENTE

Comentário sobre *Pequeno manual de inestética*, de Alain Badiou – Razões de MD Magno para o encerramento da forma *Seminário* – Anúncio do NOVAMENTE.

135

SEMINÁRIO DE MD MAGNO

149

1

INTRODUÇÃO

O Seminário deste ano será dividido em duas partes. As sessões abertas ao público serão realizadas aqui no Forum de Ciência e Cultura semana sim semana não. Nas outras quintas-feiras é a parte fechada, realizada na sala Anísio Teixeira, da Faculdade de Educação, e freqüentada apenas pelos alunos de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) da ECO/UFRJ e por meu grupo de pesquisa. Em cada sessão do Seminário fechado será discutido o que apresentei no Seminário anterior. Assim, não vamos gastar muito tempo neste Seminário aberto com debates e discussões.

Neste semestre inicial, tratarei do que, pelo menos desde o Seminário de 96, *Psychopathia Sexualis*, introduzi com o título de Transformática num sentido muito específico. Já no ano passado, no final do Seminário *Comunicação e Cultura na Era Global*, eu começara a indiciar um pouco mais veementemente esta questão. Entre os que lidam com a chamada comunicação, termo bastante genérico, seja no campo universitário onde há Escolas como esta nossa aqui, chamada de Comunicação, bem como onde se supõe que sejam meios de comunicação, ligados diretamente à mídia – aliás, não sei por que resolveu-se copiar um termo que é latino (*media*, meios, como plural de *medium*) de sua pronúncia na língua inglesa – ou não, coloca-se a questão de saber o que é a tal comunicação. No seio da Universidade, nas lides acadêmicas para com a fabricação de textos teóricos, sobretudo no regime de Pós-Graduação, como há várias linhas de pesquisa orientando dissertações e teses ditas de

comunicação – que variam da filosofia à psicanálise, das ciências humanas às ciências cognitivas, da teoria da comunicação à cibernética e à informática, tudo misturado dentro do mesmo aparelho de Pós-Graduação – sempre fica a questão do que deve orientar a produção dos textos teóricos a respeito do tema. Isto a ponto de haver discussões, às vezes acirradas e de índole fortemente crítica, sobre a validade ou não de determinadas teses apresentadas, pois um ou outro acha que aquilo não é comunicação. Então, definir o que é comunicação é algo que preocupa os encarregados da formação nesse campo. E parece que estão começando a se interessar em chegar a um acordo teórico a respeito do que vão chamar de comunicação.

Em 96, eu dizia que achava muito bom que meu Seminário, meu desenvolvimento teórico, se passasse no âmbito de uma Escola de Comunicação, e não de psicologia ou medicina, embora seu campo de ação seja a psicanálise. Acho isto preferível, pois não me parece que nem psicologia nem medicina tenham a ver especificamente com psicanálise. Eu me perguntava sobre o que poderia ser a comunicação, que é nosso problema interno, universitário, e sobre o que poderia ser a psicanálise, que já está num momento de requerer nova definição. Aventurei a hipótese de que a psicanálise não poderia não ser senão a mais genérica teoria da comunicação. Isto, pelo menos, segundo o escopo que tenho colocado com o nome de Nova Psicanálise e que me permite pensá-la deste modo. Não há teoria alguma mais genérica da comunicação do que a psicanálise. Então, a definição começa a se reciprocitar. O interesse no Seminário deste ano é não só desenvolver um pouco mais o que tenho chamado de Transformática, que foi apenas inicialmente introduzido, como também tentar definir o que possa ser o campo da comunicação, o qual se definiria como sendo o campo da psicanálise. Então, a psicanálise não passa de ser uma vasta, a mais genérica possível, teoria da comunicação. Assim como comunicação é isso que essa psicanálise apresenta.

Pode parecer esdrúxulo de saída, mas temos fortes argumentos para indiciar desse modo o campo que estamos abordando. Como sabem, no Seminário de 96, seção de 24 de outubro, introduzi a questão da Transformática, que,

naquela ocasião, tinha a ver sobretudo com uma teoria do conhecimento, e que lancei mão dos Parangolés de Helio Oiticica para situar os Gnômones em sua relação de mapeamento e de epuração recíproca entre formações, que resultariam no que podemos chamar de conhecimento. Falei Trans-formática, embora o termo tenha a ver com o que chamamos comumente de transformações, sobretudo no sentido de Trans-formação. Ou seja, que tipo de transa existe entre as formações que comove nosso tipo específico de formação (que, este, por repúdio ao lugar de sujeito, chamo de Idioformação)? Que tipo de transas podemos conceber entre as formações, que, se somos nós que as concebemos, concebemos enquanto Idioformações? A Trans-formática seria uma teoria genérica da comunicação e portanto do entendimento, e não do conhecimento, tudo de cambulhada numa panela só, de maneira que teríamos uma imensa quantidade de formações resultante da transação entre formações consideradas por Idioformações. Este era o campo aberto genérico das comunicações, da produção de conhecimento e, sobretudo, no caso que nos interessa, da ação do que podemos chamar de psicanálise. O que se passa é um vasto movimento de tentativas, quando acontecem, de uma formação qualquer, por um interesse – e já que não estou falando em sujeito ou em objeto (que são categorias que não me interessam), temos que levantar esse interesse a cada momento – que determinada formação passa a ter por outra formação. Para pensar a questão, prefiro, então, generalizar isso com o termo bem brasileiro de **transa** entre formações.

Como sabem, abandonei o termo sujeito e, não por mera substituição, pois não é a mesma coisa, coloquei o de Idioformação, que são as formações parecidas conosco onde quer que apareçam. São formações complexas e que, ainda por cima, num horizonte último, têm a possibilidade de interveniência ou de referência a uma hiperdeterminação. Para além da sobredeterminação do conjunto das formações formantes dessa macroformação, ainda há, portanto, uma hiperdeterminação capaz de promover uma, ainda que momentânea, suspensão entre as formações e, de repente, o acontecimento daí proveniente de trazer a possibilidade de uma emergência qualquer de um indiscernível pintar

como discernibilidade. Tampouco gosto do termo objeto, compromissado com toda a história da filosofia e com uma psicanálise.... *dejà vue*. Prefiro considerar, na transa entre formações, os **atratores**. O fato de determinada formação funcionar como atrator para outra não qualifica objeto ou sujeito algum. Chamo de atrator na medida em que, na última instância do movimento do Pleroma, do movimento libidinal do Haver no sentido do cumprimento da ALEI, que é Haver desejo de não-Haver, temos o atrator que não há, chamado não-Haver, mas que, de qualquer modo, funciona mesmo assim como atrator do movimento libidinal do Haver. Como sabem, todas as formações, seus movimentos e possibilidades no seio do Haver, considero-os como declinações do movimento originário da relação de Haver com não-Haver. Se não-Haver, mesmo não havendo, é o atrator dos movimentos libidinais do Haver, o que quer que compareça de maneira declinada entre as formações do Haver são declinações, rebaixamentos – antigamente, chamava-se *pecado* –, que podem funcionar como declinações desse atrator. Então, eventualmente, as formações, mesmo sendo trancadas com suas fechaduras particulares – e, se não tivessem fechaduras, seriam abertas, portanto, não configuradas –, podem funcionar como atratores ou serem puxadas por outras que as atraem por algum motivo, alguma razão, que está em sua própria constituição de formação. As transas se dão aí nesse campo: as formações podem ser indiferentes a outras formações ou tomadas como atratores. Como a atração é recíproca, pois nada conseguiria atrair outra coisa que lá não estivesse configurada como atrator, o que temos é uma transa entre formações que nós outros, com nossas formações e com nosso índice de Idioformação, podemos tentar remapear, refazer as épuras perenemente e produzir a massa multifária de atos comunicacionais e de atos de suposta abertura das fechaduras que, eventualmente, são atos analíticos e não podem não ser atos comunicacionais.

O que tentaremos desenvolver daqui para a frente, pensando em termos genéricos de transas entre formações e tomando pontos os mais diversos da questão, é a possibilidade de definir o que seja comunicação na pretensão de, juntamente com isto, podermos definir o campo do que se apresentou como

psicanálise. Isto não é uma epistemologia ou uma teoria matemática da comunicação. Como disse há dois anos, *a Transformática não é senão um longo, infinito e variável processo de colheita e arquivamento das transas entre formações*. É a transa infinita entre as formações no regime das Idioformações. Poderíamos também pensá-la como **certa ordem computacional adicionada à hiperdeterminação**. É como se a Transformática fosse **uma hiperinformática**, pois a informática disponível, que seria **capaz de conciliar todos os arquivos e manter o levantamento perene das formações e transações entre formações** ainda é um pouco acanhada para o que requer a Transformática. Não consta de nenhuma informática disponível a possibilidade de hiperdeterminação, mas nada impede que a informática possa pensar, para o futuro, a possibilidade de construção de algum aparelho, algum **logon**, algo dessa ordem, que desse conta de, pelo menos, a aproximação do que temos colocado como hiperdeterminação.

Temos os piores hábitos possíveis quanto ao que se costuma chamar de comunicação. O próprio termo, por conter a raiz ‘*comum*’, sugere que há comunicação quando há justaposição, sobreposição ou encaixe de coisas comuns. Ou seja, que a comunicação se daria na ordem do consenso. Geralmente, quando pensamos estar nos comunicando com alguma pessoa, algum texto, alguma coisa, a idéia mais freqüente, pelo menos do senso comum, é a de que há uma boa transa, de que estamos concordando com algo. Justamente aí os teóricos da comunicação costumam introduzir sua crítica dizendo que não deve estar havendo comunicação alguma no lugar onde tudo se reconhece reciprocamente. É mais ou menos o que, na cabeçota de Lacan, apareceu com o nome de imaginário. Se as coisas são projetadas reciprocamente umas nas outras, se há uma espécie de bi-univocidade entre duas formas, isto é da ordem da paralisia, não havendo processo comunicativo algum. O imaginário é o campo do consenso, da mesmice das formações. Por outro lado, esses mesmos teóricos – e isto invade o campo da teoria matemática da comunicação, da cibernética, dos autores que conhecemos: Shannon, Weaver, Wiener, isto é, toda a herança da teoria da comunicação – mostram que não pode ser conside-

rado informação o que não seja causador do que chamam “ruído”, que é justamente o que parece interferir na ordem do consenso, da aparência da boa forma, na comunicação. Então, mesmo algo novo, um dito novo, que não esteja em meu repertório, por exemplo, quando aparece diante de mim, funciona como ruído, atrapalhando a felicidade do meu consenso interno, da minha boa estada na ordem suposta comunicativa. Assim, uma informação seria o que viria como novo, atrapalhando a idéia, pelo menos corriqueira, de comunicação. E onde fica a tal comunicação? No consenso, na mesmice, ou na entrada do ruído que ainda tem que ser assimilado?

No nível do que pensamos como hiperdeterminação, as formações que estão por aí, consideradas em bloco com sua estada dentro do Haver, já estão decantadas. Então, pode haver informação entre uma e outra formação que não contenha partes das formações que estão em jogo, mas, no nível da decantação, são formações já postas e que, mesmo que não haja consenso entre elas, já estão aí. Só haveria ruído no nível da emergência do novo, de um discernimento qualquer no seio do indiscernível levantado por ocasião do acontecimento, que é o fenômeno da hiperdeterminação. Haveria (e costuma haver) aí uma comoção no nível do que chamam de ruído. É claro que, diante de um ruído, as formações que estão decantadas se sentem agredidas, e que, imediatamente, são agredidas, queiramos ou não ou queiram elas ou não. Como vêem, isso tem um bocado a ver com a teoria biológica de Maturana e Varela, que supõem que não há efetiva transa entre as formações biológicas, e sim que a presença de uma irrita a outra e a outra tem que se movimentar porque houve irritação. Esta irritação, a meu ver, já é algum tipo de transa, já é produção de uma agressão em qualquer nível. Precisamos pensar em todo e qualquer tipo de formação posto dentro do Haver e o que acontece de interferência, de intervenção, de irritabilidade, de agressão, entre essas formações, as quais procuram ficar fechadas dentro de sua estabilidade sistêmica, mas que, ao mesmo tempo, sofrem impacto de outras formações, algum tipo de agressão, que frequentemente tornam a outra formação um atrator para a formação de cá. E também a presença, absolutamente singular, de formações como a nossa, de nossa espécie,

que, de vez em quando, são acossadas pela hiperdeterminação e invadem o mundo das formações de maneira também agressiva. Afora a hiperdeterminação que controla o Haver em sua pleromicidade e que, de tempos em tempos, se faz manifestar em grandes cataclismos universais, ou, se não, simplesmente em seu empuxo libidinal capaz de arrastar as formações, mesmo que não sejam Idioformações, para determinado caminho de conflito e de verdadeira imposição de transação.

A psicanálise, desde o começo de sua tentativa de existência, compareceu como um esforço de transação, de colocar formações uma diante da outra, no sentido de estabelecer alguma abertura, encontrar coincidências, consenso; mas também de encontrar dissenso no sentido de estabelecer um processo qualquer de comunicação que supostamente deslocaria alguém do lugar de prisão a determinadas formações excessivamente trancadas. Os chamados neurótico, psicótico, morfótico, essas configurações nosológicas que a psicanálise conseguiu apontar, sejam herdeiras da psiquiatria, da medicina, do que for, são configurações fechadas, com suas fechaduras impedindo que sejam movimentadas no sentido de possibilidade de perene transação com a mudança das formações no seio do Haver, dentro da vida. Só por aí já temos o direito de pensar a psicanálise como teoria da comunicação. Uma vez que é através deste aparelho psicanalítico que estamos tentando pensar a teoria da comunicação, podemos dizer o contrário também, que a teoria da comunicação não é senão o que a psicanálise tenta pôr no mundo em todos os níveis. Não qualquer psicanálise, mas esta de que estou falando, que, porque situou sua existência a partir da reafirmação e generalização do conceito de Pulsão, necessariamente 'de Morte', não deixa fora de sua reflexão o que é da ordem do Primário. Como sabem, ela inclui o que é da ordem do Primário no regime mesmo das formações recalcantes e recalçadas. Ou seja, o conceito de recalque vai ao Primário. Então, a teoria se generaliza, posso ter uma vasta teoria psicanalítica que seja uma completa teoria da comunicação e que possa mesmo propor uma teoria do entendimento do conhecimento sem ser necessariamente uma epistemologia regida pelos campos filosóficos conhecidos.

Como devem lembrar, no Seminário passado coloquei a questão das **Solitariedades**. Já que estava tão na moda o consenso democrático e a solidariedade da democracia, essa baboseira que desde a Escola de Frankfurt sabemos que não funciona, haja vista para tudo o que foi pensado por Horkheimer, Adorno, Benjamin... As pessoas esquecem que isso já foi pensado e retornam com a mesma baboseira, os grandes afetos democráticos de solidariedades, etc., os quais são politicamente desenhados e não conseguem ultrapassar o limite de suas fechaduras locais. Algo tem que ser procurado num nível mais adiante para até pensarmos a possibilidade de poder requisitar alguma solidariedade para além dos registros partidários. Eu falava em Solitariedades, no regime do que chamo de hiperdeterminação e, portanto, de Vínculo Absoluto, que é o lugar onde, pelo menos, posso começar a pensar a possibilidade de, mediante uma farta e ampla teoria da comunicação, baixar o nível das Solitariedades para as solidariedades e pensar o que se pode fazer nesse campo. Mas é preciso começar do cume da questão. E falava também da questão do transar e do transir, constituindo o aparelho nosso como Metapsicanálise, na medida em que tem que refletir sobre a própria psicanálise em suas funções de transação entre formações. Essa teoria generalizada da comunicação não pode deixar de escolher como ponto fundamental de sua reflexão o transir, do verbo transir, ou melhor, o transar, do verbo transar, bem mais brasileiro. Toda a questão é pensar as formações, a fechadura dessas formações e quais são as possibilidades, as condições, de abertura de determinadas fechaduras, por atração recíproca ou não – às vezes, há atração e, às vezes, as formações não funcionam como atradoras –, para que haja transa entre as formações. Isso em todo e qualquer nível do conhecimento, da física, da biologia, das ciências humanas, da psicanálise, da metafísica, se quiserem. Em qualquer nível de reflexão, a psicanálise propõe que é preciso pensar sempre como transir, como transar, e quais são as condições de descrição o mais próximo possível de cada formação. Ou seja, quais são as condições de produção de épura das transas entre as formações. É claro que essas épuras são produzidas por formações como a nossa, que chamamos de formações hiperdeterminadas e que necessariamente estão em

jogo no processamento da reflexão sobre essas transas. Afinal de contas, até hoje, que saibamos, só há conhecimento, pelo menos transcrito, produzido por Idioformações. Embora, pessoalmente, não tenha nada contra dizer que determinadas outras formações acabam produzindo conhecimento também, só que não tive acesso. Não sei por que não reconhecer que uma épura provável, mesmo sem a decantação de uma hiperdeterminação entre formações não hiperdeterminadas, não possa ser colhida como efeito de entendimento na transação entre formações. Mas isto é ainda muito perigoso, fica para ser tratado depois.

Aqueles que queiram acompanhar mais de perto o desenvolvimento da primeira parte deste Seminário, devem ler as seguintes seções dos Seminários anteriores. Em *Est'Ética da Psicanálise – Parte II* (1991), a seção 7 sobre Luto e Melancolia. Em *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral* (1995), a seção 4, intitulada 'Belo, Bom e Barato'. Em *Comunicação e Cultura na Era Global* (1997) as seções 13 a 17. É esta parte final do Seminário do ano passado que trabalharei primeiro.

Como vêem, quero começar pelo fim. Acho mais interessante. Muitos livros que lemos de trás para a frente são mais interessantes, pois, já sabendo a conclusão é que vamos ler por que o autor chegou lá. Mas quero começar do fim porque, se é preciso pensar a psicanálise como comunicação porque quero pensar o que possa ser uma teoria da comunicação e o campo da comunicação, preciso começar a pensar de um lugar em que haja o cume, o vértice, da comunicação. Lugar este onde fica abalada a comunicação. Não é paradoxo, mas simplesmente que, no vértice da hiperdeterminação, no lugar que chamo de Cais Absoluto, onde se propicia o que tenho chamado de Vínculo Absoluto, é onde toda comunicação seria absoluta. Isto na medida em que pudéssemos nos colocar numa posição de indiferença para com todas as formações que residem abaixo desse nível. Daí para baixo, qualquer queda, decantação, pecado, declinação, explode o Haver em miríades de formações que se excluem. Daí a dificuldade de pensar a transa entre essas formações, justamente por causa de suas fechaduras, de suas organizações sistêmicas separadas de outras forma-

ções. Então, no que esta psicanálise supõe haver um lugar chamado Cais Absoluto, onde se pode tomar referência na hiperdeterminação e, nem que seja momentaneamente, tornar-se indiferente às diferenças internas do Haver, este é o lugar da absoluta comunicação, onde não dá para dizer coisíssima alguma. Ali, só fazendo silêncio. O silêncio absoluto entre nós é absoluta comunicação. Não é questão só de calar a boca, mas, por exemplo, silêncio no sentido de Wittgenstein. Não dá para falar, então, no máximo, fica-se perplexo e produz-se silêncio. É uma impossibilidade de dizer. Isto é que é um silêncio, e não simplesmente porque as pessoas não estão a fim de bater boca no momento. É claro que todos vocês estão a fim de bater boca, ou de ouvir alguém fazê-lo, se não, nem estariam vocês aqui. É preciso que isso faça referência ao lugar de hiperdeterminação, de Cais Absoluto, onde a indiferença para com todos os bate-papos cria um lugar de absoluta indiferença, que chamo de Cais Absoluto, e de absoluta comunicação, onde nada se pode dizer.

Este é o lugar de referência de nossa espécie. Lugar cuja referência permite a suspensão das diferenças, que permite que não sejamos, por exemplo, os animais que costumamos ser cotidianamente o tempo todo. Digo isto porque, embora muitos tenham acreditado e tentado nos fazer acreditar num tal sujeito que estaria sempre disponível entre as cadeias de significante, ou que vive pendurado no rabo de Deus, essa coisa não costuma comparecer. O que comparece são neo-etologias, neo-zoologias, os verdadeiros animais secundários que costumamos ser, raramente tendo referência suprema a uma hiperdeterminação, sem possibilidade alguma de sujeito, apenas com o acontecimento de pintar a hiperdeterminação. É claro que vivemos acossados pela simples razão de sermos Idioformações. Mesmo que a hiperdeterminação não esteja funcionando agoraqui, somos pessoas um pouco angustiadas com a lembrança de, uma ou algumas vezes, termos passado por esse terror. Mas estamos angustiados a partir do lado de cá. São os neo-animais que ficam angustiados. Os santos, que supostamente habitam o lado de lá, não estão nem um pouco angustiados, ou não estariam se estivessem, pelo menos.

A referência de Cais Absoluto, de hiperdeterminação, de Vínculo Absoluto, é o lugar, enfim como última instância, desde onde devêssemos começar a pensar a questão da comunicação. Esse lugar tem sido apontado e pensado em diversas instâncias da reflexão humana: filosofia, arte, religião, etc. No escopo de certos pensamentos, como, por exemplo, o medieval e o clássico renascentista, isso comparece com muita frequência na obra de arte e na filosofia. E, digamos, a aparição mais veemente, mais próxima de nós, dentro de uma linha de pensamento vigorosa, é na filosofia de Kant. Isso comparece nesses lugares com o nome de **Melancolia**, que pode parecer simplório a nós outros, acostumados a tomá-lo nosologicamente. *Melanos* é preto, é a ordem da negritude psíquica, da escuridão, do luto enquanto roupa preta, se quiserem. Vamos, então, começar pensando por esse lugar estapafúrdio, que tem sido chamado de melancólico. E, para além das nosologias que se utilizam do termo, tem sido chamado assim como o lugar da excelência, das virtudes. Sobretudo em Kant, é apontado como o lugar do homem virtuoso. Digamos mesmo que Lacan, como bom kantiano – e cada vez melhor se o descobre assim –, não tivesse deixado de apontar esse mesmo lugar ao lembrar a derrelição freudiana, a *Hilflosigkeit* e, em certo momento de sua obra, que a cura psicanalítica estaria no regime da queda radical do imaginário, da perda radical das ilusões imaginárias. Aqui, tentaremos pensar esse lugar com acento no Cais Absoluto. Isto porque, desde ele, pensaremos a questão da psicanálise como teoria genérica da comunicação, e a questão da comunicação como campo enquanto podendo ser designado e pensado por essa psicanálise a partir da última instância de comunicação absoluta, em absoluto silêncio, na emergência do que já chamaram por aí de melancolia. Sem termos que necessariamente fazer sobreposição com o que, na nosologia, frequentemente chamam de melancolia. Poderemos talvez encontrar um nome mais adequado, para uso contemporâneo, desse lugar.

Como sabem, com muita frequência esculhambo com o melancólico. Seminário passado, fiquei um tempão esculhambando com Kant e todos que restaram fixados no lugar da melancolia. Isto porque, como verão no desenvol-

vimento do Seminário, há duas posturas visíveis diante do termo. Uma, um pouco virada para dentro; outra, para fora. Dentro e fora são tolos aí, pois uma está virada para as decantações do campo do Haver, e outra, para a hiperdeterminação. Costumo dizer que o melancólico de consultório, esse que vai lá tratar de sua melancolia, é aquele a quem está faltando dar um passo, uma voltinha qualquer. Ele conseguiu chegar a sentar-se no Cais Absoluto, mas permanece demasiado apegado à sua nostalgia das queridas formações anteriores. Não dá um salto a mais que lhe permitiria retornar a essas formações num jogo um pouco mais lúdico. Ao invés de dar um salto para a frente e depois retornar numa boa e poder manejar tudo isso confortavelmente, ele fica ainda antes do salto olhando para a hiperdeterminação, mas querendo carregar junto as formações. Há que se despojar delas, dar o salto e, depois, até tomá-las de volta. É a diferença entre a aderência sintomática às formações e a simples manipulação dessas mesmas formações no regime do que, junto com Freud, costumo chamar de juízo foraclusivo. Isto faz uma diferença extrema e talvez seja o cerne de uma análise.

Terei, portanto, que caminhar junto com essa gente toda medieval, renascentista, os artistas, Kant, até o cume horroroso da chamada melancolia. Mas não quero ser conivente com a bobice da nossa melancolia de aprisionamento sintomático às velhas formações. Preferiria abandonar o termo, que, embora bem bolado, sofre um rebaixamento horrível quando chamamos de melancólico aquele sofredor inveterado, que não é um melancólico no sentido pleno do termo e do questionamento que encontramos na história do pensamento, pelo menos da Idade Média para cá. Deixarei o termo para a nosologia e tentarei arranjar outro para o lugar da cura, da reflexão sobre a possibilidade da cura, da comunicação, da transa, etc. O percurso será por aí durante o ano, iniciando pela questão do ápice da comunicação. Depois, desceremos para pensar coisas como: a minha Gnômica, que trata da temática do conhecimento; a vontade maneirista na obra de arte, que passa também por esse terceiro lugar; a questão da melancolia como índice de virtudes, se não de salvação, pelo menos de possibilidade de salto, etc. Vocês poderiam fazer um trabalho

interessante de procurar pelos textos existentes a questão da melancolia: na Idade Média, no Renascimento, em Kant, em Freud, na psicanálise em geral, nas discussões que existem hoje. Acho que a visão nosológica rebaixou muito o que se pensava sobre a melancolia. Por isso, fico na crítica, às vezes um pouco veemente demais, à posição de Kant, por exemplo, pois dá a impressão de que ele fica aprisionado, se não inteiramente, pelo menos demais, à mesma vertente da nosologia.

Fico por aqui nesta introdução. Se quiserem, podem colocar questões.

- Pergunta – *Dá a impressão de que você vai retomar a comunicação num sentido mais aberto, mais amplo. O que já foi, em certa medida, trabalhado por autores que querem pensar uma semiótica universal das coisas, ou seja, estender os fenômenos semióticos do universo a uma microfísica, passando por todas as produções do campo humano, seja arte...*

No Brasil, o pessoal que trabalha a partir de Peirce está nessa. Meu aparelho não é o de Peirce.

- P – *Ou seja, o modelo deles de comunicação não considera um local, apresentado em sua teoria, que é o da hiperdeterminação.*

E tampouco deixa em aberto. Eles têm princípios de aproximação já fartamente designados, com aparelhos determinados, na obra de Peirce e consequentemente de seus sucessores, que não deixam, como quero deixar, em aberto a pura e simples consideração da produção de épuras das transações entre as formações. Isto sem designação de tipologia prévia dessas configurações. Não só Peirce colocou assim, como seus descendentes partem dessa tipologia e da necessidade de uma semiótica que dê conta dela. Acho que não dá para abrir mão disso, no que diz respeito ao pessoal peirciano. Quero uma teoria tão genérica da comunicação que chegue a ser capaz de coincidir com uma teoria tão genérica da psicanálise quanto a que a Nova Psicanálise propõe, que é a da consideração descritiva agoraqui, *ad hoc*, das formações. Isto até como teoria do conhecimento. Veremos, no futuro, que frutos dará para o homem do século XXI, munido de aparelhos cada vez mais sofisticados de computação, ou seja,

de produção de arquivos. É o homem dos arquivos. Não gostaria que isso constituísse necessariamente uma semi-ótica. Prefiro que seja uma ótica completa. Aliás, comecei na Universidade como professor de semiótica. Naquele tempo, chamávamos de semiologia só para não sermos americanos.

19/MAR

Primeira Parte

INVOCACÃO DE SATURNO

2

MELANCOLIAS

Conforme disse da vez anterior, a questão da psicanálise e da comunicação, no caso da nossa teoria psicanalítica, encontra seu vértice na região da hiperdeterminação. Por isso, começarei por aí. O cume da comunicação e o cume da incomunicabilidade passam pelo ponto que chamo de Cais Absoluto, o qual neutraliza as polarizações ditas ‘internas’ do Haver, ao mesmo tempo que é dele que se exaspera a relação entre Haver e não-Haver. Exasperação esta que se maximiza no lugar que chamei de Gnoma, que não é lugar de sujeito algum, pois esta categoria não me interessa, mas é onde qualquer eu, Idioformação, pode se encontrar com qualquer Eu supostamente divino. No Seminário de 96, *Psychopathia Sexualis*, intitulei a primeira seção do segundo semestre de *A Hipótese Deus*, e formulei que esta hipótese permanece inarredável uma vez que, aí no lugar de exasperação, nossa espécie, juntamente com qualquer outra que fosse hiperdeterminada, colocaria um lugar de indicação, quem sabe, de alguma força transcendendo, embora não transcendente, ou seja, um esforço de transcender a formação do Haver. Eu ou Deus é a mesma coisa. Nesse lugar aí habitam várias formações precípuas de nossas manifestações.

Intitulei a primeira parte deste Seminário *Invocação de Saturno*, referindo-me a um deus que, seja como divindade, seja como nomeação astrológica de um planeta, de uma situação zodiacal, tem sido, pelo menos de Grécia e Roma para cá, responsabilizado por toda a pletora de acontecimentos na região

da hiperdeterminação. Por isso, a questão que se apresenta com mais frequência em relação a esse lugar é, muito para aquém das nosologias psiquiátricas e psicanalíticas, pelo menos na cultura ocidental, a da chamada **Melancolia**. Tudo fica confuso nesse lugar, pois, desde os estados nosológicos descritos pelos mais diversos autores e qualificados de melancólicos segundo determinadas vertentes fisiológica, psicológica, psiquiátrica, etc., no sentido de se encontrar o tratamento dessa afecção, dessa doença, até o que, também com o mesmo nome, se reportou com frequência à pura e simples (não sei se é o nome adequado) tristeza do homem lúcido diante de sua situação no seio do Haver.

Como devem saber, antigamente existia a doutrina dos quatro humores, que pretendia endereçar o entendimento do que se passava com os seres humanos relativamente às suas posições temperamentais. Os humores de base e que organizavam os saberes a respeito das nossas situações de humor, como se diz, humorais, eram: o sangue; a bile amarela, supostamente produzida pela vesícula biliar; o fleugma; e, por último, a bile negra, supostamente produzida pelo baço (sabemos, hoje, que o baço não produz nenhum tipo de hormônio). Os humores humanos, os temperamentos, se classificavam conforme a distribuição dos indivíduos por essas categorias humorais. O sangue, quente e úmido, era o humor da primavera; a bile amarela, quente e seca, era o humor do verão; o fleugma, frio e úmido, era o humor do inverno; e esse que nos interessa hoje, a bile negra produzida pelo baço, fria e seca, era o humor do outono. Portanto, a melancolia era outonal. Não desenvolverei isso aqui, pois há farta bibliografia que pode ser consultada sobre as questões relativas a essa distribuição humoral dos seres humanos. Mas o lugar do melancólico é um bocado problemático, porque, ao mesmo tempo que é indicado com todas as características ruins, se não péssimas, de tristeza, improdutividade, excessos, até relativos aos tesões, aos excessos de glutoneria, de erotismo, de preguiça, a todo tipo de coisa ruim, esse mesmo lugar sempre foi indicado como o das melhores coisas excepcionais, o lugar do gênio, da sensibilidade extremada, das fúrias, sobretudo das fúrias dos heróis, dos grandes, etc.

Há um conjunto de pequenos textos, atribuído a Aristóteles, intitulado *Problemas*, cuja seção 30: *Da Reflexão, do Intelecto e da Sabedoria*, parte 1, trata da questão do melancólico. Aristóteles, ou seja quem for o autor, começa perguntando: “Por que todos os homens que foram excepcionais em filosofia, em política, em poesia, ou nas artes, eram manifestamente melancólicos? E alguns deles a ponto de serem tomados de acessos causados pela bile negra...?” O que causa mais espécie não é nem a questão tratável medicamente, por exemplo, da melancolia dos discursos patológicos ou nosológicos, mas sim a da melancolia como o lugar de excesso, de exceção, justo onde, segundo o texto de Aristóteles e de outros que virão depois, da Idade Média em diante, aparecem as pessoas de maneira excepcional nos mais diversos campos da criação humana. E isso cria um sério problema. O texto do problema 30, parte 1, é bastante longo, leiam-no para saber a respeito do que essas pessoas de tanto tempo atrás pensavam sobre a questão da melancolia. Kant é, digamos, entre os grandes, o último tratador da questão nos mesmos termos da tradição greco-romana medieval. No texto intitulado *Observações sobre o Sentido do Belo e do Sublime*, coloca as coisas da mesmíssima maneira: “Aquele cujas emoções o conduzem à melancolia não é chamado melancólico porque sofra de um abatimento profundo e lúgubre tal como a privação das alegrias da vida poderia suscitar nele, mas sim porque sua sensibilidade, quando é exacerbada para além de certo ponto, ou quando, por alguma razão, é dirigida para uma via errada, atinge esse estado mais facilmente do que atinge qualquer outro”. Kant introduz assim para contar que esse tipo de ser em particular tem um sentimento do sublime. Mais uma vez, se não a vontade romântica de designação do gênio, pelo menos a vontade kantiana de designação do sublime, em contraposição ao simples belo, colocam aí, no mesmo lugar onde se encontra o melancólico, essa exasperação.

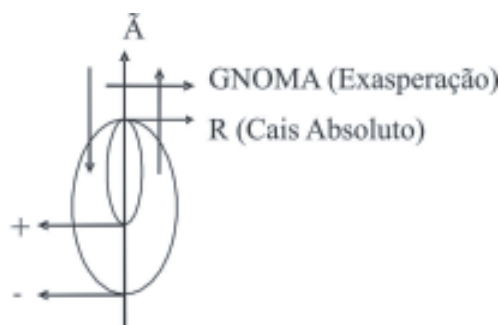
Há grande quantidade de estudos e trabalhos escritos, entre os quais o do famigerado Sigmund Freud, a respeito do que possa ser a melancolia. Em sua grande maioria, se não em sua totalidade efetiva, são fracassos. A todo momento que Freud aborda a questão, ele exige um trabalho posterior, uma vez

que se sente incompetente para resolvê-la, e a aponta como muito difícil, se não impossível, de ser recortada. Dele para a frente, há farta bibliografia, sobretudo nos sentidos nosográfico e nosológico. Tudo muito ruim. Algumas vezes, a melancolia é descrita como neurose, outras, como psicose, e em outras ainda, tem-se a audácia de querer situá-la como perversão. Freud inventou o termo, meio safado, meio de escapatória, de *neurose narcísica*, que não significa absolutamente nada e não consegue desenhar uma nosologia, mas que lhe serve para enfiar algumas coisas que não sabia, entre as quais a melancolia. Recentemente, uma autora francesa, Marie-Claude Lambotte, produziu um livro enorme, *O Discurso Melancólico*, que ainda não li todo, para tentar demonstrar que, afinal, é necessário estabelecer algo mais concreto, lacanianamente trabalhado, para efetivamente distinguir a melancolia como neurose narcísica da cambulhada nosológica em que andou mergulhada sem verdadeira distinção. Sabemos mais ou menos como deve se encaminhar um desenvolvimento desse tipo, lacanianamente construído. Acaba naquele negócio do Outro, da mãe, do Nome do Pai, essas coisas... Sem adiantar muito até onde eu poderia chegar com isso, lembro que já de algum tempo tento situar o que chamei **Tanatoses**. Situei a reflexão nosológica sobre os acontecimentos psíquicos como: neuroses, morfozes, psicoses e tanatoses, sendo que, estas, é o lugar que menos desenvolvi. Teremos ocasião, este ano, para conversar bastante sobre ele. Esses aparelhos, que chamo de tanáticos, são muito claramente definidos, de maneira que podemos sair da questão, a partir dessa colocação já um pouco mais antiga, com algo muito específico a respeito dessas afetações. Isto, diferentemente dessa trambolhada que existe na história das nosografias e nosologias.

Nossa ferramenta, tal como está constituída, nos permite pensar uma região adequada para inscrever questões como a da melancolia, que não é nada fácil segundo o modo com que os textos foram produzidos até agora. Como vimos, ali estão inscritos de cambulhada tanto o que quer que possa ser designado para os melancólicos como doentinhos – como portadores de uma afetação não meramente patológica ou de um *pathos* genérico dessa afetação,

mas sim de uma nosologia típica –, quanto, também, para aqueles excepcionais da espécie humana, os maiores criadores, que sempre foram considerados meio melancólicos. O que é verdade, pois toda vez que nos deparamos com alguém de muita grandeza, percebemos que é um pouco decepcionado, tristonho aparentemente. Só não quero concordar em dar o mesmo nome para as duas afetações. Nome este que, desde Aristóteles, por exemplo, vem sendo modulado para se tentar explicar a diferença entre duas formações, aparentemente tão díspares, de melancolia. Aristóteles chamava uma de melancolia como doença, que apelidarei de melancolia nosológica, e a outra de melancolia natural. O natural da melancolia que ele indicava não era senão certo tipo de temperamento melancólico, que não chega a se tornar doentio, e onde habitam as questões da sensibilidade e da inteligência excessivas, da criação, da exacerbação em todos os sentidos. Podemos sustentar nossa reflexão longamente em torno desse lugar para pensar a questão dos dois modos como ela aparentemente se nos apresenta: o nosológico e o natural, de Aristóteles. Ambos, com o mesmo nome de melancolia. Melancolia é, para eles, o nome mesmo do tal humor (negro) produzido pelo baço. Esse humor dos “humoristas” de então seria o responsável tanto pelas doenças melancólicas, quanto pelo estado natural de melancolia daqueles que são excepcionais.

Ora, que diabo é isso de alguém ser excepcional no sentido colocado para a melancolia dita natural? Não é senão alguém que parece com o Haver. Excepcional, está relativo àquilo que os gregos chamavam de *Hybris*. ***Hybris* é o excessivo, o que vaza todos os limites, extrapola todos os fechamentos, é o excesso, o rompimento.** Tudo que acontece no nível da melancolia dita natural, pelo menos, é hybrístico, ultrapassa os limites. Ultrapassa coisa nenhuma, apenas faz o esforço de ultrapassar. Ninguém poderia ultrapassar os limites, simplesmente porque não há limites que não sejam o eterno retorno do Haver sobre si mesmo. Mas são pessoas hybristicamente movimentadas, talqualmente é o Haver em seu movimento do Tesão, da libido do Haver. *Hybris* do Haver no sentido do desejo de não-Haver segundo a fórmula que já conhecem: $A \rightarrow \tilde{A}$.



Daí, termos que conversar longamente sobre tudo que, em meu Revirão – que representa o movimento do Pleroma, do Haver –, acontece na região do Cais Absoluto e da hiperdeterminação. Como sabem, conformemente com as colocações que tenho feito em torno de neurose, morfose e psicose, tudo aí se passa em função dos vetores. Para recortar nossa questão, temos que refletir no sentido de entender as duas vetorizações em sentidos contrários. Digamos que uma, \downarrow , empuxa, recoloca as coisas, para dentro do Haver e não pode não ser decantadora do que é visado como atrator último de todo o movimento, que é o não-Haver. Ao passo que o movimento inicial é no sentido do vetor contrário, \uparrow , isto é, do próprio não-Haver. Então, considerar essas coisas vetorialmente, como empuxo para o centro do Haver; como retorno da viagem tentada para o não-Haver; como empuxo do próprio movimento plerocinético, que não é senão a própria libido do Haver; e como tentativa de transcendência, sem conseguir, pois tudo aí é imanente (o movimento é considerado transcendental porque tenta colocar-se no lugar do atrator que não há) – isso é uma diferença de postura, de direcionamento, de movimento, que pode, talvez, nos explicar as pequenas questões que ocorrem em torno da região de hiperdeterminação, de Cais Absoluto e de exasperação híbrida do lugar que chamei de Gnoma, onde, às vezes, pode sentar Eu ou Deus. Assim, repetindo, segundo nossa impressão, tudo se passa no caso de vetorização do movimento na região do Cais Absoluto e da hiperdeterminação. As tanatoses, ainda que com sentido nosológico, terão que ser compreendidas neste quadro. Elas são radicalmente diversas de neuroses, morfoses e psicoses. Lembro que meu conceito de psi-

cose nada tem a ver com nenhuma forclusão de significante como em Lacan. Muito pelo contrário, é uma extensão quantitativa do próprio conceito de neurose, com a idéia de hiper-recalque. Portanto, sobretudo na contraposição entre tanatose e psicose, em sendo psicose produzida por hiper-recalque, as tanatoses estão num movimento muito em oposição às psicoses. Por isso, jamais elas poderiam ter sido entendidas como psicose, ou mesmo como neurose.

Nesse mesmo lugar, os tratadistas apontam a oposição, se não mesmo o Revirão produzido em indivíduos, entre melancolia e mania. A mania dos heróis, o excesso da sensibilidade poética, a vontade maníaca dos grandes visionários, insistentemente dada em determinada tecla. Certa vez, andei criticando longamente, com má vontade, essa mesma postura de Kant na comparação com o que diz Espinosa, que “tristeza é covardia”. Meu interesse naquele momento, e posso criticar agora outra vez, era no sentido de mostrar que, ao indicar que era preciso exacerbar sem aprisionar-se na tristeza, Espinosa parecia mais lúcido do que a confusão que me parece permanecer no texto de Kant, que é semelhante àquela antiga de Aristóteles e da Idade Média entre os dois casos de melancolia. Fica mal parado o conceito kantiano uma vez situado por Espinosa. Então, retomemos a questão do excesso, do excessivo, que é a mesma do movimento libidinal do Haver. O Haver é excessivo, ou seja, é em seu movimento que podemos descobrir que não há falta alguma. A aparência de falta é ao-depois do excesso: na requisição excessiva é que algo que não vem pode ser anotado como falta. Então, não é a falta que constitui o movimento, contrariamente ao que pensam Lacan e os lacanianos. O que situa o movimento do Haver, como o das pessoas como nós, que são hiperdeterminadas, é a *hybris*, o excesso, que é compatível com o movimento do Haver. É preciso estabelecer as diferenças, pois o melancólico doentinho, nosologicamente inscriível, vive na impressão de que lhe está faltando algo e que, por isso, está assim dodói. Ou seja, o melancólico nosológico é lacaniano, na medida em que a falta parece estruturar para ele todo o seu existir.

Já tratei destas questões em outros momentos. Em 91, falando justamente do melancólico e do lutuoso, fiz uma rápida abordagem de *Luto e Melancolia*, de Freud, no Seminário *Est'Ética da Psicanálise* – Parte II, seção

7. Coloquei a questão em torno dos vetores pensáveis na relação de movimento do Pleroma em conformidade com ‘Haver desejo de não-Haver’, e disse que, uma vez encontrado o Cais Absoluto, posso ter duas posturas absolutamente contrárias. Posso dar o passo a mais de me abandonar à situação, numa renúncia até mesmo de ser sujeito, pois não há sujeito algum, e me entregar aos sabores do Haver em sua vontade de não-Haver, e, depois, com isso, ter renunciado o suficiente para retornar com um mínimo de aderências às formações modais do Haver e aos sintomas cotidianos. Aí eu estaria no empuxo do movimento vetorial que acompanha a *hybris* do movimento plerocinético: estou indo para lá e deixa ir. É o tradicional e conceitual “foda-se” do brasileiro. Ou, por outro lado, poderia ficar contemplando o atrator, que é um buraco, pois não existe. E se contemplá-lo, faço um buraco em mim. Fiz até a brincadeira conceitual de dizer que ou é um buraco no mundo, ou é um buraco sem mundo. Mas essa postura é de, mesmo tendo esbarrado no Cais e estar contemplando o não-Haver, me manter inteiramente aderido às minhas formações sintomáticas, que não quero abandonar. Por isso, aqueles que trataram da questão pensaram até que fosse neurose, pois parece o apego do neurótico às suas formações sintomáticas. Mas o neurótico faz um apego direto, adere e não quer abrir mão delas, mesmo não sentado em Cais algum e não visualizando o horizonte esburacado. A situação do chamado melancólico é completamente diferente, pois é a de alguém que tem alguma lucidez, sacou que só tem essa joça, que não há nada do outro lado, que não tem papai do céu, nem o paraíso, nem ao menos o inferno para se divertir. Ele tem alguma lucidez, esbarra num aparelho, não há nada para além disso, só há o lado de cá, com toda essa joça em que vivemos, etc., mas não diz “que se dane!” e permanece apegado aos pedidos, às demandas que fazia antes ainda de sua lucidez. Ele ainda quer aquilo tudo. Ora, ele vai quebrar a cara já quebrada, pois, no que os vetores o empuxam para as formações modais do Haver, ele fica sentado e a única coisa que pode sentir é desespero, tristeza, desinteresse, e não indiferença.

Este é o lugar da Indiferença radical. Os brasileiros mal informados têm o hábito de supor que indiferença é desinteresse, quando basta abrir o dicionário de latim, de português ou de outras línguas neo-latinas, para ver que

indiferença é muito mais rico que *diferença*. Reconhecer uma diferença é muito importante, mas ser indiferente a isto ou aquilo me enriquece, pois tanto faz. Não confundir, portanto, a indiferença de quem está no Cais Absoluto e que, por isso, está disponível para a exacerbação da diferença absoluta que há entre Haver e não-Haver. Daí, os delírios místicos daqueles que pensam poder tocar alguma divindade nesse lugar. É a *hybris* indicando que deve haver alguma coisa na exasperação entre Haver e não-Haver. E há: é uma exasperação, que chamo de Deus, de Eu, fico genial, faço alguma coisa. O tal melancólico nosologicamente concebido é aquele que não faz isso. Ele reconhece o Cais Absoluto, a indiferença, mas esta, para ele, por excesso de nostalgia, ao invés de enriquecê-lo, torna-o não apenas indiferente, mas desinteressado. Ele não consegue capturar a operação por extenso. A coisa fica tão grave que ele, cada vez mais, tem lucidez suficiente para reconhecer o Cais Absoluto, a indiferenciação radical, sua defrontação com o não-Haver, mas não o suficiente para embarcar de vez nessa porque continua apegado às suas demandas. Para este eu reservaria o nome de melancólico propriamente dito, tal como se escreve nas nosologias. Como o tema é muito comprido, precisaremos de várias sessões para tratar dele, portanto, ficarei hoje só na questão do melancólico doente ou natural. A postura do outro caso, que não quero continuar chamando de melancólico, é que ele é capaz de olhar para lá, indiferenciar e dizer: “foda-se, vamos brincar assim mesmo, pois não estou nem apegado e não há mais nada para fazer”. É preciso que a lucidez seja extrema, pois o que existe no melancólico é que sua lucidez – no sentido mesmo de fazer análise, de alcançar uma limpeza, *Clean-Ics*, nessa ordem – é meio mixuruca. Ele reconhece o Cais Absoluto, reconhece uma indiferença, vê um horizonte que não tem nada para lá, mas fica apegado às suas demandas e fica burro como todo doente (que costumamos ser o mais freqüentemente). Fica estupidificado porque sua lucidez não é extrema. Reconhecer a indiferença não é necessariamente ser tão lúcido a ponto de assumi-la. Ficar penalizado com a indiferença é a estupidez do melancólico. Por isso, não quero chamar de melancólico o outro, o piradinho, o exacerbado, de Aristóteles ou Kant. Mesmo porque não há humor

negro algum na bÍlis preta ou no baço para garantir isso fisiologicamente, e nem temos que seguir os erros da psiquiatria ou mesmo da psicanálise mais recente.

O que acontece e que os teoremas não têm tido ferramentas suficientes para enfrentar é a reversão radical de vetores. Mesmo que se possa fazer uma cadeia contínua de posições quantitativamente mais ou menos melancólicas – e estou apenas mostrando os dois casos extremos –, nas pessoas efetivas, nos chamados gênios das artes, da filosofia, nos heróis históricos, etc., encontramos sempre certo quantum da melancolia de cá, nem que seja como decepção em relação às suas demandas todas do passado, mas, às vezes, ela é mínima e essas pessoas conseguem viver no cume da exacerbação. Isto a ponto de serem trancafiadas como se fossem loucas varridas pelos imbecis, que, estes, são meramente neuróticos ou psicóticos. É o caso, por exemplo, de um Artaud ou da pressão excessiva que se faz sobre pessoas como Nietzsche, que acaba pirando mesmo, pois não encontra nenhum esteio para permanecer em seu voo. Muito pelo contrário, como sabem, qualquer chegadainha que se dê ao lugar de hiperdeterminação faz as pessoas ficarem preocupadas com sua própria loucura e começam a jogar pedras, fazer assassinatos culturais, coletivos, a tentar arrancar um braço, uma perna, qualquer coisa, para que aquele que vai lá não ande tão depressa. Um pequeno ou um grande assassinato, pois incomoda demais à possibilidade de loucura do outro ver que alguém está voando sem motor. Com motor, já nos acostumamos, mas, sem motor, o pessoal – pessoas muito boas, com as melhores intenções do mundo – fica muito preocupado e começa a produzir cercos de destruição desses que não chamarei de melancólicos. O melhor nome para eles seria **lúcidos**. Como diz Fernando Pessoa: Merda, sou lúcido!

Dentro das questões nosológicas que têm sido tratadas pela psicanálise, poderíamos ainda pensar uma situação para esses lúcidos. É justamente a oposição que Freud fazia entre luto e melancolia, que trabalhei um pouco no Seminário de 91. Desde então, chamei atenção para o fato de que, no cerne da Nova Psicanálise, a diferença era vetorial. O melancólico é aquele que fica aferrado vetorialmente às suas demandas do passado, mesmo tendo certa luci-

dez para enxergar a decepção. Já o luto no sentido freudiano, como sabem, é sempre de uma perda concreta: perdemos algo; isto faz um rombo em nossa situação; teremos que operar esse rombo no sentido de compará-lo com o absolutamente desejado; com o tempo, fazemos aqueles movimentos, todos excessivos, de acolhimento e repúdio do que foi perdido; para, finalmente, termos condição de restaurar o mundo sem aquilo e distribuir nosso investimento libidinal por outras coisas que sobraram. A diferença que os tratadistas mais apontam é que, mais freqüentemente, o melancólico parece não saber o que perdeu, só sabe que é muito triste, e o lutuoso sabe indicar o que tem perdido (porque fulana o corneou, porque sicrano morreu, porque é um exilado, porque querem ver sua caveira, etc.). Os melancólicos não saberiam, pois a única coisa que percebem que perderam não há. A decepção é pior: ao esbarrarem com o Cais Absoluto, notam que perderam coisa alguma. Ou seja, o não-Haver não há, era só um movimento. Mas ficam ligados a isso na exigência de que lá haja algo. Diferentemente daquele que chamei de lúcido, que diz: “Que bom que não há, pelo menos estou livre até mesmo de requisitar algo no lugar, qualquer coisa serve”. Ele reconhece justamente aquilo que o melancólico não quer reconhecer, que é sua absoluta condenação a essa joça. Sua vida é eterna, não adianta nem morrer. O melancólico não quer aceitar isso e prefere manter algo do outro lado... e ficar eternamente frustrado. O único jeito é virar legume para não sentir mais nada.

A questão é fundamental, pois o homem da lucidez encarna a *hybris* não faltosa do Haver. O que há é excesso, coisas demais e ele requisitando justamente o que não há. Como não há nada do lado de lá, retornemos e vejamos no que dá. E mais, reconhece que está condenado, não tem saída. Nem se matar adianta. Pode ser apenas a suposição de uma sensação futura que ele não gozará. É o único lugar onde o suicídio tem decência. O melancólico quando tenta ou consegue o suicídio, é no sentido de sacanear o não-Haver ou aqueles que o decepcionaram quanto ao não-Haver. Ou seja, é um doente. Temos que tratar dele para ver se consegue algo. O lúcido sabe que não lhe adianta nada. Não que não vá se matar, mas o faz com decência, e não para

conseguir nada ou para escapar de algo. É só um chega, basta, *ça suffit*, por algum motivo. Eu diria que o homem da lucidez é um homem de luto, mas não de um luto qualquer, desses que Freud ou a psicanálise conseguiu nos apresentar. Para escrever a palavra com convicção, digo que é o homem do AB-SÓ-LUTO. Ou seja, o homem da extrema lucidez é aquele que vive em estado de luto. Ele não pode fazer o luto pleno porque iria desaparecer, mas pode tomar tudo que comparece diante dele como algo de que se deve já-já fazer o luto. E viver em estado lutuoso, sem ficar choramingando por causa disso. Ele pode se divertir com o que pintar, porque ninguém é de ferro. Qualquer gozo que lhe oferecerem é seu, ninguém tasca. Mas luto do quê ele consegue fazer perene-mente, para o resto de sua vida? É de cada uma das situações, de cada um dos objetos? Pode até parecer isto, mas, uma vez reconhecido em extrema lucidez esse lugar, sem ficar doentinho de melancolia, o que vai fazer é **o luto da morte**. Ou seja, **a morte não há**, está na cara. Não adianta nem se encontrar com ela, não vai se salvar nem através dela, não será um gozo. Não há nada do outro lado, tudo é imanência pura. Então, há que passar o resto da vida fazendo o luto da morte. Ou seja, **reconhecendo sua eternidade e sua condenação a essa eternidade. Sua vida é eterna, jamais estará a ponto de reconhecer o seu termo**. Pode ficar conjeturando um monte de besteiras. Pode ser filósofo idealista alemão, ser Heidegger, ser para a morte e toda a bobagem que os maníacos depressivos da ordem da melancolia ficaram sonhando na filosofia. O tal ser para a morte é coisa de melancólico. E o chato é que a morte não há. Se não, poderíamos fazer um gesto maravilhoso, dar um tiro na cabeça, passar para o outro lado e sacanear todos que ficaram do lado de cá. Não há como ganhar esta guerra. É condenação à eternidade. O jeito é ficar costurando para o resto da vida o luto da morte que não há.

Como vêem, começamos a mostrar não só sobre a melancolia do ponto de vista nosológico como também sobre o lugar que não quero chamar de melancólico, e sim de lúcido ou ab-só-luto, pois me permite acesso ao Vínculo Absoluto, ao reconhecimento da hiperdeterminação, à invocação do Deus que

é capaz de criar o tempo e devorar seus filhos, devorar suas próprias produções.

- Pergunta – *O melancólico, doente da tanatose, parece que só tem feitiços, mas não a experiência do belo. O belo como decantação do sublime...*

Esta será a questão da próxima vez, o belo e o sublime. Mas é o contrário. O melancólico é muito apegado às suas belezas, às suas bonitezas. Ele as adora e não pode imaginá-las mortais, ou seja, perecíveis. Ele terá que levá-las, como fez Dante Alighieri, para o outro lado, nem que seja o inferno. O melancólico prefere o inferno a nada. Insuportável é que não haja nem nada, que não haja nem ao menos a morte. A coisa toda se joga, no nível filosófico da questão, se quiserem, na diferença que traz a Nova Psicanálise, que é de não colocar nenhum ser para a morte e nem mesmo admitir se falar em morte. Aí é que, em nosso pensamento, a coisa se exaspera em último grau.

- P – *Esse luto tem a ver com a criação?*

Sim. Tudo que possa acontecer de criativo em qualquer sentido, o herói, o santo, o gênio, o artista, etc., não é possível sem retorno de uma decepção. E sem retorno, principalmente, da decepção fundamental.

- P – *O místico é o melancólico natural?*

Estamos falando aí é do homem curado da psicanálise. A cura e a ética da psicanálise são no sentido de produzir esse lúcido, o curado, o decepcionado. Mas é um barato, não fiquem tristes, pois não tem nem mais compromisso com o outro lado.

- P – *É uma diferença de grau entre o doente e o lúcido?*

A diferença é vetorial. Gostaria de insistir no fato de que todos os aspectos, tanto nosológicos quanto os surgidos em nosso teorema, devem ser tratados em termos de vetores. Há diferenças de grau nos vetores, isto sim. Ninguém pode supor, muito menos eu, que o fato de haver um lúcido, em ab-só-luto, em seu retorno, ele venha limpinho da silva. Há graus. Aqui e ali existe um rabo melancólico. Ele ficou muito tempo acostumado, acreditando em bestei-

ras, e, vez em quando, se distrai e elas voltam. É o retorno da besteira recalcada. Mas o importante é, daí para a frente, permanecer no que chamo de Análise Efetiva – a Análise Propedêutica é a do encontro da coisa, da decepção –, que é aquela que, com ou sem ajuda, será feita para o resto da vida, para poder fazer o luto da morte que não há. E não ficaremos bons disso jamais. Vai ser eterno. Talvez o inferno, ou o céu, o paraíso, sejam isso.

26/MAR

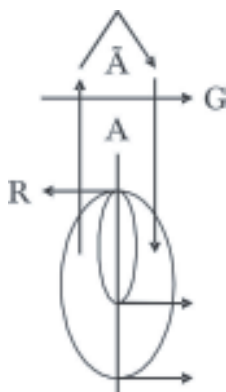
3

DA SUBLIME HAÇÃO

Estávamos no que introduzi com o nome de Transformática. Na primeira seção, trabalhei de modo geral sobre esse termo e disse que devíamos começar do vértice, do cume da questão, pois é nesse mesmo lugar de extrema aproximação de não-Haver que podemos considerar o cúmulo da comunicação, justamente no cúmulo do silêncio e da incomunicabilidade. Continuo trabalhando nesse ponto para, mais tarde, descermos a esferas menos exasperadas, mais desenhadas do ponto de vista do conteúdo. Na segunda seção, fiz um desenvolvimento em torno da questão da melancolia do ponto de vista patológico ou nosológico e do ponto de vista que Aristóteles chamava natural que, este, é a nossa vivência em torno da região extremamente difícil da aproximação do Real (no sentido de neutralidade que toma em nosso teorema), bem como do Cais Absoluto, e bem como da aproximação da exasperação em relação à hiperdeterminação, lugar onde funciona o que chamei de Gnoma e que é também o lugar de certa exasperação onde a humanidade tem colocado suas idéias de Deus.

Hoje, ainda considerando o vértice, a região de aproximação do não-Haver – se é que esta aproximação é possível –, quero retomar a questão do Sublime. Recomendei que lessem uma seção do Seminário de 1995, intitulada *Belo, Bom e Barato*, onde fiz algumas considerações sobre o Belo e o Sublime. Repetindo o que lá coloquei, essas questões me parecem ser melhor pensáveis e abordáveis na aproximação desse mesmo lugar em que estávamos

na consideração da melancolia. Se vocês se recordam, naquela ocasião eu tentava, do ponto de vista da Nova Psicanálise, dar uma resposta a questões da filosofia kantiana que aparecem repetitivamente (pelo menos nas salas de aula). E também porque temos que dar respostas a isso, se não por nada, pelo simples fato de que o próprio Freud introduziu o termo de *Sublimação* e o conotou a diversas formações freqüentemente arroláveis no campo da estética, em relação com o belo, etc. Esse ponto me parece de extrema importância para o desenvolvimento tanto de nosso teorema quanto das questões clínicas, práticas. Eu citava então certas indicações de Kant quando aponta para o excessivo, para o que extrapola, para a tentativa de representação de Nada no processo da sublimação. Deve haver algum motivo para essa gente ficar interessada em definir o sublime, ou a sublimação, e estabelecer uma diferença para com o belo, para com os arroubos de beleza, de maravilha.



Tentei resolver a questão apresentando-a subdita aos vetores com que tenho encaminhado cada uma das questões da Nova Psicanálise. Apresentei dois vetores na, se podemos falar assim, *relação* do Haver com o não-Haver: o vetor do belo é descendente, como se fosse no sentido do não-Haver para o Haver; ao passo que o do sublime é ascendente, do Haver para o não-Haver. Isto no sentido de que, na relação do Haver com o não-Haver, poderíamos conceber que quando se produz algo que possa ser considerado belo, é como se

fosse uma decantação do atrator que podemos considerar como causa da plerocinese, do movimento libidinal do Haver. O belo seria uma espécie de redução dessa causa em algo que exista ou tenha sido produzido no seio do Haver. Lacan costumava dizer que o belo é a última parede que construímos diante da idéia de morte, é a última barreira a impedir que nos aproximemos dessa idéia. Mas essas pessoas são compromissadas com o tal ser para a morte, que nada tem a fazer aqui em nosso papo... Estou dizendo que, do ponto de vista da relação estrutural entre o Haver e o não-Haver, segundo nossa concepção, o que quer que designemos como da ordem da beleza, em qualquer momento de nosso percurso – que pode ser mais ou menos avançado –, é como se estivéssemos indicando aquele objeto como um atrator de nossa fascinação, e que, portanto, o que designamos seria nada mais nada menos do que uma declinação, uma decantação, do não-Haver. Este, do ponto de vista da estrutura da plerocinese, seria o atrator absoluto do movimento do Haver, a causa de todas as nossas movimentações libidinais. Nomeamos como belo toda vez que algum elemento, alguma formação interna ao Haver compareça espontaneamente – isso que chamam de natural –, ou tenha sido industrialmente produzida – isso que chamam de artifício –, no lugar reduzido desse atrator. Algum aspecto de beleza emprestamos a essa coisa que comparece diante de nós, nem que seja um corpo humano, uma paisagem, uma árvore. E também essas coisas que, chamando de obra de arte, supomos (pois não o fazem necessariamente) que pretendam produzir algo de belo.

Em contraposição vetorial a esse movimento de decantação do atrator em atratores reduzidos na internalidade do Haver, coloquei o vetor do sublime, que me pareceu ser justamente o contrário. Ou seja, toda vez que algum acontecimento, algum fenômeno, qualquer coisa, posta espontaneamente ou industrialmente, mesmo que seja uma obra de arte, se encaminha no sentido de querer desaparecer, dissolver-se no lugar do não-Haver, no lugar do atrator, estaríamos no movimento de sublimação. Vejam que é muito diferente uma coisa da outra. Toda vez que estamos, por exemplo, querendo produzir uma obra de arte ou indicar algo que já exista por aí – o corpo humano, etc. – como

sendo dessa ordem, ou sendo tomado por essa formação desse modo, como algo que é mesmo esse atrator fascinante e que nos dá a impressão de beleza, estamos designando alguma formação distinguível como decantação, metáfora, redução ou declinação desse atrator. Isso é facilmente compreensível, mas coisa muito diferente é podermos conduzir uma formação espontânea ou industrial ao movimento de empuxo no sentido de seu encontro com o atrator que não pode ser reduzido. Então, se no movimento que chamo “o belo” estamos num processo de redução, decantação, declinação do atrator impossível de ser atingido, no outro, não há tentativa alguma de redução. Muito pelo contrário, aí, mesmo que não se consiga – e certamente não se consegue –, está-se no movimento de dissolução de alguma formação recusando que seja ela o atrator e fazendo com que se movimente no sentido do atrator “verdadeiro”, embora impossível de ser atingido, e tentando fazer com que isso se dissolva lá.

Espero que esta definição nos sirva até mesmo para entender os processos de sublimação tal como apontados por Freud, por exemplo, e na psicanálise de modo geral. Diferentemente da curtição, digamos, de um objeto parcial no sentido freudiano, de um objeto *a* no sentido lacaniano, aos quais, dados seus poderes de atração e fascinação, pode-se frequentemente, se não sempre, atribuir um valor de beleza, os movimentos de sublimação têm seu motor e seu endereçamento no sentido da dissolução dessas formações nalguma formação impossível de ser atingida. Mas, no processo de sublimação, o que nos interessa é o empuxo e não a consecução. Ora, do ponto de vista freudiano ou da psicanálise em geral, o que é uma sublimação? Como se lembram, a penúltima definição, chamada lacaniana, do próprio Lacan, é até uma frase poeticamente muito bem feita: “Elevar o objeto à dignidade da Acoisa”. Ou seja, qualquer formação, conduzida a um processo de sublimação, estaríamos tentando fazer com que ela pudesse alcançar o lugar do não-Haver, aproximar-se da hiperdeterminação. Como não é possível chegar ao não-Haver, pode-se, pelo menos, chegar ao Cais Absoluto, ao Real absolutamente indiferenciado e indiferente que coloco no vértice da plerocinese, lugar desde onde se aspira ao não-Haver, desde onde se propõe até mesmo dar à exasperação que nos pare-

ce suprema o nome de divina, de divindade, de Deus, ou de Eu. Eu, despojado de todas as formações que fazem lastro para meu assentamento no seio do Haver, quem é? Deve ser Aquilo. Portanto, a definição de Lacan, tanto do ponto de vista poético quanto do ponto de vista que interessa à sua produção teórica, é perfeita. Nós outros, na tentativa de vetorizar – e não falando do sublime, que não se encontra jamais, pois seria o não-Haver, no sentido mesmo do processo de sublimação na química, de transformar imediatamente o sólido em gasoso, não passando pelo estado líquido: a solidez da formação do Haver se vaporizar imediatamente, sublimatoriamente, em não-Haver –, diremos que é no vetor de uma formação em seu encaminhamento para o não-Haver que podemos situar o processo da sublimação. Aliás, é o que encontramos nos movimentos e expedientes que a psicanálise tem encontrado e nomeado como sublimação.

Entretanto, tudo isto é relativo. Na medida em que é impossível efetivamente sublimar, é impossível conduzir imediatamente uma formação à sua situação de sumiço em não-Haver. Então, todas as sublimações, assim como todos os processos de produção do belo, são relativizados por seus níveis de operação no seio mesmo do Haver. Se ficarmos pateticamente olhando para a definição maravilhosa de condução de uma formação à situação de um atrator absoluto, começaremos a desvalorizar ou avaliar mal todos os processos disponíveis de sublimação que podem existir no seio da maior baixaria, no seio da *cloaca maxima* da cultura humana. Assim, todo e qualquer procedimento de encaminhamento de determinada formação nesse sentido já é, por si mesmo, sublimatório. Basta não estarmos estacionados numa formação em sua situação atual, para já estarmos em processo de sublimação. Qualquer movimento que ultrapasse os limites da mera etologia, do mero Primário, já é um movimento sublimatório, queiramos ou não. Podemos até fazer uma associação desse movimento sublimatório com o movimento de encaminhamento do Primário para o Originário que aponte nas próprias formações da cultura humana em seu processo, que considero necessário, de desenvolvimento segundo o que chamo creodo cultural:



Tanto do ponto de vista individual quanto do cultural, social, há um movimento sublimatório na aproximação do Originário, do lugar desde onde se pode contemplar com mais precisão o que seja da ordem da hiperdeterminação. Não estou dizendo novidade alguma, pois todas as culturas apontaram para o movimento no sentido divino, para o movimento sublimatório e mesmo santificador.

O dado bruto do Primário, aquilo que nos é dado autossomática e etossomaticamente, na medida em que nossa espécie se hiperdetermina originariamente tem, por isso, como consequência toda a formação secundária no momento de sua produção; e, depois que já está produzida, tem a tendência obscena de se transformar como algo da própria natureza do Primário, o que chamo de neo-etológico. Mas o movimento do Primário no sentido do Secundário e do Originário é, ele próprio, um movimento de sublimação. O que quer que aí se faça com esse vetor, com esse sentido, é sublimatório. Dada a experiência sublimatória anterior daquele que está diante do ato de sublimação, ele considerará maior ou menor essa produção. Isto em relação, por exemplo, às obras de arte. Se algumas são consideradas sublimes, deve ser porque, mesmo tendo sido produzidas como objetos, como formações já disponibilizáveis ali, parecem ainda insistir em nos fascinar no sentido do movimento de sua própria dissolução em seu encaminhamento para a hiperdeterminação. Ao passo que, diante de outras, ficamos apenas estasiados, pois são tão bonitas. É difícil saber que ingredientes ou que formações internas a essas formações eventualmente estejam nos conduzindo a considerar uma obra sublime e outra bela. É preciso um longo trabalho de consideração dessas obras. Elas também dependem de certa temporalidade, no sentido interno do Haver. Em que momento da história da humanidade, ou da minha, determinada formação parece carrear com mais força do que outra no sentido do atrator absoluto? Isso tudo deve ser relativo, mas explica qualquer processo de sublimação no sentido freudiano, por exemplo, que sempre é a retranscrição de algo sexualizado no sentido de uma instân-

cia acima do mero uso da sexualidade. Por isso, certa vez disse que não entendo porque a pornografia não seria sublimação. Nunca vi cachorro ou gato fazerem revistinha de sacanagem. Eles não fazem porque não têm a menor condição de sublimar sua sexualidade, seu tesão. Nunca tiveram condição de tirar do exercício imediato, digamos assim, da sexualidade e da sacanagem no sentido de transpor para a palavra e a imagem impressas, para a televisão, etc. E mais, fica difícil para qualquer ser humano que não esteja chafurdado em sua neo-etologia – e, infelizmente, na maior parte do tempo, é o que acontece – não estar em ato de sublimação.

Então, de alguém, pelo simples fato de estar sujeito a movimentos da hiperdeterminação, mesmo em seus movimentos eróticos imediatos, posso suspeitar que aquilo seja sublimatório. Aliás, faço hoje a proposta de que usemos a palavra **Alguém**, que, felizmente, não precisa nem de artigo, para substituir a besteira que chamávamos de sujeito. **Alguém, é uma formação complexa passível de ser tocada pela hiperdeterminação.** Não precisa estar sendo tocada, pode, no momento, estar quase com um estatuto de animal porque chafurdando demais em suas formações decantadas, portanto neo-etologicamente postas. **Basta que se faça a suposição de que tal formação é capaz de hiperdeterminação, já se pode chamar de Idioformação ou de Alguém**, e não de algo. Daí, podemos ver como fica relativizada a postura psicanalítica que costuma ter a asneira de pensar que sublimação é sempre da ordem da suspensão, da evitação, do embargo à sexualidade. De modo algum, e nem há isto em Freud. É justamente o movimento libidinal exercido agoraqui no sentido de uma ascensão qualquer que é o processo sublimatório, e não só porque alguns possam fazer embargo a esse movimento para sublimar também, mas no sentido da evitação, se não mesmo da levitação. Aí, é outro caráter sublimatório. Podem até, se quiserem, fazer uma hierarquia disso, se couber em algum discurso. O importante é lembrar que o puro e simples movimento erótico entre pessoas que possam se considerar Idioformações é, ele próprio, um movimento sublimatório. Por isso mesmo é que não trepamos como os gatos, os cachorros ou os cavalos. É um pouco diferente, até um pouco pior,

mais infernal. Ou a sublimação não é o inferno? Haja vista a chamada cultura, a civilização, que é o inferno.

Então, do ponto de vista vetorial, estamos considerando como sublimatório qualquer movimento, em seus graus diversos, no sentido do atrator absoluto, da hiperdeterminação. Considero assim qualquer tentativa em seus diversos níveis. Não posso exigir que todos estejam nos mesmos níveis sublimatórios, mas posso considerar que qualquer passo, mínimo que seja, em qualquer região do Haver no sentido do vetor é um passo sublimatório. Consiga ele muita coisa ou não. Isso é importante, pois temos que lembrar que a própria constituição das formações que eventualmente chamemos de belas e de outros atributos, como agradável, gostoso... Quando estou tomando um sorvete e digo que é maravilhoso, é o belo do paladar, o belo do olhar, do ouvido, etc. Precisamos lembrar que o movimento, em qualquer de suas sinalizações, sofre necessariamente um Revirão dos vetores: o que sobe pelo vetor do sublime (\uparrow) desce pelo vetor do belo (\downarrow). Em algum lugar compatível com o Revirão do Haver, isso revira necessariamente e, no empuxo do movimento libidinal, revira de novo e volta lá para cima. É o movimento perpétuo de ascensão e descenso no processo de vetorização do movimento libidinal. Digo que isso revira e desce porque não posso pensar a decantação do atrator absoluto em uma formação interna ao Haver, a constituição de algo de belo, senão como resultado decadente de um movimento que, primeiro, foi de ascensão, de tentativa de elevação a partir do ponto onde se estava anteriormente. Ou seja, se algo se constituiu agoraqui como belo – digamos, uma obra de arte se fez –, e se digo que houve hiperdeterminação para que isso se desse, essa hiperdeterminação – isto é, passou-se pelo lugar entre Haver e não-Haver – é porque o movimento pulsional foi no sentido do não-Haver. Não é possível, respeitados os diferentes níveis, constituir nada de belo que não seja tentativa do sublime. Então, o sublime terá graus. Se não acho mais determinada coisa agoraqui sublime porque me acostumei a muitas formações que estão compatíveis com seu grau de beleza e que estou curtindo já, no momento da produção do que quer que seja de criação – e o momento da criação, em qualquer ambiente, com qualquer tipo

de material, é o momento da obra de arte, do poético, do belo –, essa decantação se deveu a uma passagem por algum ponto de hiperdeterminação que é Revirão, que é reviramento de um vetor de sublimação. Então, isso tem que ser entendido na dinâmica dos processos de pulsão.

- Pergunta – *Para se ter a vivência do belo há que existir previamente a experiência de sublimação?*

Na mínima criação, independente do nível em que esteja agoraqui, tenho que respeitar que foi uma tentativa do sublime. Posso dizer, por exemplo, de alguém aprisionado demais por determinadas formações do Haver, que sua tentativa, a mim que estou rico neste momento, parece pobre, mas não posso deixar de considerar e respeitar o movimento sublimatório que ali aconteceu. Ora, não é exatamente isso que se propõe numa análise? Que se possam operar lindamente reconstruções de formações que se tornarão mais belas porque foi proposto um movimento sublimatório? Que se possa acompanhar pura e simplesmente o vetor do endereçamento do movimento da pulsão do Haver? Que se possa viver momentaneamente em compatibilidade com esse vetor ascensional?

- P – *Neste sentido, pode-se pensar no belo como efeito da própria resistência? Pode-se falar em resistência do sublime?*

Não falemos em resistência do sublime, pois, se fosse sublime, não resistiria. Falemos em resistência pós-sublimação, em decadência. Sempre estamos lidando com a decadência. Imediatamente, o produto começa a ser de repressão, a ser recalcante. Se duas ou três pessoas, diante de um acontecimento artístico, por exemplo, ficam encantadas e acham aquilo uma beleza, pronto, já começou a repressão. Isto é muito importante, pois atribuímos valor de censura apenas aos atos daqueles que consideramos assentados num tipo de poder e que pretendem barrar determinadas manifestações, mas precisamos ampliar o conceito. Uma vez que algo caia no gosto de um grupo, começou a censura imediatamente. Nossa tendência é sempre atribuir a um outro alguém o valor de censura, o lugar do censor, e também o lugar do poder, mas

isso é disseminado. Temos maiores concentrações de poder, de valor de censura, dos mais diversos níveis e dos mais diversos âmbitos das formações, em alguns pólos, e menores em outros. Não é possível a um psicanalista ficar pensando com a cabecinha boba de atribuir o poder sempre ao outro. O mais importante, do ponto de vista do psicanalista e do seu exercício na condução da cura, é reconhecer o uso dos poderes agoraqui, no seu ato, e que são poderes repressivos, recalcantes. Quando estou, aqui, produzindo este teorema, o que não estarei recalcando melhor do que isso, talvez, na medida em que se crê nisso? Entretanto, não é possível fazer nada sem recair na resistência, sem se aproveitar um pouco dessa formação recalcante. Por outro lado, não é aceitável não reconhecer, a cada passo, que é uma formação recalcante.

Temos tendência a, primeiro, ficar contra a produção que nos chega, segundo, nos acostumar a ela e, terceiro, barrar todas as outras em função dessa a que nos acostumamos. Isto é a estupidez do comum. Será possível um tipo de exercício, ginástica, malhação (como gosto de chamar a psicanálise) que nos mantenha sempre na elasticidade disso? Mesmo quando operando com convicção sobre determinado aparelho que se pretende usar? Estarei, então, operando com convicção, defendendo o valor do aparelho, mas, ao mesmo tempo, ou pelo menos alternadamente, podendo manter a suspensão. Se a psicanálise servisse para alguma coisa, seria a pedagogia de conduzir para a aproximação do Originário e de manter qualquer um, qualquer Idioformação, no processo de efetiva operação com as ferramentas, com os aparelhos, que tem, e na efetiva suspensão desses aparelhos e da crença exagerada neles. Isto não costuma ser comum, muito menos a psicanalistas carimbados. Por isso, é importante pensar para a teoria psicanalítica, como para a teoria da comunicação, o vértice com essas características que nos deixam mais mobilizados em torno dessas questões. Baixou dali, as coisas se decantam e começamos a acreditar demais nas formações. Então, o movimento hybrístico da espécie no sentido da aproximação do atrator absoluto é o responsável por todos os processos de sublimação, pela produção eventual do sublime, o qual é relativo no tempo e no espaço (que, para mim, como sabem, são categorias sobredeterminadas, e não

hiperdeterminadas). É no movimento do excesso, do excessivo, que me encaminho para a hiperdeterminação, sofro a queda indefectível dessa hiperdeterminação e posso recair criativamente na produção de uma formação nova ou, pelo menos, de mais uma.

• P – *Sua proposta de usar o termo **Alguém** é muito adequada. Sujeito não tem o não-sujeito e o Alguém tem o Ninguém. E o que você está dizendo agora me parece um jogo, uma tensão constante entre o exercício do Alguém e do Ninguém.*

Alguém e Ninguém são quase a mesma coisa. Alguém é uma Idioformação. Ou seja, a formação animal que temos, todo nosso Primário, todo nosso Secundário e com a disponibilidade para a hiperdeterminação. Nesse lugar aí Alguém e Ninguém ficam oscilando o tempo todo. Não quero o tal Sujeito em minha vida, ele está banido por enquanto. É preciso reprimi-lo para podermos dar entrada a outros troços por aí.

• P – *A comunicação só é possível no retorno do belo?*

Um ato comunicativo a respeito de algo só é possível no retorno. Só há *Also Sprach Zarathustra* quando ele desce da montanha. Lá em cima, não há. E nem na subida, pois enquanto sobe a montanha e enquanto lá em cima se hiperdetermina como tal, não há comunicação alguma. É preciso voltar e dizer o discurso do Zarathustra.

• P – *E contar um pouco com a resistência.*

Por isso, Zarathustra faz todas as metáforas que faz, inclusive as animais. Começa a expor seus animais, etc., para tentarmos entender o que se passa quando *alguém* considera essas formações. Mas sem o movimento originário do excesso, do excessivo, onde mora todo esse tipo de atuação, nada disso pode ser feito. É o mesmo lugar que, da vez anterior, eu situava como o da melancolia que não é nosológica e que chamei de lucidez. Parece um pouco triste, desencantado, mas é o excessivo do desprendimento. Então, a lucidez fica posta dessa forma. Outra coisa interessante também que se passa aí como movimento, que é da ordem do sublime e que será representada no mundo como da ordem do belo, é a santidade, os exercícios de santificação que alguns

fazem. Através da história, salpicadamente por aqui e ali, seja qual for o naipe cultural desse alguém, sempre há surgimentos, tentativas de excessiva sublimação querendo atingir o que poderíamos chamar de santidade. Não é à toa que Lacan dizia que o ideal do analista seria a santidade, só que não consegue, ele volta. Mas também os santos não conseguem, são apenas nomeados por via do belo, de uma narrativa maravilhosa, da obra plástica que desenha aquele cara. Ou senão, nos teatros da Broadway ou nos filmes de Hollywood, onde ela aparece como que desenhada no campo do Haver. Mas a santidade estaria na dependência também do movimento sublimatório, da tentativa de dissolver-se em Deus. “Morro de não morrer”, dizia Santa Teresa. Ou seja, vivo morrendo de não conseguir morrer de vez, me dissolver no seio da divindade. Mas como isso não é possível, o máximo que pode fazer é fundar monastérios, deixar por aí toda aquela beleza, mesmo arquitetônica, o espírito da ordem, a formação teresiana, etc.

Outra coisa sobre a qual gostaria de ter mais tempo para conversar, quem sabe da próxima vez, e que mora também por aí, apesar do ignorantismo militante do psiquiatra e do psicanalista, é algo que as pessoas não entendem o que seja e chamam de **borderline**. Faz-se todo tipo de exercício intelectual, psicanalítico, psiquiátrico para defini-lo e, muitas vezes, é atribuído a artistas, a pessoas excepcionais que não entendemos. Como o escaninho da chamada perversão que é um bando de asneiras, este é outro escaninho de bobagens na história da psiquiatria e da psicanálise. Começarei a adiantar a questão para ver se alguém tem algo para falar. O que chamam de borderline é uma caixa de gatos de várias coisas diferentes que nada têm a ver umas com as outras. Por exemplo, o conceito lacaniano de foraclusão do Nome do Pai não só é imperativo demais como é confuso, ou produz muita confusão nesse campo. A maluquice é psicótica ou de que outra natureza? De que loucura estamos falando? Como sabem, introduzi o conceito de hiper-recalque que me parece bom na medida em que, entre recalque e hiper-recalque, é preciso reconsiderar todas as condições. Não se pode dizer de tal coisa que, por si mesma, seja um hiper-recalque ou mero recalque. Há o jogo de cena que pode ter feito, em determi-

nado momento, que tal formação recalcante tenha funcionado como hiper-recalque, ou não. Então, há uma elasticidade, uma continuidade, entre recalque e hiper-recalque. Este é um recalque que, dadas as circunstâncias, terá funcionado como hiper-recalque. Pode ser o que chamei de uma neurose limite ou uma psicose limite. Pode ser que alguém tenha condições de passear tão longe nesse campo que só funcionará para ele como hiper-recalque um passeio longe demais, ou seja, o próprio Haver começar a funcionar como hiper-recalque. Isto porque esse alguém tem condições de passear muito longe no campo das formações secundárias ou até no campo da consideração das formações primárias. É claro que isso é extremamente difícil, mas é preciso considerar alguns nessa aproximação.

Por isso, falei em psicose limite. Mas não vamos ficar procurando psicóticos limites por aí. É mais fácil considerarmos que, na mesma região, na proximidade do mesmo vértice, aparece a forma mais precisa do que chamam de *borderline*. É a forma mais precisa porque as confusões no nível mais baixo, entre formações recalcentes mais ou menos poderosas com formações quase que psicóticas, fazem com que se chamem de *borderline* também pessoas que estão habitando essa região intermediária. Uma coisa é termos recalques e possivelmente hiper-recalques. Isso é contínuo, e não descontínuo, é circunstancial, gradual. Determinada pessoa pode viger num processo de forte recalçamento que, no entanto, ainda não conseguiu funcionar como um hiper-recalque a ponto de bandalhar toda sua estrutura psíquica e ela ter que fazer um processo de invenção delirante para a reconstituir, etc. Ela, às vezes a vida inteira, vive num recalque tão potente que parece psicótica. É pré-, mas não é. A isso chamam de *borderline*. Até do ponto de vista da titulação ficava mais parecido. *Borderline*, para eles, é alguém que fica entre neurose e psicose. Mas, quando apresentam certas posições importantes que chamam de *borderline*, não falam disso, e sim muito mais de alguém que está vigendo lá na aproximação do vértice. Encontramos essa confusão perenemente na psiquiatria e na psicanálise. Dá a impressão de que os autores ficam perdidos nesse lugar porque aí desenham tanto o intermediário quanto o que vai a instâncias muito

aproximadas como simplesmente outra normalidade. Não li ainda, mas fez-se até uma tese de doutorado aqui na Escola de Comunicação sobre o borderline como outra normalidade. Não sei como isso está sendo tratado lá, ainda vou estudar. Quero dizer que há outra instância, terceira, que é simplesmente o fato de se viver, a maior parte do tempo, na aproximação daquela região. Crianças e adolescentes passam muito por isso. A tal crise da adolescência é muito por aí. Não é crise alguma, mas simplesmente que, um dia, percebe-se que aquilo tudo era uma grande lorota. Aí, vai-se perguntar que lorota é essa. Então, fica a garotada toda em suspenso. E o pior é que, logo logo, caem da suspensão. Alguns conseguem mantê-la por décadas, outros caem logo, basta fazerem vinte anos e viram babacas como todo mundo. Mas, às vezes, surpreendemos a pessoa vivendo seu cotidiano naquela região – e chamam a isso de borderline.

• P – *O importante enquanto discernimento dessa questão é o fato de encontrarmos tantas pessoas que passam por essa zona de fronteira, que não são acolhidas e acabam virando psicóticas por tratamentos mal resolvidos.*

Acontece muito com adolescentes. A pessoa está nessa região, que é extremamente fecunda, é agarrada, psiquiatrizada e destruída. Pode transformar-se em psicótico e, pior, em imbecil, que é o mais comum. Não é preciso nem chamar a psiquiatria, a escola já é suficiente para isso. Estou criticando o conceito ao dizer que metem no mesmo saco do borderline todas essas coisas. O aparelho teórico que apresento parece recortar melhor e podemos dar nomes diferentes a elas. Existem neuroses tão pesadas que parecem quase psicose e existem avanços tão distanciados que o cara parece completamente louco. Não temos que chamar de borderline a nenhum dos casos. E existem simplesmente momentos da vida, ou pessoas que vivem a vida inteira, porque até escolhem sucessivamente, por ali. É o caso, por exemplo, de Lygia Clark, que é tema da tese de doutoramento de uma aluna aqui da Escola de Comunicação. Ninguém sabia se ela era completamente doida, neurótica, psicótica ou borderline. Xingam-na de tudo, principalmente de borderline. Isto, quando ela simplesmente escolheu viver nesse lugar de questionamento intensivo. Certa-

mente, no que escolhe, a coisa pega. E isso não é borderline, mas da ordem da sublimação.

- P – *É uma escolha?*

“Escolha” entre aspas. Não faço a menor idéia. Ou a pessoa caiu ali e até gostou, porque outras formações gostaram. Dentro de mim, as formações podem gostar de um troço que passa porque elas já estão disponíveis para isso. São até formações muito caretas, do primário, predisposições, como Freud falava.

- P – *Você não acha que, para a clínica, faz uma diferença grande se é uma escolha ou não?*

Acho que esta questão não deve ser colocada, pois simplesmente não interessa, não serve para nada. Toda vez que a coloco, estou no vício do sujeito, do objeto. Quando falo em escolha é acontecimento. Porque aqui e ali alguém está preocupado, envolvido, até falo essa bobagem de escolha. Mas é uma das formações que estão envolvidas. As formações acontecem naquela configuração. Aí, perguntamos para a pessoa, digamos assim, que está preocupada entre outras formações nesse conjunto de formações: você gosta? Adoro. Quem está dizendo que adora? É sujeito? Não, é outro conjunto de formações que sente muito prazer com isso e ao qual essa pessoa se reporta. Se houvesse o tal sujeito e lhe perguntássemos, a resposta seria: não faço a menor idéia, nada tenho a ver com isso. Se fizermos a questão no nível do Cais Absoluto, não há outra resposta.

Fico por aqui hoje.

- P – *O movimento do vetor em direção ao não-Haver é o do sublime, o retorno é o belo. O belo seria o reconhecimento desse movimento que se tentaria resgatar por uma formação consensual?*

Não há que fazer sociologia, pois isso está implícito. Se um chamou algo de belo, é porque lhe sucedeu isso. Se outros o chamarem também, é porque vários caíram nessa. O consenso já faz parte da política das formações do mundo.

- P – *Podemos ter movimentos sublimatórios que não sejam reconhecidos.*

É o que ocorre o tempo todo. É o que mais há, sobretudo no agoraqui. O quanto custa um quadro de Van Gogh hoje dava para ele pintar a vida inteira em paz, sem nunca mais pensar em sua sobrevivência. E de que morreu ele? De absoluta falta de reconhecimento. A ponto de preferir cair fora. Então, isso é outra história, é a política de reconhecimento no mundo.

• P – *Santa Teresa, quando funda a ordem das carmelitas, isto seria a constituição do belo de seu próprio movimento sublimatório?*

Sim. O que há de belo em Santa Teresa é sua obra. Não conheci a moça. São João da Cruz ficava cheio de tesão nela, gozando mesmo.

• P – *O caso de Van Gogh, hoje, principalmente dos anos 80 para cá, do jeito que a coisa está posta culturalmente, é muito mais uma força violentamente repressiva no campo da arte, da estética, da economia, do que propriamente o reconhecimento de uma experiência dessa ordem. Estamos vendo como esta experiência pode se tornar algo extremamente violento do outro ponto de vista, como resistência, recalque, até como uma espécie de mais repressão.*

Como pode também tornar-se um fator de guerrilha cultural, que ninguém está usando. Os procedimentos de mercado estão de tal maneira que, por exemplo, no campo das artes, simplesmente estar inserido no mercado já é merda por definição. O artista tem que ter essa humildade como exercício. Se não fosse merda, não o deixavam expor. Até os reconhecimentos estão contaminados por processos repetitivos. Faz parte da idéia do tal pós-moderno só se fazer citação, paródia. Fica difícil, não fica bem, se é que é possível, alguém realmente tomar a palavra, dizer algo. Não é ficar repetindo ou fazendo combinatórias. Tomar a palavra é assustador hoje. Está um pouco assim em qualquer parte do mundo, e não apenas na josta brasileira. O que temos é o comentário do comentário, a metáfora, a citação. Parece que estamos numa época muito pra frente, mas é mentira, é obscurantismo puro. Dado o equilíbrio precário das situações econômicas, culturais, teme-se que uma tomada de palavra faça ruir tudo.

• P – *Será que já foi diferente?*

Houve momentos em que até se esperava que alguém tomasse a palavra. A idéia de gênio do romantismo, por exemplo, é uma expectativa de que haja alguém iluminado. Hoje, as pessoas fazem um discurso de querer induzir-nos a pensar que isso não existe, que é balela de outras épocas. Elas têm é medo de que haja. Simplesmente, porque há. Não é possível que todos sejam da ordem do zoológico. Alguém deve ter um faro em algum lugar, em algum momento. Hoje, nem ao menos há a expectativa e há um horror muito maior disso, um horror coletivamente instaurado.

- P – *Mas horror sempre houve.*

Não da mesma forma. Não esse complô universal contra, e esteado em forças de poderes que nunca existiram antes. Poderes de mercado, de mídia, instalados e vivendo da mera recitação do que há. Se conversarmos com o pessoal de produção da mídia, esses que conduzem o perfil da cultura televisiva, ouviremos dizerem com a maior naturalidade que não fazem nada sem modelo. Ou seja, não existe uma novela, qualquer coisa, que não seja refazer aquele filme de John Ford, por exemplo. Tudo é modelar. Tente, em qualquer região da produção cultural, mesmo na universidade, se não sobretudo nela, dizer que não tem modelo nenhum, que quer ir por tal via, para ver o que acontece...

- P – *Nos museus europeus vemos a produção de Giotto e de seus contemporâneos. Havia muitos Giottos.*

Mas havia Giotto.

- P – *Como hoje há Spielberg.*

Não é que estejam copiando alguém que está criando. Estão copiando modelos que já viram, modelos do arquivo. Entramos no Rijksmuseum de Amsterdã e olhamos as centenas de quadrinhos, todos iguais, se encontrarmos um Vermeer no meio, o olho o capturará sozinho. Havia um Vermeer e cinquenta sub-Vermeers. É normal, não é disto que estou falando, e sim que lá havia um Vermeer e as cópias, e hoje não há. Os autores sabem disso. É a idéia de simulacro em estado absoluto. Isso não quer dizer que não existam pessoas criativas, e sim que não são bem-vindas. Tudo vai contra elas. Você não vai querer dizer que Spielberg seja alguma coisa? Só faltava essa.

- P – *Você não estava dizendo que Van Gogh...*

Mas Van Gogh não é Spielberg.

- P – *Não vamos discutir isto...*

Eu vou. Spielberg é um bosta que tem dinheiro para fazer macaquice no cinema. Não vamos confundir as coisas.

- P – *Mas você estava dizendo que Van Gogh morreu pobre...*

E Spielberg vai morrer milionário... com toda a lista de Schindler atrás dele...

- P – *O que você está descrevendo não é uma forma de perversidade instalada, como se fosse uma fobia da perplexidade?*

É determinado tipo de construto funcionando inteiramente como lei. Está em todo lugar, a dificuldade é sair disso. Acho que só se sai na hora em que tropeçar e cair de cara. Sem tropeçar, não sai.

14/MAI

4

PARA QUE HÁ PRECES?

Para que há preces? Vou logo adiantando a resposta: para que apresses.

É na região do vértice do Pleroma ou do Revirão que temos comentado as questões que dizem respeito ao absoluto, à melancolia – tanto no sentido nosológico quanto no sentido sei-lá-o-quê de Aristóteles –, assim como ao conceito de sublimação ou à idéia de sublime. Tudo, segundo nossa posição, encontra articulação nesse vértice. Os autores que tratam dessa região, sem saber o que dela estão falando, costumam situar aí também a violência. O que parece bastante razoável, pois nesse lugar de exposição da *hybris* é fácil entender que as violências são excesso, ultrapassam as formações concebidas, aceitas ou determinantes dos procedimentos sócio-culturais. Costumam também aí colocar a vidência. Não sei de que tipo, alguma paranormalidade ou simplesmente o fato, inegável talvez, de que a frequência desse lugar consegue permitir uma ampliação da lucidez. Ou seja, é óbvio que, por pura e simples desconexão por não aderência aos sintomas disponíveis, permite-se ver um pouco mais do que se consegue mediante as aderências sintomáticas. Por outro lado também, como já lhes disse, costumo colocar também aí o sibarita, o libertino, que são os nomes daqueles que se sentem à vontade para usufruir de seus prazeres, inclusive libidinais, no sentido sexual, se quiserem. Nomes estes neles colocados por aqueles que são fortemente inibidos nesse tráfego ou tráfico de tesões. É fácil também entender que se coloque ali o libertino, na medida em que ele parece se

lixa para algumas impostas limitações e optar pela excessiva volúpia ou excessiva freqüentação dos gozos disponíveis. É uma região em que é importante tratarmos, juntamente com o que tenho falado, e ao que oportunamente retornarei, sobre o caso das chamadas regiões fronteiriças do psiquismo, o *borderline*. O glutão também vai junto com o sibarita. É quase a mesma coisa, são os prazeres da carne, seja na churrascaria ou na cama.

Além destas que tenho trazido, há uma região que precisamos repensar e que vigora também bastante na aproximação do vértice a que estou me referindo. É a região das preces, dos transe, da hipnose, do sono, do despertar, e mesmo disso que alguns autores chamam de enfeitiçamento ou de feitiço generalizado da vida. Aí estamos em relação difícil de ser distinguida entre: o que é da ordem do etogramático, das formações programáticas do etológico; o que poderíamos chamar também de neo-etogramático, na medida em que o Primário acaba sendo modelo do que se decanta definitivamente em sintomas no Secundário; e os acontecimentos de hiperdeterminação. Então, por que as pessoas rezam? As justificativas mais costumeiras são as que aparecem em vários livros de sociologia, de religião, etc.: rezam para fazer um pedido, para interceder por alguém ou algo, para fazer confissão de algo que parece lhes pesar na alma como culpa ou coisa assim, para se lamentar de algo, para se colocar em postura de adoração diante de algo que parece superar todas as instâncias do Haver, seja Deus ou qualquer coisa dessa ordem, ou também para fazer algum agradecimento pelas graças que terão obtido não se sabe de onde. Mas o interessante é que as pessoas rezam e isso funciona. Não vamos extrapolar nossas possibilidades de entendimento, mas há alguns estudos, não posso garantir de que qualidade técnica de laboratório, que querem, se não demonstrar, pelo menos mostrar que, por exemplo, na região misteriosa que ninguém sabe muito bem o que é e, até por ignorância de médicos em relação ao que está acontecendo de fato no corpo, chamam de psicossomática, aparecem alguns efeitos como o sumiço de tumores de câncer e são dados, por alguns pesquisadores mais ou menos qualificados, como efeitos de orações ou do indivíduo portador dos tais tumores ou dos que rezam na tentativa de inter-

ceder a esse respeito. Há também alguns estudos – que olho com desconfiança, mas que estão publicados – de que há intervenção no crescimento de uma planta, na qualidade dos grãos de determinada safra, etc.

Que tipo de efeitos podemos esperar das preces? O que ali acontece? Não faz muito tempo, cerca de dois anos, uma amiga minha estava morrendo de câncer, em outro país, e a pessoa que lhe era mais próxima entrou meio em parafuso e resolveu arrumar um pouco a cabeça falando comigo pelo telefone. Eram duas pessoas da geração em que todos são comunistas, ateus, de esquerda, etc. Um dia, ela me diz que não sabia o que fazer e que lhe passou pela cabeça ficar repetindo as rezas de nossa infância e que isto dava a impressão de que a outra ficava mais calma. Eu disse para continuar repetindo todas aquelas rezas, já que estavam funcionando. Quer me parecer, então, que é inteiramente obscura, embora muitos trabalhos tenham sido publicados, essa região que fica entre a prece, os mais diversos transe, a hipnose, o que se passa com o sono efetivamente (que nada tem a ver com o que chamamos de hipnose, embora o radical *hýpnos* seja referido a sono e certos autores queiram chamá-la de “sono paradoxal”). Alguns pensadores de formação zen budista, cristã ou neo-cristã, como o Dr. Jacques Lacan, por exemplo, falam da possibilidade de momentos de despertar. Lacan ao mesmo tempo diz que estamos dormindo o tempo todo, que pensamos estar acordados, mas estamos sonhando de outro modo. É bem provável que isto seja o mais verdadeiro. Como poderia ser um despertar? Não sei por que, durante longo período – e isto já está praticamente exonerado do campo da reflexão a respeito desses fenômenos –, ficaram pensando que os processos de hipnose, de enfeitiçamento, de transe, só se davam em certos lugares e regiões específicas do social, com manifestações claras, óbvias de estar havendo transe ali, o que absolutamente não é verdadeiro. Aqueles que se dedicam à etologia, no sentido mais amplo e até ao que querem chamar de etologia humana, que é bem possível ser uma prática importante, chamam atenção para o fato de que mesmo a nossa espécie vive o mais freqüentemente em transe. É o óbvio ululante, e não sei por que não se quis enxergar isso antes.

Durante algum tempo, o pensamento a respeito dos fenômenos psíquicos quis se colocar no nível da mais pura abstração simbólica, do intelectualismo excessivamente exagerado. Critico isto não por ser intelectualismo, mas por ser capenga, por não querer deixar entrar como material de seu interesse, de sua reflexão, as coisas que acabei de mencionar e que eram relegadas ou a uma ordem externa ao discurso que estava abordando o problema ou, dentro desse discurso, a certa patologia, se não mesmo certa nosologia, que pudesse querer explicar o que estava acontecendo segundo, por exemplo, na psicanálise, a velha ordem das neuroses, psicoses e perversões, como diziam. É claro que esses aparelhos existem e tudo isso pode fazer parte de neuroses, morfozes e psicoses, mas fica um pouco difícil qualquer teoria que queira tratar de fenômenos relativos ao psiquismo supor que pode banir esses acontecimentos como se fossem estritos da ordem do real, do imaginário ou sei lá do quê e ficar fazendo minuetos analíticos no nível de significantes e coisas dessa ordem como se esses fenômenos não se impusessem com sua realidade. Lacan não era nenhum estúpido – a estupidez pertence mais aos descendentes – tanto é que supunha que, para além das manipulações possíveis no simbólico, lá estavam o imaginário e o real, que deveriam ser tratados de maneira específica e, enquanto esteve vivo para continuar lutando com as obscuridades do pensamento, jamais se fixou de uma vez por todas na questão das transações significantes. O último período de Lacan, que me parece o mais genial, era justamente o de empurrar as formações no sentido de seu impacto com o que chamava de real, supondo até que qualquer cura possível seria apenas o esborrachar-se de cara na parede dura do real. Mas como as pessoas ficaram com as coisas um pouco nos pratrásmente de Lacan, o que fazer?

Não podemos, hoje, mesmo sem a tolice de cair nas crendices a respeito de fatos esquisitos ou das explicações dadas por tribos mais ou menos organizadas em torno de rituais – seja de macumba ou de missa, dá quase no mesmo –, deixar de nos perguntar sobre essas questões, que não são explicáveis como simples crendices ou acontecimentos espúrios para além da reflexão intelectual, filosófica ou psicanalítica que queiramos sustentar. Efetivamente,

quanto mais se pesquisa, quanto mais se procura, não se encontra recorte nítido, distinção clara, na passagem de uma situação para outra. Por exemplo, a passagem do sono efetivo para a vigília. Supomos passar por um despertar. Apenas supomos. Podemos perguntar àqueles que vivem mensurando os fenômenos cerebrais e eles terão quinhentas explicações, mas nossas experiências são um pouco diferentes. Nas passagens do sono efetivo para o que chamamos de vigília não encontramos nenhum momento de nítida separação. Se supusermos um átimo, um breve instante de despertar, significa apenas que caímos imediata e redondamente de quatro em outro tipo de transe, que é este nosso cotidiano transido em relação às formações que nos cercam e que certamente nos sobredeterminam o tempo todo. O simples fato de estar aqui mais ou menos hipnotizado por certa formação que induz e conduz minha reflexão me deixa sempre um pouco desconfiado em relação a ela. Pode ser até importante, interessante, dado o tipo de sobredeterminação disponível agoraqui, mas talvez tivéssemos que fazer recorrência a uma instância que pudesse ser chamada de despertar para, pelo menos, manter sob suspeita a produção arborescente de discurso que supõe dizer a verdade sobre algo. Há certa continuidade e não sabemos surpreender nenhum ponto.

Podemos tomar um teorema, uma idéia, uma produção qualquer, dita sapiente e explicar com aquilo, mas estaremos de novo alugados a determinada formação explicativa, que não deixa de nos colocar em transe em relação a seu estatuto de formação. Não vamos deixar de fazê-lo, pois são os caminhos que temos, mas o que fazer com isso do ponto de vista de uma possibilidade de não sermos meramente neo-etológicos, de não estarmos simplesmente pondo em exercício neo-etogramas que nos são fornecidos pela cultura ou pelos saberes disponíveis agoraqui? Quero supor que o único recurso seria à hiperdeterminação: recurso à constante suspensão nem que seja pelo mero hábito de sustentar a suspeição em relação aos discursos que estamos proferindo agoraqui. Acontece que essas coisas efetivamente parecem funcionar aqui e ali de algum modo e é engraçado que todos, a partir de certa época para cá, parecem ter por obrigação moral, se não política, serem ateus, sem religião, etc., sobretudo os

intelectuais. É claro que existem intelectuais até igrejeiros, quanto mais simplesmente católicos apostólicos, qualquer coisa, que denunciam seu campo de hipnose religiosa e o deixam à vista. Estes são efetivamente visíveis, mas o mais engraçado é a quantidade de pessoas que se definem e se querem em ateísmo, contra todas as crendices e religiões, que, quando o destino lhes aperta os culhões, deitam no divã e dizem que ficaram rezando, pois as rezas lhes vêm à cabeça. Aí, temos que rir porque vêm mesmo. Por que as pessoas, nesses momentos, retomam as rezas da infância? Por mera referência sintomática a um momento em que foram acostumadas a repetir rezas implorando, agradecendo, etc.? Pode até ser. Mas por que fazem isto antes ainda de terem sido aprendizes de rezações? Deve ter havido um momento em que se codificaram as rezas. Mesmo numa tribo primitiva, de repente, naquele bando meio etológico no sentido do comportamento, vai entrando certo Secundário que imita, etc. Mas por que as pessoas fazem isso? Deve haver uma razão, um sentido e uma eficácia. Se não, não estavam fazendo.

Cruzemos agora os caminhos do transe e da prece. Como lhes disse, todos os tipos de transe – hipnose, prece, transes operacionais em certos atos religiosos, etc. – devem estar no sentido da transa. Semestre passado, falei do transir, da tentativa de comunicar uma coisa com outra, de estabelecer um ponto comum de indiferenciação entre uma formação e outra. Mas, no próprio procedimento de alguém entrar no transe da prece, talvez haja um movimento que pertence com toda clareza à condição mesma de como se estruturam as coisas do Haver com a hiperdeterminação. Afinal de contas, o simples fato de alguém entrar numa relação desse tipo com alguma instância que nomeia como divindade, coisa superior, seja o que for, é tentativa de estabelecer alguma conexão com a suposição de transcendência, que justamente não há, mas que está ali como proposta das próprias formações do Haver em seu processo hybrístico de exercícios da catoptria até sua última instância. Isto de tal maneira que essa pessoa, por meio de repetição de determinada fórmula, está se esforçando no sentido de aspirar a determinada transcendência que pudesse colocá-la em situação melhor do que aquela em que está. Seria interessante se

podéssemos observar nas mais diversas situações de estrutura de mundo, quais são os procedimentos de prece. Nas mais diversas tribos, religiões, etc., são procedimentos de procurar entrar no transe que possa levar as pessoas ao trânsito no sentido de uma transcendência, pouco importando que não haja transcendente. Muito pelo contrário, o que estamos colocando com a nossa psicanálise é que não há transcendência. Mas há como imposição, como Lei, se quiserem, da estrutura de todo o Haver isso que costume dizer e cujas formulação e escrita estou mudando um pouco: $A \rightarrow \tilde{A}$, Haver quer não-Haver. E quando entro no barato dessa imposição estrutural da ALEI do Haver, posso entrar pelo tipo de transe relativo a determinada aprendizagem de processo repetitivo, de ensino de determinada aspiração que, se não ficar na neurose obsessiva da pura e simples repetição de um fraseado, de uma reza, possa induzir minha aproximação, minha rápida estada, minha assentada um pouco (não no não-Haver que não há, mas) no Cais Absoluto. É aí onde tudo se indiferencia e onde, talvez, o indivíduo sinta até alguma paz pelo simples fato de, referido por um instante àquele lugar de indiferenciação, conseguir soltar a pressão das diferenças que o estavam acuando no momento anterior.

Fica uma questão difícil de ser recortada: qual a força que vence no momento de uma atitude de prece que seja referida a uma decantação instalada no seio do Haver? Uma decantação cultural, religiosa, por exemplo? É a força sintomática daquela formação religiosa me colocando mais aproximado do rebanho que repete as mesmas orações, ou é, através da mesma repetição, conseguir entrar em algum transe que me situe num afastamento de tudo isso? Como cindir essa questão? Ou melhor, qual a diferença entre o transe do místico – que não é essa tolice que hoje em dia pensam que é, aquele que joga runas, e sim aquele que se afasta das oposições internas do Haver para situar-se numa região de indiferenciação, ou seja, vota numa transcendência mesmo que ela não se cumpra – e o transe do meramente religioso, que Freud denunciava como obsessivo, que fica na repetição, no sentido de se agregar ao rebanho a que supõe pertencer? A cada caso, fica difícil recortar isso, mas minha questão, no momento, não é recortar, mas simplesmente fazer a suposição de

que há processos de prece que são no sentido da aproximação do Cais, da indiferenciação. Talvez mesmo a idéia original de prece seja a da requisição de articular alguma aspiração nesse sentido. Ora, como estou colocando aqui agora, todos os atos, todos os expedientes de vôo, no sentido da hiperdeterminação podem ser chamados de **preces**, assim como a criação poética, a criação artística, a criação filosófica, etc. Do mesmo modo como podem ser chamados de movimentos de sublimação. Se pudéssemos, então, pensar em algo chamável de despertar – se é que existe, pois estamos todos dormindo e sonhando o tempo quase todo –, talvez fosse apenas algumas pequenas estadas efetivas na região do Cais Absoluto, por um exercício de ascese, como costume redundantemente chamar já que ascese quer dizer exercício. Ou, pelo menos, simplesmente o fato de fazermos referência à hiperdeterminação, a alguma nossa experiência já re-conhecida, com anamnese já realizada dessa experiência, e tentarmos fazer referência a ela no sentido de suspensão, isto é, de suspeição.

O mal é que, a maior parte do tempo, costumamos ficar subditos ao enfeitiçamento cotidiano que é nossa vida e, sem a menor intenção de crítica, repetindo etogramas nitidamente da ordem do Primário, seja do ponto de vista autossomático, seja do etossomático. Quanto mais estudamos a etologia animal e comparamos com o que possa ser eventualmente a etologia humana, cada vez está mais parecido. Aqueles que não foram ainda informados de que inventei a hiperdeterminação ficam perdidos. Leiam os livros dos etólogos e verão como supõem que é apenas uma questão de complexificação. Então, é a reinserção do homem na tal natureza, onde é tudo igual. Foi superada, talvez, a exigência de algum corte. Essa faca é de dois gumes, é perigosíssima. Embora vivamos submergidos por relações etogramáticas e neo-etogramáticas, embora a maioria dos fenômenos a que estamos submetidos e com que lidamos cada vez mais nos pareçam uma continuidade sem fronteira demarcada, nossa postura tem a pequena diferença de colocar que, mesmo recaindo sucessivamente nas pressões recalcentes de ordem primária e secundária, somos a única espécie conhecida que tem uma ruptura – que não distancia necessariamente de uma vez por todas, porque é recalcada pelos processos primário e secundário,

tem a instância originária a que se pode recorrer, que é capaz de suspender e pôr em suspeição as formações primárias e secundárias. Vejam que não é nem uma postura de referência estrita à idéia de corte, seja epistemológico ou antropológico, mas que repõe essa diferença específica como fundadora de algo radicalmente novo que nem por isso obriga seu próprio funcionamento.

Espero que tenham entendido um pouco que isto faz uma diferença bastante nítida para com as demais posturas contemporâneas que ou têm que apelar à funcionalidade excludente de algum corte, de alguma separação irremediável, ou têm que supor que aquilo mergulha na maresia, no melê total das formações primárias e secundárias, apenas com maior complexidade. Esta é nossa diferença importante e é a partir dela que temos que pensar as questões que mostram uma continuidade inevitável – não podemos afastar a visão dessa continuidade –, mas nos permite a referência a um lugar de descompensação da continuidade, não porque haja ruptura absoluta, mas porque há processo de neutralização e indiferenciação de todas as formações. Portanto, de toda a ordem recalcante primária e secundária. Obviamente, nossa referência, ainda que através das mais radicais das preces, não será nunca determinada formulação decantada numa fórmula específica, mas sim o movimento permanente de suspensão.

Fico por aqui hoje. Apresentei isto só para começar a abrir a questão, que me parece difícil, ampla e percorre os discursos contemporâneos das maneiras as mais diversas, sendo que, em momento algum, do modo como estamos tentando preconizar.

• Pergunta – *Aquele que está rezando, em sua aspiração a chegar ao Cais, estaria na tentativa de promover um Revirão? Se está lá rezando, tentando que a situação em que está revire de alguma forma, mude...*

O grande problema é sabermos quando determinada moção faz advir um reviramento porque se conseguiu indiferenciação ou quando algum reviramento acontece mesmo sem se ter ido lá, simplesmente porque se revira dentro da situação. A questão é importante, pois as pessoas poderiam dizer que

o que importa é que haja reviramento, que, no sentido da cura, o que importa é que a coisa se deu. Por exemplo, algumas pessoas dizem e publicam que “há palavras que curam”. Ora, no século XX, um dos maiores crentes nisso foi alguém chamado Sigmund Freud. Uma cliente sua deu o nome de *talking cure*, e ele até aceitou. Cura pela falação. Aí uma pessoa apresenta determinado problema ao curandeiro – que costumamos chamar de analista – para ver se ele cura, se faz algo com aquilo. Vocês se lembram do tempo em que acreditávamos em interpretação? Imitando certos fenômenos bíblicos esquisitos, supunha-se que alguém podia interpretar sonhos. Entre nós, chama-se *Traumdeutung*, embora *Deutung* não seja necessariamente interpretação, podendo ser o sentido, a significação, mas ficou como vício na história da psicanálise. Até hoje não consegui entender o que possa ser a tal interpretação e não gosto da palavra. Mas, colocada uma questão, ou dita alguma coisa por um chamado analisando, com muita frequência acredito haver pessoas que são curativas. (Aliás, esta é outra coisa que é preciso tratar de explicar: pessoas que são quase que espontaneamente curativas. Isso abrange o mau olhado, etc., que são questões perigosas, pois o século XX entrou na moda de dizer que não são questões intelectualmente dignas. Mas já estamos chegando ao século XXI onde elas são intelectualmente necessárias). Há pessoas que, quando nos aproximamos delas, só nos fazem mal, e temos que nos livrar delas o mais depressa possível. Outras são o contrário, não nos fazem necessariamente bem, mas, às vezes, são curativas não se sabe por quê. Deve ser por alguma das transas inter-formações, cujo saber a respeito ainda não dominamos.

Do ponto do que trata o tal psicanalista, na relação analista-analisando, acontece demais algo que parece com a tal interpretação, mas que nada tem a ver com este nome, que é simplesmente a pessoa colocar determinado quadro de macroformações e o analista, dizendo determinadas coisas, conseguir modificar esse quadro. Isto como se fosse mero encontro com algo diferente que entrou no registro dessas formações e que começam realmente a deslocá-las, o que é da ordem boba do que chamam de terapêutica, de terapias que, às vezes, estão no meio da rua. Ou seja, você tem um problema, conversa com

uma pessoa, ela diz algo que bate dentro das suas formações e faz um deslocamento suficiente para alterar o seu momento, o mais freqüentemente para melhor. O simples fato de alterar, já deslocou e já é outra coisa. Isso produz um reviramento no seio daquelas formações? Sim. Nem que seja um recanto, um pequeno cantinho, algo virou o contrário, o que necessariamente não tem que ser para o oposto: algo que era *não* passou a ser *sim*, ou vice-versa. Houve um reviramento, mas, digamos, não um reviramento nobre, que um bom aristocrata reconheceria como da sua estirpe, o que seria levar a questão às últimas instâncias de uma indiferença em relação àquele problema, àquela questão. Aí entra a tal prece em sua dupla face, de aspiração a uma transcendência, à hiperdeterminação, ou à mera repetição para reentrar de forma nova no rebanho. A diferença é que as pessoas precisam estar extremamente pressionadas para solicitarem esse reviramento de última instância. Isto é evidente no mundo e sobretudo dentro de um consultório. As orações aí proferidas – ou não são orações? de modo geral, analistas e analisandos ficam lá orando – têm um valor de prece. É uma demanda, um pedido, no sentido lacaniano: fica-se rezando diante do analista para ver se ele, como bom sacerdote, consegue alguma conexão celestial e muda aquela coisa. A bosta é sempre a mesma, só as moscas variam. Por isso, Salomão dizia que nada há de novo sob o sol. Trata-se, sim, de mudar o balé das moscas...

Mas o que é importante repensar é o fato de algumas pessoas fazerem pedidos no nível rasteiro das formações como se apresentam, o analista intervir e elas comecem a se sentir melhor, mas ainda continuarem precisando muito do analista. Isto é que é impressionante, mas, com muita freqüência, acham que está na hora de parar a análise. Mas não há análise alguma, simplesmente estão se sentindo bem e vão embora... para piorar. Não saberão malhar sozinhas lá fora. Há outras pessoas – talvez por portarem uma sintomática de coragem, de tenacidade, sei lá do quê – que insistem no vértice que faço questão de chamar de índice de aristocracia. Índice este onde se entende que há mutações, revirões internos, que é preciso, por exemplo, jogar nos reviramentos dentro do Haver, mas que há também a inspiração de pedir a re-experimenta-

ção de um Revirão radical, o qual me dá a impressão de ser mais curativo, libertador, para as pessoas que insistem nele. Cria até uma espécie de autonomia. De, aos poucos, alguém atravessar agruras terríveis e não ficar se reportando a analista porque já aprendeu. Este seria o analista, pois não pensem que seja essa titiquinha que se espalha em miríades pelo nosso tempo. Se tivéssemos analistas, seriam assim. Não são maravilhosos por causa disso, e sim uns fodidos iguais aos outros, mas com a condição de ir e voltar sem precisar muito de apoios externos.

Temos, portanto, que pensar a questão da clínica no duplo sentido do reviramento. Tanto por comoção, por ser co-movido por determinadas intervenções da melhor qualidade, que não temos que evitar como fazem algumas pessoas idiotas, depois do lacanês petrificado, ao dizerem que “isso não é analítico”. Lá sabem elas o que é analítico? Geralmente, são uns débeis mentais que repetem isto só porque viram escrito em livro de Lacan e o fazem como se tivessem essa experiência de fato, repetitivamente, coisa de que duvido, e ficam desprezando os pequenos encontros, dos quais nunca vi Lacan se safar. Posso relatar dezenas de casos, tanto comigo quanto com outras pessoas, em que ele se aproveitava imediatamente, por exemplo, de um fetiche para fazer alguém se deslocar. Ele não tinha tese quanto a isso, embora achasse que análise propriamente não fosse isso. No jogo do procedimento analítico, era o que fazia a toda hora. Lembro-me de quando, qual um novo rico da cultura, me aproximei do discurso de Lacan. Fiquei interessado na distinção entre o que é analítico, o que é psicanálise e o que é psicologia, e me espantei quando uma analisanda dele me conta que lhe dissera que tinha perdido algo que, para ela, funcionava como fetiche e Lacan lhe diz: vá correndo conseguir outro igual, você não pode viver sem isso. Ela correu Paris inteira até achar algo quase igual, e lhe mostrou. Ele disse: ah bom, agora estou sossegado. Naquele percurso, isso ainda era necessário e certamente causou um deslocamento do contato com o fetiche. Ele não ficava repetindo S de A barrado, forclusão do Nome do Pai, palavras mágicas... Nunca o ouvi falar isso, nem mesmo em seminário.

Para que há preces?

NOUS nosso que estais aí.
Certificado seja o vosso Nume.
Venha a nós o vosso Reino.
Só é feita vossa Vontade, de aquém da
Terra a além do Céu.
O Pã nosso de cada dia nos dais hoje.
E desprezais nossas dúvidas, assim
como só perdemos nossos devedores.
E não nos deixais ir além de tentações.
Nem nos livrais de todo bem.
Que ao menos me livreis de mim.
Para o Amém.

21/MAI

5

INTERLÚDIO DISTINTIVO

Farei hoje um interlúdio, um intervalo, para, mais ou menos aleatoriamente, retomar algumas posições de nosso trabalho que continuam freqüentemente a retornar como questões que, às vezes, me parecem esquisitas. Como as coisas ficam difíceis de acompanhar sem o entendimento destas posições, resolvi, no meio do tema que estamos seguindo, tomar algumas delas que possam esclarecer o desenvolvimento de outras.

O que está sendo chamado Nova Psicanálise, se não é uma reformulação radical do pensamento de Freud para cá, já que é a retomada de um de seus conceitos fundamentais, é pelo menos uma nova postura diante do Haver e das conquistas do conhecimento em geral. O que mais faz caso é esta postura radicalmente diferente, assentada, é claro, em princípios fundamentais da teoria psicanalítica e, por isso mesmo, recolocando outros princípios que andavam aí meio desgarrados. É importante lembrar que sem a assunção da radicalidade desta postura nada funciona dentro do esquema proposto. Então, como alguns acompanhantes deste Seminário têm dificuldades na compreensão de certos conceitos e posições, de vez em quando temos que ajustar, se não, saem pela tangente aplicando conceitos de outros autores. Evidentemente, o mínimo de rigor no uso da ferramenta adequada no lugar adequado é necessário não para se fazer nenhuma igreja, pois não interessa, mas quando se aplica determinado teorema ele deve ser rigorosamente posto tal como é, e não diferentemente de sua própria formação. Espero também, por outro lado, que o

rigor não vire o que alguns etólogos contemporâneos chamam de lobotomia cultural. Não é preciso ajoelhar diante do Revirão como se costuma ajoelhar diante da forclusão do Nome do Pai, etc. Por favor, não façam isto, pois é imbecilidade. Trata-se apenas de aplicá-lo com certo rigor lógico. Fica, portanto, um pouco difícil reconhecer a Nova Psicanálise sem o entendimento das diferenças nítidas que coloca. E sem este entendimento não será possível acompanhar seu processo.

Como já devem ter notado, estamos mergulhados numa época de idiotice completa – até o jornal conseguiu piorar – e de repetição pura e simples de discursos que tenham sido eventualmente vencedores na mídia estrangeira. A nacional só vale para novela, para coisa importante não conta. Outro dia me deram um recorte de entrevista de nosso prezado Luiz Costa Lima – que é uma pessoa decente neste país: tem uma cabeça que é dele mesmo e sabe usá-la –, em que flagrei a seguinte frase, que posso assinar embaixo: “O que tem repercussão no Brasil não é o que se pensa no Brasil, mas o que parece propagação do que se pensa lá fora. Toda produção local ou é localizada como filiada a uma corrente internacional ou simplesmente não tem lugar. E à medida que não me reconhecem como representante de nenhuma corrente intelectual legitimada lá fora, não sabem como classificar o meu trabalho preferindo cercá-lo com o silêncio” (Jornal do Brasil, caderno Idéias, 19 jan. 1992). Isto é uma vergonha absoluta, pois era melhor esculhambar com o autor sabendo do que está falando. Ou seja, a velha antropofagia brasileira fantasiada de mazombismo se chama ignorância total. As pessoas só sabem que existe algo quando é contado pelo estrangeiro. Ninguém aqui tem competência, parece, para tomar determinado discurso, olhar e verificar se tem ou não validade. É isto que Luiz está denunciando com toda precisão. Se não vem um professorzinho de fora dizendo que algo aqui existe, fica-se sem saber, pois leitura direta brasileiro não tem. Toma tudo emprestado. Inclusive as orelhas de burro que carrega parece que vêm de Portugal. O que fazer? Também, não sou responsável por isso e não tenho que curar o país.

Portanto, alguns pontos precisam ficar cada vez mais claros. No discurso das pessoas, ao fazerem até mínimas perguntas, vem uma confusão que embaralha tudo. Por exemplo, quanto ao tal **Sujeito**. Entendam de uma vez por todas que não há sujeito na Nova Psicanálise. Este cara não tem permissão para entrar em minha sala, foi expulso e não tem volta. Não é de modo algum preciso dessa categoria para se pensar. Ele é herdeiro de uma tradição egóica. Esta é a denúncia que faço: o sujeito cartesiano faz parte do ego. Lacan fingiu que fazia uma distinção entre sujeito e ego, a qual não se sustenta. Não adianta dizer que um objeto e outro se referem à ordem do significante, pois isto não se sustenta, nem mesmo no rigor da teoria lacaniana. Não vou demonstrar porque não é preciso, muitos já escreveram a respeito, tomem conhecimento. Não tem a menor importância a categoria de sujeito, que é imperativa, autoritária, herdeira do ego e não necessária para se pensar. Como sabemos, as pessoas – essas coisas de carne e osso que falam – existem. Então, é preciso em nosso teorema algo compatível com a designação disso. Chamo-o de Idioformação, seja de carne e osso ou não, pois nada proíbe que existam uns ETs por aí que possam até tomar contato conosco. Na linguagem comum, chamo de **Alguém**. Alguém é uma Idioformação. Ou seja, alguma formação complexíssima que seja afetada pela hiperdeterminação é uma Idioformação, é alguém e isso não tem sujeito nenhum.

Se não há sujeito, também não há **objeto**, que, segundo a teoria do sujeito, é aquilo que se põe diante do sujeito. Não nos interessa essa categoria. Existem essas coisas por aí. Como existe alguém, existe algo. E algo não é colocado diante de sujeito nenhum: algo está aí. Não há a distinção nem a oposição sujeito/objeto e o que quer que haja está de algum modo jetado diante do que quer que haja. Então, prefiro dizer que tudo é ad-jeto, é ad-jetivo, são ad-jeções. Entretanto, o fato bruto ou puro e simples de, somente com a participação de alguém, de uma Idioformação, ou quem sabe de alguma formação adrede preparada por alguém, ou seja, o fato de só diante de uma formação dessas haver explicitação de conhecimento, por exemplo, implica que há necessidade dessa participação, mas não que seja desse alguém a produção. Isto

afasta ainda mais a idéia de sujeito e a de que alguém seja séde de uma massa de material e mesmo de um acontecimento. Não é séde de coisa nenhuma, mas simplesmente condição *sine qua non* de isso emergir. Sem alguém, isso não emerge e não há prova alguma de que seja produzido por alguém. O próprio conceito de *autoria* é bastardo e forjado nas lides jurídicas, militares e banditistas do conceito de propriedade. É na base da força que alguém dele se apropria. Pelo menos um pensador ocidental, chamado Proudhon, quando pensou sua teoria da economia disse: “A propriedade é o roubo”. Não disse o furto, e sim o roubo, que é o conceito de tomar-se algo na porrada. Não vamos, então, confundir as apropriações que estão na história do mundo por forças realmente poderosas, adscritas certamente a algumas Idioformações, e imaginar que sejam propriedade de algum sujeito. A quantidade enorme de formações envolvidas nesse processo é suficientemente adscrita à ordem dos recalques primários e secundários para, enquanto formações desse tipo, serem volitivamente apropriativas. O que existe é que as Idioformações, animaismente postas no mundo, com raras emergências de sua potência de Idioformação, funcionam assim, como qualquer bicho, qualquer animal, qualquer árvore. Não há sujeito algum aí atrás.

Essa coisa que queiramos chamar de **conhecimento**, se é que ainda vale a pena perder tempo com isso, é resultado necessariamente de transas entre as formações. Quando as formações transam, algo resulta, mesmo que não exista ali nenhuma Idioformação. Qualquer tipo de transa entre formações tem necessariamente um resultado. Quando há alguma Idioformação, podemos supor que ali acontece – e não que alguém a produza –, se registra e se denuncia, porque há alguém, alguma relação de formação de uma épura qualquer. Alguma épura se decanta na transa entre as formações. Quando alguém diz que é autor de algo, isto faz parte do modelo de apropriação animal ou neotológico a que estamos habituados e que, freqüentemente, é o modelo capaz de realmente se apoderar daquilo. Mas isto não tem que ser adscrito a nenhuma formação do tipo sujeito e nem mesmo ao movimento da Idioformação, na medida em que uma hiperdeterminação se põe e se retira imediatamente. Quando

há esse tipo de transa é que houve estranhamento, acontecimento e certamente alguma abertura das fechaduras, dos *locks*, como chamo, entre as formações.

Daí, se quisermos, poderemos tomar termos clássicos da filosofia. Ou a transa consegue furar, fazer um percurso, abrir a fechadura e teremos uma transa *diabática*. Ou a transa é *adiabática*, não consegue abrir nada e cada um retorna a seu ponto de partida sem que, naquele momento pelo menos, haja um resultado. Poderíamos, então, fazer a seguinte brincadeira:

S.E.P?

Não! A.V.B

Colocando assim em última instância, até kantianamente, teríamos: Todo juízo é um ato do espírito que relaciona um predicado e um sujeito, o que se enuncia por uma frase da forma S.E.P. Com o “Não! A.V.B” estou tomando a força metafórica do verbo ver para reconsiderar que: Um juízo é um fato que identifica – e esta identidade é cópula lógica – duas formações reciprocamente epuradas. Quando A vê B ou B vê A – dá na mesma, tudo é recíproco –, nessa transa, duas formações reciprocamente epuradas resultam nisso que pensamos que é um juízo e que, freqüentemente, dado que há inconsciente, desde Freud pelo menos, é pura falta de juízo. Haja vista a indecidibilidade de certo Kant. Como sabem, a primeira tese kantiana é contra o dogmatismo: A razão não deve em nenhum caso ultrapassar o campo da experiência. Só há conhecimento possível do que se oferece nesse campo, isto é, dos fenômenos. O que as coisas são em si, independentemente da matéria pela qual nos aparecem, não podemos saber. A segunda tese é anti-ceticista: O sujeito do conhecimento é um sujeito transcendental, anterior a toda experiência possível. A objetividade da ciência é então independente das condições nas quais esta é produzida. Como não acredito em coisa-em-si e em nada disso, diria: as aparências não enganam, nós é que nos enganamos com a falta que elas fazem. Qual é a falta que fazem? E como as aparências fazem essas faltas? Habituar-se com uma aparência faz sintoma. Este sintoma é que dói quando muda a aparência, ocasião em que a ausência da aparência contumaz faz, produz, uma falta. Estou

colocando essas coisas para não confundirem minhas frases. Não há coisa-em-si, não há *noumeno*, portanto, não há fenômeno. O que há são formações Gnômone de formações entre si, reciprocamente, ou melhor, epuração entre formações, e, certamente, os respectivos registros, que, ao invés de representações, é melhor chamar gravação. Hoje, temos gravadores de som, de imagem, do que quisermos. São gravações, impressões, replicações, clonagens, etc.

Já que estamos falando em Kant, tenho em mãos um texto publicado no caderno Idéias, Jornal do Brasil, 03 de maio de 1997, de autoria de Sergio Paulo Rouanet, em que faz a resenha de um livro de Luc Ferry, *O Homem-Deus ou o Sentido da Vida*. Por favor, não me confundam, pois não estou dizendo as barbaridades que estão neste artigo. Não estou com intenção alguma de sustentar a religião do amor. Rouanet, tão caridosamente, chama a atenção para o fato de que os neo-kantianos estão, sim, reconhecendo a quebra radical do religioso e do sagrado na época contemporânea, mas substituem a descida de Deus ao homem pela subida do homem a Deus, como se isto fosse alguma novidade. Vocês poderiam até dizer que é aí que fazem confusão, que podem pensar que se trata da mesma coisa na medida em que proponho uma ascese no sentido do Primeiro para o Quinto Império e digo que, nas brebas entre Haver e não-Haver, poderemos chamar aquilo de Gnoma e que é onde se costuma colocar Deus, Eu, essas coisas. Mas não é nada disso. Segundo o que tenho colocado, há que superar o Terceiro Império, que é a religião do amor, ou, se não, a ascese leiga do amor, seja eros ou ágape. Não estou, de modo algum, dizendo que devemos retomar a religião do amor introduzido pelo cristianismo, no sentido leigo do reconhecimento das vinculações amorosas entre os homens. Isto que certa esquerda beócia costumou chamar recentemente de comunidade solidária, que é cristianismo sem o nome.

Estou, sim, dizendo que, com todas as virtudes, imbecilidades e gravidades que possa ter havido no tal cristianismo, temos que reconhecer que há necessidade de, outra vez, superar esse Terceiro Império e partir não para nenhuma situação amorosa ou religião leiga do amor, pois Freud já existiu no

intervalo e as pessoas estão se esquecendo de novo. Sabemos que, quando se fala em amor, o ódio pinta imediatamente. Não se trata portanto disso. Há tempo fiz um poema, que ninguém decorou, mas que deviam levar para casa e rezar todo dia quando acordassem: “Chega de amor...” Isto, para ver se saímos dessa coisa nojenta que está se repetindo em nível de poder, pois esses rapazes não brincam em serviço e estão no Ministério da Educação da França. Qualquer Paulo Renato (atual Ministro da Educação) é pinto perto disso. Não estou falando de amor ao próximo, nem que seja de ordem leiga, e sim de vínculos os mais diferentes, inclusive o ódio, que é um vínculo muito forte, e da tentativa de reconhecimento de um Vínculo Absoluto que é a frio, neutro, indiferente, pois qualquer programação dentro da diferença leva necessariamente ao dissenso e ao combate. Tomar a hiperdeterminação e o Vínculo Absoluto como referências é: suspensão, suspeição e responsabilidade. Por outro lado, é também manter um nível permanente de *respeito*, que tem a ver com *res-posta*. Ou seja, é preciso respeitar porque não mando nas formações do Haver e *qualquer* – coisa que o cristianismo instalado não tem culhão para dizer – formação precisa ser respeitada na medida em que faz parte do tesouro, e não sei se amanhã precisarei dela para algo. Portanto, não me confundam com neo-kantiano.

Certa vez, disse que *l'inconscient est structuré comme on l'engage*. Foi a brincadeira que fiz com Lacan quando, em francês, diz que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Repito para mostrar a diferença: se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ótimo, muito bem, mas o que não é? Dizer que o inconsciente é estruturado como a gente o engaja, ou como ele se engaja, é necessariamente decorrente de afirmar como lei geral: Haver quer não-Haver. Isto determina os movimentos até do que queiramos chamar de gente, de humano. Tomo, por exemplo, uma frase de Christian Delacampagne, que escreveu uma *História da Filosofia no Século XX*, Zahar, página 226: “Marx compreende que o motor da história não é nem o Espírito (Hegel) nem o sujeito humano (Kant, Fichte), mas o conjunto objetivo (embora não ‘aparente’, no sentido empírico do termo) das forças produtivas e das relações de produção”. A esquerda anda meio desfalcada, mas ainda se lembra disto. A

partir desta frase de Marx, prefiro dizer: **O motor do périplo humano são** (não as forças produtivas e as relações de produção – para não recair no marxismo da economia direta –, mas) **as forças do recalque, isto é, as recalcentes e as recalçadas, e as relações entre as formações do Haver, todas elas sob o empuxo da plerocinese, que é o movimento da pulsão referido à ALEI (Haver quer não-Haver)**. Este é o périplo humano, que podemos ver traduzido aqui e ali por diversos tipos de apropriações, inclusive o marxista, o hegeliano, no sentido do espírito, o do sujeito kantiano, etc. Segundo nosso percurso, são apropriações das formações em seus embates de recalcentes e recalçadas. É a pura polêmica entre as formações, dentro do movimento da plerocinese.

É aí então que o inconsciente não pode não ser senão o que se passa entre Haver, com todas as suas formações modais, e não-Haver. Portanto, ele pinta no que se engaja. Toda vez que nos aproximamos de qualquer formação, aparece nada mais nada menos do que o inconsciente enquanto relação entre as formações do Haver como um todo e o não-Haver que pode forçar alguma hiperdeterminação. É claro que ele não é só isso. Por isso, coloquei as forças recalcentes e recalçadas mesmo no interior do Haver, sem nenhuma aparição da hiperdeterminação. No entrechoque destas formações, poderemos também chamar de formações inconscientes *ad hoc*, agoraqui, aquelas que Freud chamava de recalque. Como sabem, para ele o inconsciente originariamente era o lugar dos recalcados. E Lacan – porque partiu do estruturalismo de onde partiu e constituiu de maneira jurídica, portanto com vocação estritamente simbólica, seu (dele) campo freudiano – quis supor que a linguagem fosse condição da emergência do inconsciente (segundo ele, inconsciente de Freud, mas, na verdade, era o dele, Lacan). É justamente outra coisa que não podemos mais endossar. Desde o começo, tenho colocado que, se há inconsciente, mesmo no nível das formações languageiras da espécie, é em função de haver hiperdeterminação. Portanto, em função de haver Revirão. Portanto, é o Revirão, que, até para empatar com Lacan em certa época, eu dissera que é o que poderíamos chamar de linguagem. Mas não é muito bom dizer isto, pois lingua-

gem é o-que-quer-que. Digamos, se quiserem, que o Haver é constituído de linguagem, mas a condição para ela é que haja reviramento e hiperdeterminação. Se assim é, porque há hiperdeterminação no Haver como um todo, quem está mais perto da verdade é aquele que certo estruturalismo europeu quis banir, Chomsky. Não estou dizendo que ele tenha conseguido realizar o que pretendeu, e sim que é importante reconhecer e destacar de dentro do Haver as formações linguageiras, pois, talvez, a questão mais importante deste fim de século, no que diz respeito às formações humanas, exige a reintrodução dos valores do Primário e do Secundário decantado como coloco. Todos estão perseguindo as tramas linguageiras – até dentro do cérebro, na etologia animal, na própria etologia humana – que sejam antecedentes às ditas formações culturais, etc. Se é preciso rever isso, no campo que operamos com a psicanálise, só o Revirão e o conceito de Cais Absoluto permitem a reconsideração do inconsciente com inclusão do Primário e do Secundário neo-etológico.

Tenho aqui a revista que costuma dar as grandes novas no campo da ciência, a *Nature*, de 15 de janeiro de 1998, onde há o artigo *Spontaneous sign systems created by deaf children in two cultures*, de Susan Goldin-Meadow e Carolyn Mylander. São aqueles psicólogos que a universidade americana produz de fato e não ficam lendo Lacan no primeiro ano: estudam direito as coisas que existem no campo da psicologia e têm até laboratórios para isso. Não me venham com essa de que a santa mão de Lacan acabou com todas as pesquisas psicológicas no mundo. Isto é imbecilidade local que, graças a Deus, não é universal. Mesmo o Jornal do Brasil, na seção de ciência de 14 de janeiro, já resenhara o estudo da *Nature* em artigo intitulado “Língua universal: surdo-mudo de raça diferente cria comunicação igual”. As autoras tomaram crianças surdas com comunicação verbal praticamente zero e estudaram as relações gestuais entre elas. Eram crianças que não se conheciam, de culturas diferentes, geograficamente distantes, dos Estados Unidos e da China. As autoras – no que creio ser perfeitamente possível – conseguiram encontrar uma verdadeira gramática igual. Os gestos não lhes foram ensinados, mas, espontaneamente, os que criaram como comunicação são iguais em dois lugares diferen-

tes. Isto é interessante, pois vem lembrar que a linguagem complicadíssima que nosso corpo já tem é de natureza primária, de natureza autossomática porque se inscreve etossomaticamente, e que isso tem que exsudar por algum lugar. Ou vocês nunca tiveram bichos dentro de casa para ver que são falantes, que têm uma linguagem etologicamente fechada que se comunica com muita facilidade e mesmo que aprendem a falar conosco? Basta ter um cachorro inteligente para poder conversar longamente com ele. Ele não vai falar como falamos porque não é preparado para isso, mas o importante – e que vem pôr em questão a tal linguagem, o tal inconsciente condicionado pela fala humana – é a emergência de algo que se pode chamar de linguagem no nível primário, assim como se decanta estupidamente no nível secundário. Ou vocês acham que as pessoas geralmente falam alguma língua? As pessoas falam jargões. E quando Deus ajuda elas tropeçam e têm um ato falho. É o máximo que conseguem.

Outra coisa que quero lembrar é que **não há falta estrutural no pensamento da Nova Psicanálise**. Falta, é herança do hegelianismo de Kojève que vai bater em Lacan. Em nosso pensamento, há apenas **excesso**, *hybris*. As faltas são estigmas da fractalização, marcas das fechaduras. Quando as formações, os sintomas, são a referência, eles têm fechaduras, então, na transa, lhes falta algo. Falta algo ao sintoma, mas ao Haver não falta absolutamente nada. O que há é excesso. Nosso movimento excessivo dentro do processo pulsional virá a resultar em aparência de falta. É porque o Haver pede demais, pede o impossível, que, no retorno, dá a aparência de falta, mas ao movimento plerocinético, ao movimento da libido, não falta nada. Para ele, até **há** o impossível. Ele quebra a cara porque é impossível, mas é excessivo, não lhe falta nada. Quebrar a cara diante do impossível, e até mesmo fractalmente se situar sintomaticamente dentro do mundo, é razão de surgimento de falta, mas não há nenhuma falta estrutural. Isto é coisa para beatas de joelho roxo do lacanismo.

Também **não há Outro estrutural**. Que outro? Não conheço outro algum, muito menos Outro grande. Aliás, Outro grande, sabemos muito bem o que as pessoas estão querendo... Há apenas o mesmo. Não é compatível com o desenvolvimento de nossos raciocínios ter que considerar uma alteridade ra-

dical e menos ainda uma heterogeneidade radical. Portanto, não encaminhem os raciocínios no sentido do outro, pois vai dar errado, o outro vai falir. A alteridade que comparece, sim, é efeito das fechaduras, da modalização das formações, da fractalização. O Outro que haveria, se houvesse, seria o não-Haver. Ele é requisitado, mas jamais o é como Outro. Por ser impossível, nem por isso é Outro ou heterogêneo, pois é de dentro do Haver, na requisição perene, que não pára e não se estanca, de uma catoptria radical, que pinta o Impossível. Ou seja, não é como Outro, e sim como requisição interna do Mesmo. Supor o Outro, isto é de herança jurídicista, imperial – no pior sentido do termo – e totalitária. Alguém, supostamente, detém os poderes, maiores num certo momento, e, na detenção desses poderes, determina que quem não é como ele é Outro. O princípio do Outro, que invadiu o pensamento da psicanálise, é o da alteridade radical de um deus existente como transcendente, que, para não ficar feio, chamam de Nome do Pai. Ele é transcendente, mas supostamente conquistável, nem que seja como furinho significante. Continuamos, portanto, no Terceiro Império. A Nova Psicanálise não é jurídicista e nem separa simbólico de qualquer outro registro já colocado como a ele heterogêneo. Não há heterogeneidade, e sim **homogeneidade do campo do Haver** (chamado Pleroma). A heterogeneização sendo efeito das fechaduras sistêmicas das formações modais. Os funcionamentos adiabáticos, sem transa, sem atravessamento, é que dão a impressão de heterogeneização.

Toda e qualquer formação no campo do Haver, segundo a Nova Psicanálise, está absolutamente disponível. Se nós outros não estamos agoraqui disponíveis para elas, é porque não estamos fazendo recurso à nossa hiperdeterminação, mas, no campo do Haver, tudo está disponível. E não estamos falando de juízo de valor, pois este é uma coisa já decadente, interesseira, além de interessada. Não é indiferenciada, pois já fala de sintomas, de interesse, de recolocação de valores. Daí virá o pensamento que virá, indicando quais os valores que esse pensamento indica como tais, como ajuizados por ele. Quando falo em disponibilidade, estou me referindo a absoluto valor de uso. Vilfredo Pareto, que vocês devem conhecer do campo da economia, tentou um termo

técnico para o que estou falando: **ofelimidade** – que é o absoluto valor de uso. É contrário à utilidade, que é valor de uso segundo determinado juízo de valor. Lacan gostava dos utilitaristas, e poderíamos até pensar como o pensamento utilitarista entende isto. Se pensa a disponibilidade plena de qualquer formação ou o valor de uso em função de certo juízo de valor. O que estou colocando é que só em nível de decadência, de sintomatização, a psicanálise pode pensar valores julgados, juízos de valor do ponto de vista da utilidade das formações. Estamos pensando não na utilidade, mas na ofelimidade, ou seja, na disponibilidade radical independentemente de juízo de valor. Toda e qualquer posição indiferenciada no nível do Cais Absoluto não está preocupada com utilidade de nada, e sim com a disponibilidade do Haver. A qualquer decadência abaixo disso, entramos no regime político dos valores julgados segundo determinados princípios e, portanto, no sentido da utilidade. Mas quando nos lembramos que a instância mais alta é de disponibilidade, podemos manter nossa disponibilidade de suspeição até para os valores que estou indicando agora e aqui. Portanto, isso chega perto de Nietzsche, mas não é igual. Aliás, outro dia, alguém comentava comigo sobre a *Genealogia da Moral* e me deu vontade de rescrevê-la segundo a Nova Psicanálise.

Para encerrar minhas colocações, faço a aposta de que oitenta por cento, pelo menos, do que até agora têm dito os autores de psicanálise serão sucata na primeira metade do século XXI. Isto por causa do déficit de pensamento que existe na produção psicanalítica de partir das formações para a superação, em vez de partir diretamente, como está partindo a Nova Psicanálise, da indiferenciação para o reconhecimento das formações.

- Pergunta – *Alguns autores, principalmente na década de 70, costumavam se referir ao que chamavam de pré-verbal. Na sua teoria, há o pré-verbal? Outra questão, é a da causalidade e da intencionalidade. O que você pode falar a respeito de como é concebido o esquema pulsional, o esquema de atrator, onde não mais se pensa em termos de causa?*

Se a brincadeira que estou fazendo é dizer que o Haver é constituído de linguagem, a coisa toda é homogênea. Posso até imaginar que haja a possibilidade de alguma produção de conhecimento já que o campo é homogêneo. Isto não significa que se possa fazer um discurso capaz de mapear cem por cento as formações, mas como é do campo do homogêneo, até conseguimos produzir discursos compatíveis com certas realidades. Por exemplo, produzir uma fábrica ou uma indústria, onde posso supostamente me apropriar de determinado setor da espontaneidade do Haver – que chamam de natureza e que chamo de artifício espontâneo justo porque há homogeneidade –, de uma formação, e fazer aquilo tecnologicamente retornar para nós como acrescentamentos, aumento do tesouro, etc. (Quando digo *eu*, aí, é porque a língua fala assim, mas sei lá que formações se apropriam daquilo). O campo é homogêneo. Não há pré-verbal. A não ser que verbal seja o que passa pelo oral, mas verbal não é oral. Verbal é o verbo, até no tal “Livro” quando diz: No princípio era o verbo... Em nosso sentido – e não para eles, que acreditavam que papai do céu chegava, começava a bostear e a criar oralmente o mundo –, só pode significar que isso é constituído da ordem do verbo. Existe a pré-oralização de *línguas* e quanto mais a etologia estuda, por exemplo, o que se passa em torno de certas regiões do homem e dos animais, a coisa é extremamente complexa e linguageira, sem nenhuma fala de língua das que utilizamos. A etologia tem crescido muito quanto a isso.

- P – *Então, não podemos considerar a linguagem do animal como sendo apenas primária, pois há também nele uma linguagem secundária.*

O próprio Lacan já dizia que lá existem *amorces du symbolique*. Então, é possível que sim, mas, segundo propõe o teorema que venho trazendo, não há pressões diretas da hiperdeterminação sobre os animais. Eles precisam ter uma base etológica, etogramática, sobre a qual existe até aprendizagem. Como o animal aprende palavras de nossa língua, ordens que lhes damos, guarda a diferença do significante e do significado, vai ver tem Nome do Pai e não sabíamos... Mas com que aparelho apreende ele? São formações extremamente complexas, etologicamente complicadas, com capacidade de certos ra-

ciocínios, relacionamentos, etc. Proponho que não há hiperdeterminação alguma aí. Se houvesse, eles não estariam há tantos milênios paralisados nos lugares onde estão. Teriam criado sua própria domesticidade e não teriam sido domesticados por nós. Em nosso mundo, feito de função carbono, abaixo de nossa espécie não tem comparecido nenhuma outra hiperdeterminada. O empuxo do próprio Haver é capaz de produzir hiperdeterminações sobre os corpos deles, é capaz de fazer com que haja, por exemplo, o que Darwin quis chamar de evolução das espécies, um passo genético por um impulso ou um confronto qualquer, mas quero supor que eles não têm propriamente o que chamo de Secundário – reconhecido em nossa espécie e, talvez, reconhecível em outras –, que é o empuxo que o Originário é capaz de produzir sobre as formações primárias, rompendo a barreira do meramente etológico, subvertendo de algum modo a ordem etogramática, que, em nossa espécie, deve ser extremamente complexa. Se um chimpanzé já é bastante complexo, devemos ter essa ordem mais complexificada ainda. Faço, portanto, as hipóteses – que outros não fazem, pois ficam na idéia de complexidade – de que há hiperdeterminação e de que, por causa dela, o Secundário se produz.

Os etólogos deviam estudar mais, em laboratório, o fenômeno da domesticação. Minha hipótese é que, nessas e noutras espécies, existe uma riqueza complexa na ordem do etológico, de tal maneira que suas aprendizagens e suas relações com outras formações se dão por via e por virtude da ordem combinatória. A complexidade está disponível e o próprio Maturana resolve isso fácil com o modelo do atrito, da irritação e da resposta a essa irritação existente entre formações diversas. Ou seja, seria possível que nós outros, por sermos hiperdeterminados, pudéssemos usar nosso Secundário, mesmo decantado, mesmo neo-etologicamente posto, como se nossos atos fossem a hiperdeterminação sobre eles? Não que tenham a hiperdeterminação, mas como se pudéssemos forçar uma hiperdeterminação postiça que está em nós sobre os animais. Isto é pensável, mas é difícil, pois eles teriam que ou possuir uma abertura para a hiperdeterminação para eu entrar, ou eu estaria só forçando, como hiperdeterminante, uma combinatória maior dentro deles. Minha hipótese

é o segundo caso. Penso que sou capaz de hiperdeterminá-los quando estou provocando uma hiperdeterminação que, lá, é forçar a complexidade para que ela aumente seu jogo combinatório. Tenho a impressão de que, num certo momento da evolução das espécies, em qualquer lugar do universo, seja de base carbono ou não, há um momento em que esse salto aparece. Ou seja, é o **princípio antrópico** do qual não abro mão. Já disse que não é nem princípio antrópico, mas o **princípio de Idioformação, de hiperdeterminação**: o Haver, em alguns momentos, reproduz dentro de si mesmo sua própria hiperdeterminação. Ou seja, não é que o Haver produza narcisicamente aquele que o observa e o entenda, mas sim porque é puro resto, porque a coisa é complexa, o Haver é capaz de fazer brotar novamente a hiperdeterminação em outros níveis de formação. Não sabemos se há outros níveis de hiperdeterminação de que simplesmente não nos damos conta ou não tenham aparecido ainda para a humanidade.

Minha aposta é que os animais, em seus grandes momentos de aprendizagem de serem micos de circo, de serem maravilhosamente atores, funcionam segundo a funcionalidade da maioria dos procedimentos de produção supostamente criativos de nossa espécie, com a qual somos maravilhados demais como se ela fosse criadora, mas é puro engodo. É raro encontrarmos alguém que crie. Ou seja, que, por hiperdeterminação, entre em processo de suspensão e em disponibilidade para acolher as disponibilidades. O que temos é outra coisa em proliferação, que é o que podemos chamar de criatividade, que qualquer mico de circo tem por ser capaz de fazer a combinatória, de ser talentoso. Só que somos mais complexos. O que são pessoas talentosas? São aquelas muito ativas do ponto de vista da combinatória: combinam muito bem, agem a combinatória com rapidez, misturam alhos com bugalhos e, aí, algo aparece. Porque somos débeis mentais, ficamos olhando como se estivéssemos diante de gênios. Mas isso está disponível e, se exercitarmos as crianças – o que é fácil fazer, já trabalhei nisso –, elas vão ficando cada vez mais talentosas. É diferente do que talvez pudéssemos chamar de *gênio*, que é aquele que não está trabalhando com meras combinatórias, que vai lá no vértice, se apaga, praticamente morre e para quem a disponibilidade pinta. Isto, é muito raro.

Nosso final de século – que, aliás, não temos que comparar com nenhum outro, pois não estávamos lá, conhecemos muito mal, mas digamos assim só para datar o momento que estamos vivendo – é um dos mais imbecis que a humanidade passou. Disse isto outro dia e alguns ficaram um pouco revoltados, mas só porque o narcisismo ficou abalado. Basta olhar em volta para ver a proliferação de combinatórias, que é só engana-trouxa, e que, todo dia, invade nossa casa pela televisão, por exemplo. Aquilo é uma bosta geral, não sai do lugar. Basta prestar atenção e olhar demais que começa a dar engulho. Não estou dizendo que seja ruim, pois também produz riquezas. O que não podemos é pensar que isso seja para além disso. É só uma vasta proliferação de combinatórias, de macacos de luxo. Nada tenho contra ser macaco de luxo, mas sim contra não reconhecer que se trata apenas de macaco de luxo e que é preciso algum passo novo para sair desse atoleiro. Estamos tão deslumbrados que as gerações com 25 anos para baixo estão com dificuldades para tirar o pé da lama. Não é nostalgia do meu tempo, pois sou um adolescente e estou cagando para o passado. Estou no futuro e quero é mais. É que alguns anos atrás foram melhores, infelizmente para as novas gerações. O atoleiro está ficando de tal maneira que não conseguem sair de tão chafurdados na lama cultural e, pior, não têm nem perspectiva para sentir isso. Mas alguns sabem e sentem, talvez porque sejam um pouco mais sei-lá-o-quê... É muito importante desconfundir os dois níveis. O que é da ordem da criação é raro em qualquer campo de saber, de produção. A combinatória da criatividade está em seu apogeu em nossa época, o que é péssimo do ponto de vista (não de que exista, mas) de que possa cobrir seu verdadeiro rosto. Quanto mais riqueza tanto melhor, mas pensar que isso é *a coisa* talvez seja o grande mistério da imbecilidade de nossa época. Estamos todos deslumbrados com a combinatória.

- P – *O grande problema dessa riqueza é que isso se torna recalcante.*

E por que não se está usando uma ferramenta como é a Nova Psicanálise, que nos ajuda a ver isso? Por causa da proliferação tão grande que é rica, poderosa, agradável, bonita e recalca a possibilidade de visão da hiperdeterminação. Estamos tão deslumbrados com a complexificação da combinatória das

Interlúdio distintivo

produções no mundo que estamos cada vez mais cegos. É, portanto, um momento péssimo e não pensem que vamos tirar isso por pregação. Será preciso um cataclisma. Quando a trolha bate, o pessoal pára e diz: Epa!, essa doeu. Aí, está na hora de explicar porque dói. Então, se houver um pequeno grupo que mantenha a reflexão sobre isso já é muito. Como competir com a televisão? As coisas estão ficando cada vez mais baratas. Todos se vestem bem, comem bem, trepam bem, dormem bem, fazem tudo bem – é a felicidade. Estão todos muito felizes – e o babaca aqui falando em hiperdeterminação...

Quanto à segunda questão colocada, da produção de conhecimento não se basear mais na noção de causalidade, tratarei no segundo semestre. Ela é muito complexa e vocês já podiam ir lendo os dois livros de Searle que citei em minha bibliografia. Um, sobre a *intencionalidade*, e outro, sobre a *consciência*.

28/MAI

6

INTERLÚDIO DISTINTIVO (CONTINUAÇÃO)

Quero continuar com o interlúdio iniciado da vez anterior traçando alguns esboços de nossa situação atual no campo da cultura e do saber. Como podemos nos movimentar, se é que podemos, no seio da enorme confusão que aí está? A falta de referência tanto no sentido do suposto conhecimento quanto no da moral possível, como já tenho repetido, tem lançado as pessoas em geral e os produtores culturais em particular – chamemos a estes de intelectuais, cientistas, filósofos, o que quisermos – em duas posições de radicalização que acabam por extremar essa falta total de referencial. Daí que as pessoas se refugiam ou em fundamentalismos os mais diversos, sejam religiosos ou ideológicos, ou em um cinismo radical, que não está de modo algum configurado pelo vale-tudo – que nem é verdadeiro, nem existe de fato – da situação, mas sim pela absoluta falta de resposta aos vínculos previamente concertados.

Venho tentando desenhar um lugar onde não seja necessário recair nem num fundamentalismo qualquer, nem tampouco viver necessariamente no cinismo deslavado que vivemos hoje tanto do ponto de vista do comportamento individual como também, e principalmente, do ponto de vista do comportamento teórico. A maioria das pessoas parece querer reclamar ou denunciar essas posições sempre achando que, em algum lugar, estão sendo fundamentalistas ou, em outro, cínicos. O que me parece que já de longa data acontece, aqui pelas nossas bandas pelo menos, é o cinismo descarado. Não há muitos fundamentalismos por aqui. O único mesmo que o Brasil tem é o da novela das

oito. Tem também o do colesterol, e agora está-se criando o do *Viagra*. Tirando esses três fundamentalismos brasileiros, o resto todo funciona cinicamente. O comportamento mais comum – desculpem-me lembrar isto – é cínico em nossa época. De uma década pelo menos para cá, o cinismo está se tornando deslavado. As pessoas fazem a suposição de que cínico é o outro, o vizinho, o que está do lado, mas não é: estamos todos nos comportando cada vez mais cinicamente. Já que não há fundamentos, nem a minha palavra serve para nada. Finjo que me engajo numa situação para ficar de sacanagem. A coisa tem funcionado desse jeito. É preciso alertar que pode ser interessante enquanto isso não ultrapassar os limites da compleição social, mas que, de repente, pode começar a extravasar e resultar em sérios problemas. As pessoas podem, em outros níveis, começar a entender que estamos funcionando assim e que pode ser interessante. Aí ninguém segura mais nada. O cinismo da classe média pode invadir a favela e então veremos o que é bom para tosse. O que estou dizendo não é nenhuma pregação moral, apenas uma chamada de atenção para o fato de que vai ficar difícil, se não se tiver pelo menos alguns referenciais mínimos. Nem que seja a coisa combinada, um “então fica combinado assim”, algo dessa ordem, para sustentar um pouco o relacionamento entre as pessoas. Mas isto não comparece e as coisas estão não ao sabor de alguma decisão *ad hoc* sobre a qual se possa assentar, fazê-la referencial de um comportamento, e sim nos interesses os mais pequenos, os mais mesquinhos, nas defesas imediatas do brilho do ego, etc. Isso não vai dar em coisa boa, mas sim em situações bastante ruins. Aguardem um pouco e verão.

No regime dos discursos de saber, parece que estamos relegados às retóricas, aos jogos de convencimento. Parece que não há escapatória disso. Pelo menos, haverá a possibilidade de uma crítica adequada dessa retórica? Uma avaliação de seus efeitos? Aqueles que leram algum Lacan devem se lembrar do tempo em que ele acreditava ainda que a psicanálise teria fundamentos para enfrentar o século. Houve um tempo em que acreditou que ela pudesse ser cientificamente científica. É claro que, depois, deixou de acreditar nisso tudo, mas lacanianos hoje em dia fazem a retórica do convencimento de

que isso ainda é possível, quando todos na face do planeta inteiro que têm um mínimo de conhecimento das coisas, um pouco de reflexão sobre o saber contemporâneo, sabem que é uma piada. Mas houve um tempo em que Lacan queria que a psicanálise, por sua vertente matemática ou por sua vontade de distinção científica, pudesse ser diferente de outras formulações retoricamente distribuídas. Ele costumava repetir que a psicanálise não quer convencer ninguém, fazendo a brincadeira de que aquele que se deixa convencer é *le con-vaincu*, que, em francês, significa ‘o convencido’, mas que, com a pausa, se ouve ‘o babaca vencido’. Ela não tem a intenção de *con-vaincre*, de vencer o babaca. Isso, hoje, é um dito difícil de assegurar alguma coisa. Podemos pensar isso por duas vertentes. Primeiro, não se pode racionalmente imputar à psicanálise – e, como já disse, nem mesmo à Nova Psicanálise – um lugar privilegiado desde onde ela pudesse olhar os saberes e dizer que está em distância de segurança para não bater de frente com nenhuma outra produção de saber que possa questionar suas produções. No tempo em que Lacan, com seus matemas falidos, prometia alguma segurança ainda se acreditava nesta possibilidade. Mais tarde, ele prometia o advento de uma topologia garantidora, o que já era algo bastante enlouquecedor, pois o tricô topológico do último Lacan não é senão uma herança direta, de época, de um fôlego que apareceu na mesma década de 70 no campo da física e que utilizava o mesmo tricô topológico para tentar se garantir, que eram as novas teorias de sustentação do universo. Teorias impossíveis de qualquer verificação experimental.

Era a época em que os físicos começavam a delirar mais que os poetas. Delírios bonitos, até convincentes do ponto de vista estético, do ponto de vista da fantasia, mas impossíveis – como restam até hoje, restarão talvez para sempre – de serem testados. As pessoas não costumam fazer essas associações, mas é notável que, desistido dos matemas falidos, mesmo no campo da matemática mais corriqueira, desistido do lingüisticismo falido no confronto das próprias idéias lingüísticas das décadas de 50 e 60, alguns matemáticos meio maluquinhos, mais ou menos discípulos de Lacan, lhe trouxeram de presente a tábua de salvação da topologia. Os lacanianos, que costumam ser ignorantes

porque só viram Lacan no mundo e mais nada, ficam na impressão de que aquilo foi algo que brotou no seio da teoria psicanalítica. Não foi. Brotou no seio da teoria da física, no campo da idéia maravilhosamente poética das supercordas. São idéias bonitas. Por trás do assombro dos quanta inteiramente perdidos entre ondas e partículas, essas teorias tentam explicar esse mistério dizendo que é preciso a nossa presença observadora para as ondas começarem a se comportar como partículas, que elas talvez fiquem assustadas com nosso olhar; ou dizendo que são só partículas, mas que existem umas ondas referenciais; ou outras ainda mais delirantes e mais bonitas, que são as das supercordas, afirmando que, no fundo de tudo, para além de todas as forças fracas e fortes e cores e sabores que a física descobriu nos pequenos miasmas subatômicos, existem meras cordas que vibram e os números de suas vibrações acabam produzindo tudo que há. Não é maravilhoso? Um violinista com uma corda só tocando e o universo vai se criando! É mais bonito do que o que se dizia antes. Não sei se serve para alguma coisa. Vai ver é assim mesmo. Por que não? De repente, é só uma música. Eu também já disse isto num Seminário chamado *A Música*. Só que minha supercorda se chama Revirão e é dali que tudo emana.

Mas paremos de delirar e voltemos ao lugar onde estávamos, de absoluta impossibilidade de distinguir essas coisas com clareza. Dentro da dualidade, mais ou menos não recortável no momento, do fundamentalismo e/ou cinismo em que vivemos, como fica a posição daqueles que tentam produzir teorias que pretendem orientar nossos passos no mundo? Do ponto de vista da aplicação dessas teorias ao mundo, digamos, do ponto de vista político dessas aplicações, como distinguir a mera manipulação das massas da suposta, se não democracia, pelo menos, democracia que parece estar em vigor? Quanto mais perguntamos aos pensadores de nossa época, ou àqueles que supomos serem pensadores ainda, nos encontramos inteiramente alarmados e procurando uma saída. Encontramos pensadores convencidos (o que é um binômio que parece impossível, paradoxal, mas existe); cínicos, alguns; envergonhados, outros; e talvez outros meramente propositivos. Vamos tentar algum discernimento no meio da joça. Primeiro, alguns estão honestamente convencidos daquilo com

que pretendem convencer os outros. Têm uma estupidez como base do que pensam ser o pensamento. Diria que essa posição ou bem é ingênua ou bem é fundamentalista, mesmo no campo das teorias. Posso lhes dizer que, se quiser fazer a Nova Psicanálise funcionar ingenuamente ou de maneira fundamentalista, é muito fácil. Basta dizer que estou convencido – e convencerei vocês – de que tudo se regula pela ALEI: Haver quer não-Haver. Se acreditarem nisto, estaremos todos convencidos e poderemos ser fundamentalistas... Não façam isso! Vão morrer pastando como todos os outros xiitas do mundo.

Segundo, alguns sabem que estão propondo uma fixação – escrita com *x*, de ficcional e da tentativa de fixar algo –, mas que não é apresentada como tal, é uma fixação a convencer de maneira retórica. Se sei que estou propondo uma fixação, mas não a apresento como tal, estou diante de uma posição que é simplesmente manipulatória e cínica. As pessoas não sabem o que fazer, o que pensar, o que fazer da própria vida, não funcionam com cabeça própria, acho que tenho minha própria cabeça, invento uma bela fixação e vou convencê-las de que não é uma fixação, mas algo em que podem acreditar. É um pouco diferente dos primeiros, que são ingênuos, que piamente acreditam, como não acredito, que ALEI – Haver quer não-Haver – é a verdade absoluta coincidente com a realidade. Então, se guardo para mim uma desconfiança que não apresento aos outros, sou manipulatório e cínico. Terceiro, existem outros que, mesmo não convencidos, querem estar solidários e do mesmo lado que os *con-vaincus*, os babacas vencidos. Não estão convencidos, mas querem construir um discurso que pareça que acharam alguma proposição que lhes permite ombrear com seus babacas retoricamente convencidos. Não são os mau-caráter que estão vendo que é fixação. Embora não sejam os que acreditem piamente, não estão convencidos daquilo, então acham que, por uma via racional bastante válida, conseguiram determinada formulação que podem mostrar aos outros como capaz de funcionar com precisão, com respeito racional, etc. A esta posição chamo de **envergonhada ou denegatória**. Há alguma denegação em jogo para a pessoa poder jogar circularmente dentro de uma situação dessas fazendo malabarismos excessivos, pois tem que fingir que acredita na tese que coloca.

Não é que esteja convencida, mas tem que fazer um processo racional enorme de maneira que possa, pelo menos, denegar algo, ficar na sombra e fingir que está convencida. Esta posição está tendo muito sucesso hoje em dia. Basta verificarem o que acontece com os neo-kantianos na França. Não são convencidos, mas são quase convencidos, denegatoriamente, de que, por via racional, conseguirão impor uma posição referencial.

A quarta posição pode ser a daqueles que estão propondo uma fixação, com x também, a qual apresentam como mera ferramenta de uso, de disponibilidade. É a posição que eu chamaria de **propositiva**, que mantém a suspeição e a suspensão, que sabe que as melhores soluções serão sempre *ad hoc*, e que exige a freqüente denúncia de si mesma. Sem o lembrete e a denúncia constantes de que se está numa posição propositiva, mesmo tentando retoricamente demonstrar que sua proposição é a melhor possível dada a situação, esta posição não diferirá da posição denegatória anterior, ou seja, também passará a denegar. Ou pior, aí, posso saber para mim que é mera proposição e acostumar os outros a não ter isso como mera proposição, no que me aproximo imediatamente da posição cínica. Esta posição propositiva está sempre a um passo das posições denegatória e cínica. Será, então, que alguma destas posições é sustentável? Esta é a grande questão de nosso momento histórico, se é que a história presta para alguma coisa.

A Nova Psicanálise, fundamentalmente, como ela se funda, sabe e não denega que haverá indisfarçavelmente uma minoria lúcida e uma maioria manipulada retoricamente. É assim que tem funcionado e é assim que vai funcionar. A denegação disso é a ingenuidade democrática. A ocultação disso é o cinismo democrático. A grande questão é: se não há fundamentos universalmente aceitáveis, em algum momento temos que entrar no jogo retórico, então será a partir do quê? De uma posição cínica, de uma posição ingênua, de uma posição denegatória ou de uma mera posição propositiva? Em qualquer delas, é preciso entender que há um jogo retórico e que há uma minoria lúcida que acaba manipulando os outros, que não têm a menor condição de aproximação desta lucidez. **A Nova Psicanálise** sabe disso e, para se manter como nasceu, esforça-

se em denunciar **sua visão *ad hoc*, propositiva, em suspeição e em suspensão**. E não há como, aqui e ali, não recair nos outros casos. Isto, pelo menos na visão daqueles que não querem saber de sua suspensão, e há muita gente que não quer saber, que prefere, denegatória ou neuroticamente, sei lá, colocar alguma fixação como absolutamente verdadeira e compatível com a realidade. A Nova Psicanálise, mesmo nos casos de recaída, precisa se comportar aristocraticamente, precisa saber que está manipulando, mas que só o faz enquanto espera o entendimento dos outros que estão sendo manipulados. Isto, com ou sem fé no acontecimento, com mera atitude de espera. Não há outra atitude.

Lacan dizia que o analista é um retor, ou seja, alguém que vive da retórica. Já é um momento avançado em sua vida e em sua obra para ele dizer isto. Se os matemas funcionassem, ele não o seria, e sim alguém que brandiria a verdade matemática que funcionaria no mundo, ou que, do ponto de vista puramente laboratorial, manipularia a verdade do significante e ela funcionaria. Quando Lacan diz isso, já está dizendo que tudo para atrás não está mais valendo e até hoje, queiramos ou não, o psicanalista continua retor. Não de uma retórica qualquer. Acho que estamos um pouquinho acima disso. Há dois tipos mínimos de manipulação retórica no jogo psicanalítico. Num, empurra-se o analisando para lá e para cá, para ver se ele se desloca um pouco, e isto é pura retórica de situação. Noutro, a melhor das hipóteses, manipula-se a situação com referência a uns teoremas propostos como *fixação* capaz de sustentar nosso movimento, e aí é uma retórica de última instância, de base teórica. Mas se disser que, mesmo pensando na última instância de minha invectiva retórica, estou afastado de qualquer processo manipulatório, caio imediatamente na posição ingênua ou na posição cínica. Manter a suspensão é, até em última instância, dizer que é preciso sustentar a retórica de algum convencimento de que a Nova Psicanálise é uma proposta da melhor cepa em nossa época. Isto – como nos demais discursos, aliás – exige um compromisso: tenho que estar compromissado com a designação do teorema como sendo o que há de melhor porque quero crer que assim seja. E, do ponto de vista pragmático, de estraté-

gias no mundo com esse discurso designado, o que se torna insustentável é qualquer posição de inversão do processo. Coisa muito comum nas hostes ignorantistas do Brasil, por exemplo.

Ainda não se conseguiu minimamente, nem mesmo no campo da Universidade, fazer as pessoas se darem conta de que não é um aparelho científico ou teórico que segura suas referências. O aparelho teórico, comparado com outros, pode nos servir para indicá-lo como parecendo o melhor no momento, mais de acordo com a situação contemporânea dos saberes, ou da política do mundo em geral. Mas, a partir desse momento, sou eu que garanto o aparelho, e não o contrário. Há um jogo recíproco entre formações. Escolho certo aparelho porque refleti ou porque me encantei com ele sem grandes reflexões, pouco importa. Ou seja, escolho-o por encantamento de algum modo, intelectual ou estético, mas há certos juízos que podem funcionar, pois, de tanto estudar e compreender os aparelhos, vejo que, realmente, estou com um que me parece mais eficaz, mais próximo do que está acontecendo, da realidade que vivo. Então, a partir desse momento, o aparelho só me garante se eu o garantir. Sou eu que voto nele, e não o contrário. Isto é algo difícil de entender, não só no mundo contemporâneo, mas, sobretudo, neste país onde as pessoas querem ser garantidas pelo governo, por papai-noel, por mamãe... Elas não se garantem, nem garantem coisa alguma. Chamar papai-noel a essa altura vai ser um bocado difícil; papai-do-céu, coitado, anda inteiramente desmoralizado, embora todos estejam ajoelhados de novo perante sua ausência...

A Nova Psicanálise como posição propositiva é o resultado da falência da psicanálise anterior, que, mesmo falida, rende bom dinheiro. Se há banco falido que ainda deixa as pessoas ricas, imaginem a psicanálise... A Nova Psicanálise é uma exigência que apareceu: ou ficávamos naquela brincadeira ou refletíamos novamente. Mas há a necessidade de algumas estratégias de disseminação para que ela venha a vigorar, até no mundo dos negócios, do consultório, por exemplo. Segundo meu ponto de vista, a Nova Psicanálise é mais simples do que todas as anteriores. Se lembrarem da velha navalha de Ockham, o pensador inglês do século XIV que dizia que uma teoria é tanto mais enxuta

e melhor quanto menos conceitos precisa utilizar, perceberão que a Nova Psicanálise é muito mais enxuta em todos os sentidos. Com mais tesão e mais concentrada do ponto de vista do enxugamento dos conceitos. É também mais eficaz quando põe em questão e em confronto direto as formações. Isto é algo que tiro da minha experiência: quando se põem as formações em questão ou em confronto direto, o modo de referência às formações todas com mesmo nível, na homogeneidade do campo, é mais eficaz do que ficar separando regiões como, por exemplo, na velha psicanálise freudiana, o Édipo e não-sei-o-que-mais, que são mini-teorias em conflito e que nem conseguem se organizar numa só. O mesmo valendo para as mini-teorias lacanianas do significante, a topológica, a lingüística... Em terceiro lugar, acho que a Nova Psicanálise está sendo construída de maneira bem mais compatível com o tom da nossa época, em todos os sentidos: o tom intelectual, o científico, o artístico, o social, etc.

O mais importante – e isto tem importância em todo e qualquer campo de saber: científico, filosófico, artístico – é que o que foi trazido pela Nova Psicanálise modifica inteiramente a perspectiva da psicanálise. É, aliás, o mesmo que acontece nas teorias de ponta dos campos mais diversos de nossa época, da física, da biologia, etc. Criar um ponto de vista novo é algo importante, pois desloca o panorama e começamos a ver uma porção de coisas que não víamos antes. Digamos que é proposta uma nova e poderosa perspectiva da realidade capaz de modificar inteiramente o espetáculo que estávamos acostumados a ver. O importante é o grande deslocamento que se faz na visão de mundo. Então, vocês perguntariam: tem *Weltanschauung*? Onde não tem? Querem me mostrar? Lacan dizia que a psicanálise não é uma *Weltanschauung*, mas é. A dele também, e é fácil mostrar. Quero supor que a Nova Psicanálise modifica inteiramente a perspectiva do espetáculo, torna-o mais simples, mais bonito, melhor e mais abrangente. Façam a experiência de olhar por esse outro buraco de fechadura e verão que o mundo fica mais interessante. Frequentemente nos esquecemos de que o Haver em toda sua extensionalidade pode ser puro cinema. Os hindus chamavam de *maya*, a ilusão. Pode, por exemplo, ser um puro cinema fabricado com as supercordas originais dos físi-

cos. Com ‘puro cinema’ – e me parece que nem é mesmo o que pensam os hindus da ilusão de *maya*, pois os ocidentais sempre fazem por menos na leitura de textos de outras visões –, não estou dizendo que minha visão e a compleição de meu teorema vá criar a realidade segundo seus parâmetros. Há certa realidade, há formações por aí. O que importa é que, quando fundo um ponto de vista mais ou menos poderoso, capaz de criar uma perspectiva nova, um espetáculo inteiramente novo, o cinema inteiro se modifica. Durante todo o tempo das manifestações humanas, de suas narrativas literárias, históricas ou filosóficas, o que temos tido é simplesmente o mudar de cinema. O que importa é que se possa fazer um cinema que traga uma visão radicalmente nova, que amplie os horizontes e que seja o mais compatível possível com sua época. Lembro a vocês que já falei daquela Música de cuja vocação original nasce o cinema todo que está aí.

Em Seminário antigo, disse que a Nova Psicanálise é *Arreligião*. Insisto nisto, sobretudo no momento em que querem fazer renascer a religião do amor de maneira kantiana. O título do livro de Luc Ferry que já citei é *L’Homme-Dieu ou le Sens de la Vie* (Paris: Grasset, 1996). É o *Homem-Deus*, que é o Jesuscristinho lá do berço. Isto é um retrocesso. Para re-entonar a religião do amor, não é preciso de filósofo. João Paulo já está aí para isso e faz muito melhor. Mesmo porque é mais bonito, tem umas roupas maravilhosas, umas igrejas lindérrimas, cheias de músicas. Os filósofos não sabem fazer nada disso, são feios, se vestem mal, falam dentro da universidade, que é um lugar feio. Comparem esta sala aqui com a catedral de Notre Dame de Paris, com o mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro. Mas a Nova Psicanálise pode dizer que propõe uma religião melhor do que as outras disponíveis. Por que não? Se alguém provar que uma religião é pouco menos do que uma teoria científica, paro de falar nisso. Para nós, não há transcendência porque o transcendente é o não-Haver que não há, mas, por isso, não é necessário chafurdar na imanência como fazem os deleuzianos. Não é preciso trazer de volta a pseudo-transcendência dos kantianos, re-entonando a religião cristã do amor, e nem também ficar de quatro patas caído na lama da imanência pura. Aqueles que se

acham muito espiritualizados dizem que isto é muito materialista. Não, é o mundo de chafurdar na bosta, na lama, no húmus da imanência sem nenhum movimento de transcendência, que não precisa ser de religião do amor. Não é preciso decretar nenhum homem-deus como faz Luc Ferry.

Está disponível para nós, segundo a proposição da Nova Psicanálise, um vetor pulsional: Haver quer não-Haver. Está aí proposto um movimento transcendental sem transcendência, mas que procura essa transcendência que não há. E não diz que o amor regula isso. E mais, diz que é o movimento de empuxo de um vetor pulsional – Haver quer não-Haver – que a **nada obriga**. Não tem nenhum imperativo moral, mas se torna religiosamente mais interessante porque disponibiliza, aponta que é possível uma ascese (exercício) de um acesso. É possível subir para as grimpas do Cais Absoluto. Talvez isso revigore nossa existência e, nesse movimento, possamos passar à frente no credo cultural, no credo antrópico. Pode-se fazer o esforço de sair não só da lama da imanência como do bobajal do Terceiro Império em que ainda estamos mergulhados. Não é uma religião mais maneira, mais bacaninha? Querem religião? Tomem! Com as questões e visões que propomos ao mundo, não estamos criando apenas a verdade provisória sobre o Haver agoraqui, mas a própria realidade do Haver tal como ela se nos apresenta agoraqui. Esquecemo-nos de que, o tempo todo, estamos produzindo uma verdade e uma realidade. Não que sejamos sujeitos dessa produção. Somos é ingredientes, partícipes dela e queremos nos esquecer disso. Por causa disso justamente, há necessidade perene de novos pontos de vista para novas perspectivas, novos panoramas. É só isso que se tem para fazer.

Se quiserem um pouco de informação sobre o valor dessas retóricas, separei uma pequena bibliografia. O velho Pierre Fontanier, que é um clássico da retórica francesa: *Les Figures du Discours*, livro produzido entre 1821-1830 e publicado pela Flammarion em 1968, 505 págs. Muito na moda, anda por cima dos balcões das livrarias o livro de Chaim Perelman junto com uma tal de Lucie Olbrechts-Tyteca, *Tratado da Argumentação*, 1988-1992, publicado pela Martins Fontes em 1996, 653 págs. Há o livro bastante recente de um chamado

George Kennedy, *A New History of Classical Rhetoric, Uma Nova História da Retórica Clássica*, que retoma os grandes retóricos – por exemplo, Demóstenes –, publicado pela Princeton University Press em 1994, 301 págs. E um que já citei muitas vezes de Henri Morrier, *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*, da Presses Universitaires de France, de 1981, 1265 págs. Vamos ver se aprendemos retórica e fazemos alguma coisa que preste.

Eram estas diferenças que tinha para colocar hoje.

- Pergunta – *Queria entender por que a Nova Psicanálise seria uma religião melhor. Por que, em havendo uma transcendência do ponto de vista pulsional, isso tem que estar ligado a uma idéia religiosa?*

Quando escrevo a palavra **arreligião** estou fazendo um oxímoro, algo que serve para ser usado como religião porque é não-religião. Justamente serve porque não é. Serve no que não é. Se uma retórica passa a convidar as pessoas a mudarem de perspectiva no sentido da cura, até mesmo no sentido da salvação, se quiserem... Aliás, não sei por que não. Todos querem se salvar. Por que não posso oferecer a salvação? Nem que seja o inferno. A salvação é o processo, o procedimento, o movimento. Mas não é por isso que ela é religião. O fato de apresentar uma transcendência pode ser mera filosofia. Temos religiões sem deus. O budismo, por exemplo. Estou tomando o termo religião de novo no sentido de uma luta dentro do mundo. Outros programas estão fazendo processos de retrocesso temíveis. Quando vemos acontecer neste momento de os neo-kantianos caminharem com a razão deles para começar a re-propor, mesmo que não tenha uma transcendência, o homem-deus, a ir de volta ao amor do cristianismo, isto é retrocesso. Estão perdidos. Coloco-os no lugar da manipulação que sabe que está manipulando, mas está denegatoriamente fingindo que achou um princípio de articulação racional para isso. Estou dizendo que a Nova Psicanálise não tem como, às vezes, não manipular, não convencer retoricamente, até artisticamente, mas está propondo coisa melhor. Não está nem matando a transcendência, que está completamente fora de moda. Estão todos chafurdando na imanência, e isso é muito ruim. A vocação de freira feliz

dos deleuzianos, que não se concebem nem mesmo reclamando da vida. A coisa é tão imanente que têm que ser felizes no meio do chiqueiro e dizer que estão muito bem. Eu, não estou bem, nunca estarei. Não porque tenha um deus a quem recorrer ou uma transcendência conhecida, mas há um movimento de transcendência mesmo que eu não chegue lá. No que lá não chego, o enriquecimento e o processo me são dados. Não estou dizendo que esse processo é melhor necessariamente por definição ou que algo obrigue a ele, mas está disponível. Quer? Vem! Não quer? Dane-se! Alguns podem achar que sua salvação é a danação. Pois que se danem.

É um erro grave não querer refletir sobre o que possa ser religião dentro do mundo porque ficam todos extremamente religiosos em religiões fajutas e imbecis para dizerem que não tem isso. É a denegação. Estou contra. Da vez anterior, falei para tratarmos de rezar direito... O que analista faz quando sai do consultório? Vai falar com pai de santo, vai botar cartas, vai para os búzios. É verdade ou não? Trabalham o dia inteiro no consultório e depois correm para o colo do pai de santo para saber qual é a verdade. Então, cadê nossos búzios, nossas cartas? Não tem uma religião decente? Um futurismo, um futurólogo decente para colocar os búzios adequados? Eu também coloco búzios, runas, regressão, progressão, etc. Quem quiser, passe lá. Vou fazer um cartaz assim: astrologia prática e teórica, tudo que quiserem – só que é psicanálise. Dizer o contrário é denegação pura quando se está na frente das visitas. Diante delas, sou um homem ocidental civilizado, conheço física, astronomia, etc. Quando saem, baixa a cozinha. Não é verdade? A quem vocês pagam melhor, ao psicanalista ou ao pai de santo? Quero equalizar os preços.

• P – *Gosto de sua perspectiva quando diz que não quer convencer, que é uma proposição, é pegar ou largar...*

Todas são proposições, só que escondem isso.

• P – *...mas no momento em que você fala que ultrapassa, que é melhor, fica parecendo outra coisa.*

Não tenho a menor dúvida de que é melhor. Este é o meu programa. Você arranje o seu e sua televisão. Aqui é melhor. Ou não é? Alguém discorda?

Mas por que você não faz a experiência? Estou convidando a que se faça a experiência de verificar se é ou não melhor.

• P – *Richard Rorty, em artigo recente na Folha de São Paulo, coloca tanto o Manifesto Comunista quanto o Novo Testamento como sendo dois livros de referência de educação e pedagogia, como se, do ponto de vista de afirmação e proposição, não se tivesse muita coisa melhor para o mundo, para a sociedade. Seriam textos para serem retomados, relidos, porque produziram heróis, uma estética, e isto acaba equalizando no Terceiro Império tanto um quanto o outro.*

Tenho contra a psicanálise, a sua pura e simples existência, uma acusação fundamental. Ela jamais produziu uma estética. Não há uma estética psicanalítica. Isto é um defeito gravíssimo. Encontramos artistas influenciados pela psicanálise, romances, etc., mas ter mudado a estética do mundo, ela não o fez. Por tabela, modificou o comportamento de milhares de pessoas no Ocidente. É verdade, mas não fez um movimento de sublevação, que Freud desejava. Em sua obra vemos a aspiração por um movimento de sublevação com base na psicanálise. Aliás, todo e qualquer pensamento vigoroso tem essa vocação. O que abortou isso na psicanálise?

04/JUN

7

NADA A DECLARAR

A greve de professores por que passamos fez certa desordem em meus horários, de forma que a separação entre Seminário aberto e fechado ficou bagunçada. Hoje seria dia de Seminário fechado, mas estou deixando todos entrarem porque está tudo meio desorganizado. Então, como nada tenho para colocar, ficaremos no questionamento do que foi apresentado nos Seminários anteriores. Podem perguntar à vontade. De preferência, sobre os últimos desenvolvimentos.

Como informação, ultimamente, substituí a frase que escrevi: $A \blacklozenge \tilde{A}$ (Haver desejo de não-Haver), muito ligada ao passado lacaniano, pela escrita $A \rightarrow \tilde{A}$ (Haver quer não-Haver). Esses desejantes todos, lacanianos ou não, já me encheram o saco...

- Pergunta – *Qual é o estatuto desse querer, com relação ao que se pensava sobre desejo? A questão do desejo na psicanálise lacaniana, por exemplo, tem uma força muito grande, sabemos do que se está falando. Que ênfase, inclinação, você quer dar ao querer?*

Antes de mais nada, é para evidenciar uma diferença. Segundo, o termo *desejo* está inteiramente desmoralizado, desqualificado, pelo percurso que tem feito nas obras, discursos e falas. Mas o que é mesmo *desejo* para Lacan?

- P – *Metonímia, falta, desejo do outro...*

Embora tenha nomeado o movimento pulsional do mesmo modo, por causa da herança, porque tenho história, não vejo nenhum motivo para manter o termo. Assim como não mantenho o termo *liberdade*, mas falo em *poder*. A Pulsão *quer* – o verbo querer se remete imediatamente ao movimento pulsional: a Pulsão não deseja nada, ela quer e requer. É uma requisição do querer. Acho este verbo mais forte do que o desejar.

• P – *E a falta?*

Não existe falta em meu esquema. Existe o que pode comparecer como falta na referência sintomática. Há excesso, o qual é um querer. Se quiserem chamar de *desejar*, não tem importância. Quanto a mim, para estabelecer a diferença de postura, não quero mais esse verbo. O desejo suposto, que, em Lacan, tem uma causa, em meu caso, não é causado por coisa alguma. Se algo vem comparecer como causa – o não-Haver como causa –, é num segundo movimento, pois, em primeiro, o querer do não-Haver é o próprio movimento da catoptria. É imanente. É postulada e posturada uma coisa excessiva, que já está no próprio movimento, que é o não-Haver que não há. Então, tudo depende do próprio movimento da Pulsão.

• P – *Do ponto de vista de retórica, entraria aí a questão da vontade, da vontade pulsional? Querer, requisição, pedido, algo dessa ordem?*

Por que não? Sendo que não sou obrigado a definir esses termos como têm definido as diversas filosofias, as diversas posturas psicanalíticas, etc.

• P – *Se a verdade é Haver impulso (ou empuxo) de não-Haver, tanto faz querer ou desejar?*

Prefiro dizer que o Haver *quer*. O quê? Não-Haver. Há também algo que é a importação de hábitos lingüísticos externos. É mais comum dizermos em português, sobretudo em brasileiro, “o que você quer?” Quando alguém se acha muito educado, imita os franceses: *Qu’est-ce que vous désirez?* É muito mais nosso, mais cotidiano, dizer: o que você quer? Há a questão da nossa maneira sintomática de haver. Ficamos dizendo essas coisas todas porque se importou o pacote por inteiro. Entramos no pacote dos outros, mas, se estou re-escrevendo algo, por que tenho que manter esses termos que não são nossos

corriqueiros? Brasileiro não deseja nada, ele quer. Quero porque quero e fi-lo porque qui-lo. Ninguém fica desejando no Brasil. É, aliás, *tesão*: Haver tem tesão em não-Haver. Não precisamos fazer celeuma só porque troquei uma palavra, mas é muito mais nosso, mais imediato em nossa fala dizer: quero aquilo. Não encontramos pessoas do nosso meio, nem em Portugal ou regiões de fala portuguesa, que passem numa loja e fiquem desejando as coisas. Elas querem. Podem não conseguir, mas querem.

• P – *Lacan, em relação à histórica, faz uma diferença entre desejar e querer.*

Qual seria exatamente a diferença entre desejar e querer? Desejo, mas não quero – que diabo é isso? É o mesmo que supormos haver – e que não há no meu esquema, embora eu tenha começado a falar assim e depois tenha feito uma crítica bastante vigorosa – a diferença entre liberdade e poder. Se esmiuçarmos para valer, liberdade é o poder de fazer algo. É um certo poder. Vocês poderiam dizer – como eu dissera em Seminário bem mais antigo (estou criticando o que eu mesmo disse) – que se pode supor a liberdade de desejar algo, o que é muito diferente de se ter o poder de conseguir esse algo. Mas a liberdade de desejar algo num nível e não conseguir em certa realidade não é o poder de requisitá-la em outro nível? De repente, um neurótico não tem o poder de *querer* algo, falta-lhe esse poder. Precisarei distinguir o nível de requisição de outro nível de requisição como consecução? Não! São poderes em diversos níveis. Esquecemos que estamos numa relação de estrito poder em todos os atos.

• P – *Inclusive axiomáticamente. O Haver quer poder não-Haver, mas não pode.*

Mas pode querer. Há o poder de querer – o que é um poder, mesmo não conseguindo.

• P – *Como fica, no seu esquema, a distinção entre consciente e inconsciente?*

É muito difícil fazer esta distinção, como o é também no último Lacan. Vai-se remeter o desejo ao inconsciente e o querer ao consciente? Com que

autoridade? Com que registro? Poderíamos, por exemplo, concordar com Searle em que o que é supostamente inconsciente é aquilo que só se reconhece quando passa pela consciência? É uma questão difícil de resolver. Primeiro, teríamos que ter uma nitidez a respeito do que fosse consciência. Para mim, qualquer cachorro ou cavalo é absolutamente consciente. Eles é que não sabem disso. Nós outros somos indivíduos que sabem que são acossados por coisas de que parecemos não ter consciência e de que, eventualmente, supomos poder tomar consciência. Então, dado um esquema em que não estou propondo nenhum sujeito porque não o reconheço, não sei encontrá-lo nem mesmo no intervalo de significantes, e dado que há uma quantidade incalculável de formações interagindo agoraqui em meus atos, dado isto, qual é o nível de inconsciência da minha consciência, e qual o da consciência da minha inconsciência? Não faço a menor idéia. Posso acompanhar os movimentos num jogo, numa dança, numa relação política, numa relação polêmica, numa guerra, qualquer coisa. Não vou nem dizer que posso acompanhar, pois a coisa se segue para mim segundo esse volume, do qual a parte que desconheço, à qual não tenho acesso, inconsciente ou o que quiserem, é tão grande que todos os meus recortes são recortes *ad hoc*, de serventia talvez só verificável agoraqui. A humanidade tem produzido teorias belíssimas, grandes teatros, grandes romances, grandes ficções, que dão a impressão de um domínio que só é domínio porque o recorte está apresentado antes da situação. Mas, na situação, meu recorte não serve para mais do que uma tentativa de organização agoraqui. Posso até falar em consciente, inconsciente, etc., reservadamente, em determinado momento, com determinado recorte, mas, se o esquema diz que é assim, preciso me lembrar que, rigorosamente, não tenho como recortar essa distinção. Ou seja, para uso local, posso até dizer que vamos chamar isto de consciente e aquilo de inconsciente, mas não posso garantir que a distribuição efetiva seja esta. São aparelhos de manipulação, de tentativa de organização.

- P – *Você disse que o recalcado é o inconsciente nos três níveis.*

Mas mesmo aí, que sei eu da massa de recalcanes e da massa de recalcados? Mesmo quando situo alguma coisa, por exemplo, naquilo que inte-

ressa efetivamente na vida, que é estar num procedimento de análise, é tudo provisório, *ad hoc*, agoraqui. É uma tentativa de recorte, de intervenção, mas não posso jamais fazer a suposição de que aí está uma fronteira capaz de distinguir os campos com tanta nitidez. Pergunto eu: o quanto as questões sobre desejo, querer, inconsciente, consciente, não são a velha distinção corpo/alma repercutindo em lugares inadequados? Onde termina o corpo e começa a alma? E ainda tem o espírito, que é o terceiro.

• P – *Mas você tem um critério de distinção entre formações primárias e secundárias.*

É um recorte que estou fazendo, na suposição de que algo esteja mais instalado de um modo do que de outro. Entretanto, ninguém sabe fazer uma distinção nítida.



Como não há heterogeneidade em meu esquema, posso fingir. Lacan, por exemplo, finge que seus esquemas são heterogêneos. Como não sabe nada a esse respeito, declara que real, simbólico e imaginário são registros heterogêneos e está encerrado. Para mim, Primário, Secundário e Originário são homogêneos, mas algumas coisas são instaladas de um modo e outras de outro. E pior, elas podem vaziar. Como é o caso, por exemplo, da questão da psicossomática e da instalação das coisas no mundo. Quando temos uma arquitetura, isso vazou, procurou se instalar na semelhança ou mesmo na identidade do Primário. Isso me faz, num trabalho de análise, pelo menos suspeitar que algumas emergências que vêm do analisando possam ser de ordem primária. Coisa de que qualquer outra análise anterior não quer nem saber, e ficam analisando chifre em cabeça de burro, justo por isso. A distinção, onde começa um e termina outro, não sei. Toda fronteira é falsa, uma zona de penumbra, mesmo as fronteiras traçadas no corpo da terra. Tanto é que, se os povos começarem a discutir, terão que resolver diplomaticamente ou por guerra. Há uma mobilidade das fronteiras. Em função do quê? Da decantação, da rigidez, da coalescência das

formações. Formações muito duras têm a tendência a parecer naturais, dadas, espontâneas. Mesmo que tenham sido produzidas estritamente no Secundário, se decantaram de tal maneira que ficam parecendo naturais.

- P – *Então, como você pode propor um esquema de vetores baseado numa distinção mínima entre Primário, Secundário e Originário?*

Constituo aparelhos de recorte. Recorto agoraqui. Sempre sob suspeição.

- P – *Mas quais são os critérios de distinções precárias?*

São aqueles que consegui articular.

- P – *Também é ad hoc?*

Não. Até agora estão articulados os critérios. O que chamei de neurose, morfose e psicose, articulei em critérios. Enquanto a ferramenta prestar, nós a usamos. Mas estão articulados.

- P – *Tanto é verdade que isso não impede de pensar o que seja, por exemplo, hiper-recalque.*

Em Lacan, há uma radical diferença entre neurose e psicose. Sua conceituação é distintiva e mesmo opositiva. Só que acho uma bobagem. O tal Nome do Pai é uma herança direta do puro e simples reconhecimento do Terceiro Império. Ou seja, é reconhecer a passagem do pai do Segundo Império para o Nome do Pai que qualifica o filho no Terceiro. E Lacan faz a suposição de que, sem essa instalação, o cara fica doido. Suposição feita, digamos, num segundo movimento, pois, num primeiro, ele apenas tentava situar os pontos de basta. É só lermos com cuidado o seminário sobre *As Psicoses* para ver que está tentando situar o basteamento como garantidor da diferença entre psicose e neurose. Depois, no final do seminário, tem uma idéia brilhante, assume seu cristianismo e inventa o Nome do Pai. Acho que não é nada disso, pois, se propugno pelo Quarto Império, é um lugar onde há absoluta foracclusão do Nome do Pai. É preciso produzir a foracclusão do Nome do Pai como fato por inteiro, e não é preciso nem ser o Império d’Ofilho. Não é preciso ter filho porque não tem pai. Talvez digam que estou inventando o império psicótico. Segundo Lacan, seria o império da psicose. Como não acho que psicose seja isso, é o império da

soltura, de soltar as pregas. Psicose, para mim, é a diferença – praticamente irreconhecível, muito difícil de apreender – entre recalque e hiper-recalque. A diferença é dinâmica, e não estática, porque, dadas as forças em jogo, a multiplicidade de formações em exercício, podemos verificar que algo que, para duas pessoas, parece o mesmo acontecimento, o mesmo fato, numa produz uma psicose e noutra não. Isto porque a quantidade e a qualidade de formações em jogo são diferentes naquele momento de produção da psicose. Por outro lado, também fica garantido que qualquer um pode ficar psicótico a qualquer momento. Tem uma história. E não é porque seja discriminativa que sou contra ela. Sou contra a questão errada. A psicose é discriminativa da tal forclusão. O indivíduo, por um motivo qualquer, desde a infância, se não houve *Bejahung*, não entrou um troço, pronto, trata-se de um psicótico. Acho que não. Dadas as boas condições, qualquer um de nós pira justo porque não se sabe a partir de que quantidade e qualidade de formações alguém vai estar em **regime** de hiper-recalque. **Hiper-recalque é um regime do recalque, e não um conceito separado de recalque.**

- P – *Quando uma pessoa tem um surto, ela pode estar sob o regime apenas do recalque ou sempre indica um hiper-recalque?*

Pode estar no regime apenas do recalque um pouco pesado. Dá uma surtadinha legal e não fica preso na surtação, volta. Consegue-se reajustar o processo. Já lidei com casos em que, uma vez terminada a pressão hiper-recalcante, a pessoa continua maluca como todo mundo. Tão psicótica quanto nós todos.

- P – *O fato de você distinguir os recalques em níveis significa que a distinção entre eles é de grau.*

Sim. Só não sei medir o grau. Fico escutando para sacá-lo.

- P – *Apesar de a distinção ser de grau, as Idioformações podem pretender eximir-se do movimento pulsional – e é justamente isso que torna absolutamente homogêneo o campo do Haver – e colocar o objeto que é estritamente associado às exigências sintomáticas. Aí podemos estabelecer diferenças de vetorização na medida em que, para essa formação*

sintomática, existiria de direito um objeto que é requerido por ela, quando, de fato, ele está submetido à Pulsão.

Ele não consegue nem ao menos se eximir dela. O que significa que dizer “abrir mão do seu desejo” é absolutamente idiota. Lacan conseguiu brilhantemente dizer que culpado é aquele que abre mão do seu desejo, mas isto não existe. Somos todos inocentes, segundo a definição de Lacan. Ninguém consegue abrir mão do seu tesão. Aplica-se o tesão, nem que seja para se matar. Não se abriu mão de coisa alguma. Nem o autista consegue. Ele aplica para ficar trancado, virar um vaso, um legume, e isso custa muito investimento.

• P – *O hiper-recalque é, então, a tentativa de eliminar um querer pulsional em nome desse querer sintomático.*

E de colocar o reificado como valor absoluto. Em vez de o rabo ficar preso para a frente, fica preso para trás. Por isso é que o vetor muda. Se, ao invés de meu movimento ser no sentido de insistir em querer o não-Haver, ele passa a designar qualquer formação como substitutivo e reificação radicais do lugar de não-Haver, o rabo fica para trás. Fico preso para trás, não tem frente. Isso modifica minha direção vetorial. O movimento no sentido de uma formação marcada como sendo a causa do meu movimento me desloca do movimento no sentido oposto, me vira ao contrário.

• P – *Isso vale também para as proposições de aparelhos teóricos que, necessariamente, são movimentos hipostasiantes. Algumas colocam a referência de empuxo em alguma coisa conteudizada para, na verdade, empurrar para trás.*

E sobretudo quando se esquece de lembrar disto.

• P – *De lembrar que se está propondo um aparelho psicótico.*

Retomo o que disse sobre não ter fé no dito, e sim no movimento, pelo menos. Isto nos deixa um pouco pressionados, mas não podemos nos esquecer de que, queiramos ou não, embora não sejamos individualmente psicóticos, estamos o tempo todo mergulhados numa situação quase sempre psicótica. Seja por via religiosa, científica, filosófica, o que quiserem. Ao mínimo afastamento nosso do lembrete dessa suspensão, imediatamente a situação é psicótica.

Os neuróticos, que somos a maioria quase toda, ficam muito satisfeitos de poderem ser alugados pelo perverso, pelo psicótico. Ficam muito felizes, entregam o ouro ao bandido e acham que não têm mais responsabilidade.

- P – *O psicótico lhe oferece de bandeja aquilo que ele supõe lhe faltar.*

O morfótico também. Observem, por exemplo, no campo da política. Não da política brasileira, com partidos sem nenhuma ideologia, todos iguais. Deviam, aliás, virar um partido único e dividir os bens entre eles. Mas, no regime de manipulação dos bens no nível político, o jogo é estritamente morfótico. Já no lado das idéias, das crenças, é estritamente psicótico. Então, o bom neurótico é aquele que vive como peteca entre o psicótico e o morfótico. Fica sendo manipulado e numa boa, feliz da vida. Não há, portanto, dentro de meu esquema, pelo menos, a menor condição de se supor qualquer indicação de formação como a que requisita movimentos do querer, sem indicar a morfose. Ou seja, com uma vertente perversista ou fóbica. A coisa se define assim. Mas é preciso saber qual é o **grau** de perversidade ou de fobia que se está aplicando agoraqui a determinada formação. O simples fato de se ter tesão, no sentido localizado, em algo ou em alguém, aquilo já se configurou de maneira perversa, digamos. Mas não é capaz ainda de se tornar o que chamo uma morfose, que é um grau adiante, é tentar-se a universalização daquilo. Ou seja, quando aquilo é posto como universal, está instalada a morfose. Ora, não é exatamente o que fazemos no nível religioso e filosófico? Não como indicação de um aparelho de tesão imediato, mas como indicação de um aparelho que vai guiar todos os nossos processos. Aí já estamos entrando na psicose.

- P – *Morfose e psicose são visões antagônicas da mesma situação?*

Não sei se chegam a ser tão simétricas assim. O processo de formação, tal como tentei escrever até agora, de fundações mórficas, de fixações em torno de determinada formação, e o outro, que é tomar a opção de determinado argumento, faz um pouco de diferença. Por exemplo, quando, depois de ter pensado, digo que Haver quer não-Haver, este argumento é a verdade absoluta do esquema que estou lhes apresentando. Esta formulação, com a característica psicótica de determinada formulação passar a ser a referência de todo o

sistema, pode até – e aí vem a questão das fronteiras e distinções – vir a funcionar como morfose. Ou vocês pensam que não há gente que goza com isso? Há sim, ejaculam e tudo. Está lá em Santa Teresa e São João da Cruz. Quero dizer que isso vaza. Um morfótico constitui um tesão, universaliza. O outro toma isso como enunciado, como formulação. É assim que vivemos, uma loucura, acontece a toda hora.

• P – *Os místicos se utilizam do Haver morfoticamente?*

O místico verdadeiro, segundo o teorema que lhes apresento – e não a coisa barata que chamamos de misticismo –, faz o movimento para *sartar* fora. Ele não quer nem morfose, nem psicose. Por isso, é insuportável para os neuróticos, que, numa igreja, vão chamá-lo de herético. Como diz que está fora, nem ao menos quer ser neurótico, ele está esculhambando com o sistema. Não que não seja neurótico, mas fica no impulso de *sartar* fora. Digo que o estatuto da psicanálise é místico e não ético porque não posso fundamentar todo o movimento de cura se não for *sartando* fora de todas. Não conseguirei, mas é o único movimento – e aqui introduzo um termo perigoso – de salvação. A única cura possível é aderir ao movimento místico da psicanálise. É isso que foi lido como melancolia natural por Aristóteles. O movimento de cura não é eufórico, entusiástico, mas sim deixa as coisas ligeiramente tristonhas e sem masoquismo algum. Quanto mais distância se toma das formações do Haver, mais elas se tornam não necessárias. Vai-se optar por elas, mas por uma invenção qualquer. Inventa-se uma estética, fica-se de sacanagem, mas não é necessário. Enquanto sentimos coisas necessárias, ainda estamos muito presos. E tem mais, não estou aqui propalando a idéia de que alguém vá viver nesses estágios, pois não acredito. Não é questão de viver nessa situação e sim de visitar isso e poder retornar, até com suas pegadas, mas deslocando algumas coisas de maneira que se tenha condições de recriação, de estética, de ética, o que quiserem. Sobretudo, o mais importante, condições de invenção de novas lentes. Se inventamos lentes novas, o mundo muda completamente.

Então, contra todas as expectativas dos viciados em ideologias que ainda andam por aí em franco progresso, como poderíamos passar da política à

gestão fina pura e simples do mundo? É justo o que abominam, mas por que não podemos simplesmente gerir melhor o mundo? Seria a pilotagem, a cibernética própria das Idioformações. Isso faz a diferença. Já começamos a ler o livrinho novo de Alain Badiou sobre *São Paulo*. É uma graça, não percam, pois conseguirão entender tudinho. Desde as primeiras páginas, fica claro que São Paulo é o grande fundador da psicose cristã, e com razões muito boas. Badiou é fino na percepção das coisas, vê com muita clareza. É só entendermos bem o procedimento e nos perguntarmos sobre as bases. Ele parte da postulação paulina de um teorema louco, tão louco ou mais do que o que lhes apresento, que é: Jesus ressuscitou! Faz disso um hiper-recalque e funda a possibilidade de uma igreja psicótica. Donde, seu sucesso. Já repararam que só psicótico tem sucesso no pensamento? É um campo bem distribuído: os artistas são morfóticos e os pensadores são psicóticos. O sucesso vem da boa formulação do hiper-recalque. “Jesus ressuscitou!” – isso não é discutível, é a fundação da coisa. Badiou, esteado aí, faz uma bela leitura de tudo o que aconteceu. Ele está preocupado em mostrar que seu teorema, sua teoria, funciona com toda clareza quando toma um maluco desses fundando uma igreja. Mas minha questão vem antes. O que aconteceu na estrada de Damasco para o cara pirar daquele jeito? Qual foi o surto? Nossa questão é o momento de onde se parte. Como se compõe o surto? Tenho a impressão de que já lhes expliquei razoavelmente qual foi o surto para eu escrever meu teorema. É claro que não vou explicar, mas tentei.

Interessa, então, entre o Império Romano, os judeus, etc., saber qual surto faz a piração de São Paulo. Ele faz um Revirão, passa para o partido contrário. Traição radical. Algum susto ele tomou que virou pelo avesso. Como se monta esse susto, esse surto, como o axioma pinta e como ele se impõe como intocável?: Jesus ressuscitou! – isto não se discute. A massa de formações em jogo fez uma trovoadas em sua cabeça. Ele tomou um susto e caiu do lado oposto. E isto foi uma revelação, uma iluminação. O que ele não sacou, porque não tinha lido meus Seminários, é que o importante foi o Revirão e, então, valorizou o revirado. Não posso fazer teoria sem apresentar o revirado, que é mera ferramenta, mas faço questão de lembrar que o importante é o

Revirão. Por exemplo, se as pessoas resolverem tomar o meu revirado para usar, será uma psicose e estou fora, serei dejetado. Lá, não. Ele realmente impôs o revirado como fundamentação de sua (e do universo) psicose. Então, aquilo tem todas as características de, por um lado, psicose, e, por outro, morfose. Está aí o resultado no que se chama Igreja Católica Apostólica Romana, onde são visíveis a psicose e a morfose. Ambas muito bonitas, lindíssimas. Se, em nosso percurso individual, não apreendemos o movimento, colocamos fé no revirado e não no Revirão. Não que eu esteja contra a fé, mas sim contra a fé errada. Posso apostar no revirado, mas minha fé está no Revirão. Quando se coloca fé no revirado, vira a psicose absolutista de teorias, igrejas, filosofias, etc., que se impõem e nos esquecemos de que aquilo foi um momento de piração. Vejam Descartes. Ele teve uma iluminação, pirou, inventou o cartesianismo e estamos até hoje falando em sujeito, objeto. Cada psicótico tem os neuróticos que merece.

• P – *A experiência que você está chamando de iluminação me parece semelhante ao caso que Roustang, em seu livro sobre hipnose, relata da experiência infantil de um disléxico que não conseguia distinguir entre o m e o 3 até que, um belo dia, conseguiu ver a diferença numa imagem. Ele expõe essa experiência como um fato perceptivo da ordem da alucinação, que foi uma iluminação e modificou sua vida. Ele se curou.*

Ele não sabia distinguir entre o 3 e o m. Às vezes, nos confundimos mesmo. É um número ou uma letra? Já imaginaram a dificuldade que devia ser para a tal de humanidade nos milênios iniciais? O gênio que devia ser aquele capaz de distinguir entre o 3 e o m? É brilhante, pois ele sabia a diferença entre uma árvore e outra. Parece até o Dr. Lacan. Esquecemo-nos de que esse movimento veio por aí assim. Isso tem características alucinatórias, embora sejam escritas. Tomemos São Paulo, por exemplo, na estrada de Damasco. Ele teve uma alucinação, ouviu vozes. E a discussão que Jesus teve com ele? É donde tira a conclusão de que o cara tinha ressuscitado. Claro, pois falou com ele. Ele ouviu. Fosse qualquer maluquinho desses de rua, carregávamos direto para o Pinel. Mas você está chamando atenção para Roustang e a referência

que faz a Erickson. É isso que fundamenta nosso estado permanente de transe: ou consigo uma alucinação para fazer um ponto de rebite, ou alguém me oferece uma razão de transe. E não adianta discutir porque é e será sempre assim. Estamos em transe. O que interessa é como manter isso em movimento, em suspensão e suspeição, operando como se fossem ferramentas. Vocês não acham estranho, do ponto de vista da disponibilidade psíquica, estar aqui um gaiato falando na frente de vocês e todos olhando e fazendo perguntas? O que é isso? É o que Lacan ainda não sabia dizer muito bem e chamava suposição de saber, transferência – que é um aparelho de transe. As pessoas sentam e ficam mais de uma hora de sua preciosa vida olhando para minha cara dizendo um monte de loucuras. E atentos, discutindo como se isso prestasse para alguma coisa. O *como se*, o *faz-de-conta*, é o fundamental da minha vida. Se não, acabo. “Era uma vez um maluco que disse ‘Haver quer não-Haver’. Faz de conta que ele é o cara que sabe”. Pronto, está instituído um programa. E até uma análise. Isto se chama transe. Se quiserem não ficar em transe algum, estão ferrados, não vão sair nunca mais para nada. Em algum transe temos que viver, em alguma transa.

- P – *Até do transe de não querer nenhum transe.*

Já é um transe. Quem diz “sou independente, sou livre” é completamente louco, tem um teorema impressionante. Mas não é esta a questão, e sim como se mover dentro disso até apostando no transe, mas com suspensividade suficiente para a disponibilidade do mundo, o que não é viver de galinhagem e de não ter assento. É continuar escutando. Tenho minha casa, mas consigo ouvir os outros. Em certos momentos cruciais, talvez eu tenha que fazer algumas transformações, pular para outra coisa. É só o que se tem.

- P – *Lacan colocava o limite da liberdade na loucura, você o coloca no poder...*

E não quero nem dizer mais isto porque já fiz a crítica diversas vezes. Não quero saber da palavra liberdade. O limite de um poder é outro poder. Não acredito em liberdade. Pense em qualquer situação que você chamaria de liberdade e veja se não há aí um poder em jogo.

- P – *Mas, pensando em termos de transe, como se constitui o poder? É um poder de suscitar transes?*

Sim. Quando se diz que fulano tem carisma, ele tem algum poder. Há algumas formações em jogo que funcionam poderosamente na constituição disso. Quando Lacan, por exemplo, fala do poder do analista – algo que o preocupava muito, dado que ele era poderoso –, o que é isso? Hoje, o tal poder do analista está inteiramente desmoralizado pelas circunstâncias frouxas do social, mas ainda pode vigorar. Ou seja, que situação de sustentação de transe em torno de uma Idioformação – a qual não sabemos situar – constitui esta situação transferencial, que é poderosa?

- P – *O movimento de hiperdeterminação?*

Isto no teorema. Não estou dizendo que a situação humana ao redor de uma religião, por exemplo, seja psicótica, e sim que a formação é psicótica. As pessoas não são psicóticas. Muito pelo contrário, são alugadas àquela formação psicótica. Não estou dizendo que os membros da igreja católica são psicóticos, e sim que a igreja católica é uma formação psicótica e morfótica tão poderosa que mantém alugados milhões de neuróticos. Graças a Deus! Já pensaram se não tivesse sido ela? Teria sido outra coisa, mas ainda assim teria algo para gerir um pouco esse troço.

- P – *Você acha que o movimento de cura tem sido não a invenção de próteses que pudessem ter poder de provocar transes, e sim a invenção de aparelhos, religiosos, filosóficos, políticos, etc., de provocar cerceamento do poder?*

Ou de provocar um assentamento confortável nas relações de poder. Ninguém pode viver em ebulição. Criam-se aparelhos confortáveis de convivência, mas, de repente, eles começam a ficar desconfortáveis. É o problema do neurótico, que inventa a neurose para ter um conforto, mas ela começa a virar, como diria João Cabral, efes e erres na bunda do cara, nos assentos do mundo. Ele vai procurar um jeito de *sartar* para outra formação. Do ponto de vista de uma igreja, de uma filosofia, trata-se de produzir uma conversão imediata para ele arranjar um outro lugar na cadeia do mundo. Na psicanálise,

Nada a declarar

também há um processo de conversão. Não adianta Lacan tentar a diferença entre conversão e não-sei-o-quê porque também há um processo de conversão. Se a transferência é localizada, tem um *design* e, se o tem, há certa conversão em jogo. A diferença suposta é que o psicanalista teria, se o tivesse, a mesma postura do místico de oferecer uma conversão para dizer que é suspeita. Trata-se de levar o sujeito até sua hiperdeterminação. Não consegue, muito raro consegue, mas, no meio, consegue que ele produza algumas conversões, que se sinta melhor. É o que mais acontece. Isto é o pior da história. Fico impressionado, às vezes, com minha capacidade de conversão. As pessoas chegam malíssimo, daí a poucos meses estão numa boa. Morro de inveja. Aconteceu alguma conversão. Útil, se não agradável. Só.

18/JUN

8

VINCULAÇÕES

Esta é a última seção do semestre.

Em cima de certas discussões internas sobre a redução produzida por Alain Badiou quanto à existência do famigerado São Paulo, não é sem interesse discutir alguns pontos que nos dizem respeito, se não por nada, pela diferença que se possa esclarecer entre alguns pontos e pela postura de pensamento diante de um fato desses. Justo porque há certa tendência a se criar confusão entre propostas minhas e as de alguns pensadores contemporâneos. Sobretudo, pelo fato de que, num certo momento, porque era do maior interesse levantar objeções ao falecido arcabouço lacaniano, me dei ao trabalho de, como um contraste, não só traduzir o *Manifesto pela Filosofia*, que Badiou publicara naquela ocasião, como também de ter longamente, nos Seminários da UERJ, comentado aquela possibilidade de reflexão, que me parece uma crítica bastante acurada ao lacanismo. Entretanto, não quer isto dizer que eu esteja endossando sua famosa ontologia matemática, nem tampouco que sua postura filosófica me interesse enquanto tal. No entanto, algumas indicações em sua obra recente são de ser respeitadas e retomadas como coisas importantes no desenvolvimento contemporâneo. Badiou, então, no momento presente, publica o livrinho intitulado *São Paulo: A Fundação do Universalismo* (Paris: Presses Universitaires de France, 1998, 2ed.). É claro que, no último capítulo, ele pede desculpas por ter dado um subtítulo tão idiota, pois São Paulo não fundou universalismo algum. Vocês conhecem as possibilidades de verdade que ele

coloca: matemática, poética, política e erótica (como gosto de traduzir seu *l'amour*). Aqui, no caso, a postura é política e a questão é a da militância, embora haja um ranço amoroso atravessando o livro em diagonal.

O tal São Paulo, que todos conhecem e podem reconhecer, para além e aquém do imperador Constantino, como talvez o verdadeiro fundador da igreja cristã, dessa que está mais perto de nós e de suas rebarbas orientais também. São Paulo, então, fundador dessa igreja, ainda que a pedra tenha sido nomeada sobre Pedro no Novo Testamento, sem conhecer Jesuscristinho, nunca o tinha visto mais gordo, se arvora em ser apóstolo também. E conseguiu. Chamou-se de apóstolo porque, um dia, vinha ele cavalgando com suas tropas por uma estrada e caiu do cavalo, em todos os sentidos. Caiu como judeu típico e ainda por cima cidadão romano por corrupção, como parece que é o caso. Seu pai teria comprado os burocratas e lhe conseguiu uma cidadania romana. Mas ele era bastante encarregado de perseguir cristãos, o que era moda naquele tempo. Hoje, aliás, tudo se inverteu, são os cristãos que perseguem... E, no que ia numa dessas empreitadas de perseguição, numa tal estrada de Damasco, cai do cavalo porque, segundo minha opinião, entrou em surto, teve um surto psicótico e começou a escutar vozes. Vozes do próprio Jesus Cristo que lhe dizia: Paulo, por que tu me persegues? E começou aquela voz a discutir com ele sobre essa perseguição indébita dos cristãos e ele então se converteu. Sofreu um Revirão – *culbuté* de cima do cavalo, como diriam os franceses – e, como traição radical de suas posições anteriores, partiu para o lado oposto. Partiu para valer, pois se tornou uma espécie de pedra de toque, talvez pedra angular, da fundação dessa tal igreja.

Interessante é o que Badiou chama de fábula, sobre a qual vai tentar articular o que lhe interessa. Ou seja, reduzir a existência suposta dos textos – as cartas enviadas, etc. (eram os seminários lacanianos de São Paulo), que estão, com os Atos dos Apóstolos, no final da Bíblia –, reduzir toda essa paulicidade a seu teorema filosófico. É, aliás, o que se faz geralmente: procura-se alguém que possa parecer demonstrar que nossos teoremas são corretos e antigamente aplicáveis. Então, lá foi ele, no livro, demonstrar – de maneira

absolutamente não convincente para alguns – que a figura de São Paulo e seus atos literários cabem perfeitamente em sua filosofia de ontologia matemática. A questão é a do evento, do acontecimento, que seria fundador de todo um processo de verdade, segundo ele, e que acabaria por assentar aquele que teria se transformado numa espécie de “autor” implicado em determinado acontecimento que será fundador de um processo de militância que vai instaurar essa igreja. Leiam o texto de Badiou e, com certo cuidado, poderão reconhecer as implicações que pode ter em nosso aparelho teórico, que é completamente diferente do dele. O que me interessa é que esse momento de São Paulo é tomado como uma fábula sobre a qual ele, dando um estatuto de verdade, monta um aparelho, sobretudo de índole política, de militância, fazendo daquilo um evento que vai instaurar as bases dessa igreja. É uma fábula porque, como resultado da queda do cavalo e do ouvir vozes – que, para nós, se não é mera metáfora de alguém querendo enganar todo mundo (pois posso dizer que ouvi vozes no momento em que está na moda que as vozes do céu caíam sobre as pessoas), é ouvir mesmo, e o nome disto é: surto psicótico –, o que São Paulo realizou foi declarar que, se ouviu o rapaz falar, se falou com ele, dialetizou a questão, virou-a ao contrário, etc., logo o rapaz havia ressuscitado, pois não se acreditava em vozes do outro mundo. Ele partiu, então, do fato de que, segundo ele – mentiroso ou psicótico, não se sabe –, Jesus ressuscitou. E isto será a base de tudo que vai rolar em seguida. Se Jesus ressuscitou, logo vem todo o processo.

Cristo ressuscitou! É um pouco forte dizer Cristo em vez de Jesus. Este, é o nome do rapaz. Cristo, já é uma declaração de messias, o nome daquele que é messiânico entre os judeus. No que esse acontecimento – psicótico ou mentiroso – situa declaratoriamente que Cristo ressuscitou e, a partir disso, pode desenvolver todo um aparelho de recomposição religiosa, o que há aí é indicação de um acontecimento exemplar. Ele, São Paulo, não está se referindo ao acontecimento de cair do cavalo e ouvir vozes, mas sai do surto e reconhece o acontecimento na ressurreição do moço. Falavam disso, o boato andava por ali, todos os cristãos diziam que o cara tinha ressuscitado. Se ele escutou a voz,

apontou um fato exemplar: o cara ressuscitou. Um acontecimento exemplar na pessoa de Jesus, supostamente messias. E na divulgação, por militância – basta ler as cartas de São Paulo para ver que a militância é vigorosa, de dar inveja ao falecido partido comunista, do qual Badiou sempre fez parte –, não do fato de que ele havia ressuscitado, pois isto era fato a partir do momento em que foi apontado como base, mas sim da **palavra** dele. Cristo ressuscitou! – indicação de um acontecimento exemplar na pessoa dele, Jesus, chamado Cristo, e na divulgação mediante militância de sua palavra. Isso é o quê, segundo nosso quadro? Fundação e instauração de Terceiro Império. Badiou quer fingir, sem saber do que está falando, pois não conhece isso, que há certa instauração de Quarto Império, mas, em última instância, cai no lodaçal em que os filósofos contemporâneos estão adorando cair, que é o chamado **amor**. Parece que a filosofia contemporânea está extremamente amorosa porque não encontra nada mais para fazer, seja do lado dos kantianos, do lado dos matemáticos ou dos desejosos. **É a regressão aos fundamentos do Terceiro Império.** Como sabem, não é esta a minha posição. É justamente o que tento abominar e andar para a frente, apesar dos empecilhos, que não permitirão, ainda é cedo. Mas vamos tentando...

Exemplaridade de fundação de Quarto Império, podemos achar em Freud. Não em sua pessoa, pois ele não ressuscitou. Analista não costuma ressuscitar. É claro que ele caiu do cavalo, todos caem, mas caiu sem surto. O que, na dica de Freud, pode indicar assentamento para a fundação do Quarto Império é o que ele não disse, mas sugeriu e acabou fabricando dentro de seu aparelho lógico uma vez que apontou a Pulsão como sendo de morte, mesmo que isso tenha alguma dívida momentânea para com a termodinâmica e sua segunda lei de entropia, que era emergente naquela ocasião. Pouco importa essa dívida porque ele acabou apontando que Pulsão é fundamental e que é necessariamente vocacionada para sua extinção. Ficou com apelido de Pulsão de Morte. Não se sabe por que, na cabeça de Freud, isso terá emergido com o nome de Tánatos, mas que, em última instância, uma vez que nenhuma Pulsão pode atingir seu objetivo último, e muito menos como presença diante de nós,

vem a se traduzir, como quero, em: A Morte não há. A Pulsão não encontra seu objetivo e não há registro possível de morte para nós. Por isso, falei em retorno **de** Freud, retorno desse recalcado aí. Mas parece até que ele não disse isso, pois a psicanálise continua indo como se o próprio Lacan já não tivesse chamado atenção para a Pulsão existindo só como Pulsão de Morte. As pessoas não ouviram até hoje, e o máximo que se consegue é passear pelo Lacan do meio de campo, que é o da ordem lingüística das coisas.

Devíamos prestar atenção ao termo utilizado por Freud, pois, embora não seja conhecedor de grego, quer me parecer que Tánatos não é *nekrós* ou *nekrón*. Quando Badiou mostra os textos de São Paulo e busca a versão grega é *nekrón* que usa. Tánatos, segundo me parece, na força da língua, tem mormente o sentido de ‘aquilo que pode fazer sumir a vida’. A morte como aquilo que atinge a vida. Ao passo que *nekrón* é o que se refere a mortos no sentido de defuntos, cadáveres. Isto faz diferença, pois a Pulsão de Morte de que fala Freud, e ele fez questão de dizer Tánatos, é a vocação para o sumiço. Ou seja, algo que há, ou que está vivo, e que tenha vocação para seu desaparecimento. Diferente daquilo que está morto, que é *nekrón*. Ninguém diz tanatotério, diz necrotério. Ninguém diz tanatose do corpo, e sim necrose. Inventei a **Tanatose** porque se trata de Tanatose, e não estou falando de morte, mas da vocação para o desaparecimento, da reclamação desse desaparecimento. Mas de que morte ressuscitara Jesus Cristo? De sua necrose ou de sua tanatose? O que diz São Paulo e todos os cristãos acreditam é que ele voltou da necrose. Assim como tivera espetacularmente desnecrosado pelo menos um tal de Lázaro: retirou-o da tumba e o fez andar de novo. Ou era um robô ou era um processo de desnecrotização.

Então, para além da fundação de Terceiro Império – que se remete ao acontecimento exemplar na pessoa de Jesus ressuscitado, certamente de uma necrose, e à divulgação de sua **palavra** como ordenadora dos acontecimentos futuros –, a radical diferença do que pode vir a ser a base para a fundação de um Quarto Império é dizer não que fulano de tal ressuscitou, isto é fábula, se não é delírio, e sim que **reconheceu-se que não há morte, que a vida é**

eterna. Não porque vai durar para sempre no sentido da cronologia dos planetas, e sim que vai durar, dura e tem durado para sempre porque não faço a menor idéia do meu começo e jamais farei idéia do meu fim. Portanto, o intermediário sem começo e sem fim é eterno, não há como fugir dele, não tem escapatória. Aliás, parem de pensar em escapatória. Voltem e continuem dentro porque não tem saída. A eternidade é terrível. Fundação de Quarto Império só é possível a partir do reconhecimento disso como fato bruto. E aí entra a questão: reconhecer algo como se fora fato bruto não deixa de ser uma hipóstase. Assim como São Paulo fundara a igreja em cima de uma ordem psicótica, não há saída, mesmo em teoria, mesmo em ciência, senão fundar algo sobre um construto psicótico. Mas não é preciso dar ataque psicótico, passar por surtos, ouvir vozes. Pode ser a referência ao reconhecimento, a uma dica sobre a qual assentarmos o hiper-recalque.

Lendo Badiou, reconhecerão – ele não reconhece porque não sabe disso – os momentos exatos em que podemos intervir com nossa ferramenta teórica, sobretudo o momento do hiper-recalque funcionando a partir da declaração de Paulo. Mas há algo bastante velho, que antecede as cartas de São Paulo, que percorre a história do cristianismo e que está aí até hoje, que é, a partir da fundação do hiper-recalque – ainda que seja hiper-recalque técnico, sem a injunção de ninguém pessoalmente no momento de hiper-recalque, ou seja, tomar-se determinada idéia que parece organizar bem a questão fundamental e fazê-la funcionar como hiper-recalque, como base de fundação de uma filosofia, uma religião, uma ciência, etc. –, uma vez que eu possa declarar que estou engajado, aplicado, investido em determinada fundação (condição *sine qua non* de não ser um porra-louca, ou mero professor que estuda livros, conta para as pessoas na chamada universidade, mas sem envolvimento algum com aquilo), com ou sem militância, para ter norteamo, para ter uma ferramenta de abordagem do mundo, imediatamente, a partir da indicação do primeiro vínculo que absolutiza o percurso – e que não é o Vínculo Absoluto –, esta será A **Verdade**. Para São Paulo, A Verdade é: Jesus Cristo ressuscitou. Para mim, é: Haver quer não-Haver, $A \rightarrow \tilde{A}$. Isto não pode não ser designação

daquilo que quero que seja a sustentação de um hiper-recalque. Na teoria, e não nas pessoas.

Uma vez, então, o vínculo de base assentado, decorrem vinculações necessárias, que se tornam, como a primeira, condições sem as quais não há procedimento correto. As pessoas esquecem de pensar isto com muita frequência. Se aponto determinada fundação, determinada vinculação de base que passa a ser axiomática, o hiper-recalque como fundação de determinado processo de pensamento, de atuação dentro do mundo, a partir dessa indicação, se vou me engajar, existem imediatamente outros vínculos que são necessários e sem os quais não estarei engajado em nada, mas apenas partindo para ser professor ou porra-louca – só há essas duas carreiras. Se me vinculo, estou engajado em todos os níveis, sensíveis, intelectivos, etc. Isto é algo que está desesperando os filósofos, kantianos ou não, que estão em busca de fazer com que reconheçamos de novo – o que, estejam eles certos ou errados em sua empreitada, é necessário fazer neste final de século, tentativa de começo do outro, neste momento de desaparecimento de fundamentos, de quebra de vinculações – justamente a possibilidade de apontar algo como sendo vincular de base. Mas o que me parece é que estão tentando no regime do Terceiro Império, regressivamente. Quanto a mim – e não sei se estou sozinho nisto –, quero que o regime seja de introdução do Quarto Império, pois acho que o que a psicanálise teria trazido foi, desde Freud, sabendo ou não que trazia, a abertura para uma instauração e instalação do Quarto Império.

Depois deste vínculo de base, podíamos pensar outros vínculos iniciais, que não podem deixar de estar compromissando nossos atos. É aí que Badiou lembra muito bem, porque está escrito nas cartas de São Paulo e se repete pelo menos há dois mil anos no seio do cristianismo, alguns vínculos fundamentais, pilares, que parecem ter um odor de religiosidade, mas não têm, pois são nomeações e vínculos absolutamente compreensíveis. No seio do cristianismo, chamavam-se: fé, esperança e caridade, e se definiam de maneiras delongadas em relação à figura do Cristo. Badiou retoma-os de São Paulo e acho que essa retomada é sua declaração de conversão: Badiou deixou de ser judeu e passou

a ser cristão. Ele está querendo retomar as forças do Terceiro Império com todo vigor para sugerir que corrijamos a zorra do final do século por reinstalação de Terceiro Império. Ainda que com outras palavras, no fundo é isto o que está dizendo em seu livro. Ele explica com toda clareza que o que chamavam fé, esperança e caridade pode ser traduzido, segundo os interesses de sua ontologia, por: convicção, certeza e amor, e mostra que toda e qualquer militância segundo uma verdade instaurada exemplarmente a partir de um acontecimento, em seu desenvolvimento, para sua implantação, precisa dessas três categorias. Primeiro, que haja convicção. Ou seja, que a pessoa declare: eu também quero crer que Jesus ressuscitou, como Paulo mandou pensar, e vamos em frente. Segundo, a certeza é uma espécie de dedicação mesmo na turbulência, nas intempéries do movimento político em jogo. É o investimento permanente, que seria da ordem do que os cristãos chamam de esperança. Ou seja, não se larga o osso, insiste-se mesmo quando não dá certo. E, terceiro, há o tal amor. É claro que ele não está falando de Eros, e sim de Ágape. Mas se quiserem escrever HP, ainda é homopaixão. Por quê? Porque ele substitui a caridade, *caritas*, que, em última instância, se resolve pelo HP, pelo termo *amor*, que, como sabem, é a instância máxima da vigência cristã.

O Terceiro Império, onde quer que apareça, com ou sem Jesuscristinho, é o império do amor. As vinculações são regidas pelo Secundário. Se Eros, por mais que tenha vinculações secundárias, tem excessiva força primária – mesmo porque fala diretamente ao pau ou à periquita, vemos na carne: aquilo enrijece, baba –, Ágape é chique, é de Terceiro Império, é estritamente secundário. Então, é uma grande revolução falar de fé, esperança e caridade. A caridade não é o tesão explicitado na carne, e sim explicitado na palavra, secundária, do tal querido Jesuscristinho. Estamos aí mergulhados em Terceiro Império. Badiou e os kantianos também. Estão todos naufragando no mar do amor de Jesus. Para isso, não precisava ser filósofo, bastava ser o Bispo Macedo.

O que estou invectivando é repensar isto em níveis de possibilidade de um passo para um Quarto Império. Não vou negar que esses vínculos são necessários. Primeiro, é colocar-se algo que possa servir como *design* de hiper-

recalque, porque é assim que funciona. Mas não esquecer que é um construto psicótico e que, portanto, quando se apresenta como coisa, tem vocação morfótica e a possibilidade de fascinar todos os neuróticos. Basta ter lucidez e não pensar que isso cai do céu, e sim que os vínculos que para nós não são de baixa extração, herdeiros de Primário ou de Secundário, não são transmissão de certa palavra, e sim dedutíveis de um Vínculo Absoluto que não tem rosto. Isto faz absoluta diferença porque o vetor das vinculações variou. Primeiro, Segundo e Terceiro Impérios são de baixo para cima. A aproximação do Quarto Império é vetorização de cima para baixo. Não estou me vinculando a ninguém porque tenho comichões primárias ou apegos secundários, mas sim porque posso deduzir de um Vínculo Absoluto que não é entre eu e ninguém, mas é de todos em relação à hiperdeterminação. E daí, a cada momento, ter que deduzir, trazer de lá, a possibilidade de manejar as vinculações, sobretudo conseguir vincular-me com quem não me vinculo, pois, quando me vinculo de baixo para cima, é fácil, está vinculado. Então, a introdução da idéia do Quarto Império é a idéia de homem curado que pode existir na psicanálise desde Freud. É claro que ele não existe, mas é um esforço de poder se referir à hiperdeterminação, ao Cais Absoluto, ao Vínculo Absoluto e dali deduzir a possibilidade de re-instaurar os vínculos, sem aderência secundária ou primária.

Nem por isso há que jogar fora fé, esperança e caridade. Não é preciso ficar com os nomes de Badiou, mas podemos tentar retraduzir essas três forças básicas para nossos uso, pois é preciso deduzir de um Vínculo Absoluto a possibilidade de instaurar também essas três forças vinculatórias. Πιστις (*pistis*), em grego, é o nome da **fé** e tem sentidos os mais estranhos. Prefiro traduzir forçosamente não por via etimológica, mas pela via teórica de nosso teorema, como o latino *votu*, o voto, que é uma ação de votar, uma votação. Mas sobretudo seu sentido em latim é de *promessa*. Mesmo no cristianismo as pessoas fazem votos de pobreza, castidade, etc. É, portanto, fazer a promessa de que se vai garantir e sustentar determinado enunciado que funda um hiper-recalque para a constituição de um grande discurso. Badiou acha a mesma coisa, que basta declarar, mas acho isto pouco. Quando faço um voto, não só

estou declarando que aquilo é minha base como fazendo a promessa de que vou sustentá-la. O valor daquilo depende de meu cumprimento da promessa. O que me justifica é uma promessa, sobretudo quando consigo cumpri-la, pois estou expressando minha vontade, minha opinião, meu gosto, meu querer, quando digo meu voto e o sustento no cumprimento dessa promessa. Promessa, em latim, vem de *promissa*, a ‘prometida’. Pode ser, então, o ato de prometer ou a coisa prometida, uma oferta, uma dádiva, um compromisso, um juramento, coisas dessa ordem. Não preciso falar de fé, posso simplesmente perguntar: qual é o meu voto? Dado que tudo originariamente se hiperdetermina e que só a partir do reconhecimento de um Vínculo Absoluto pode-se deduzir outros vínculos, as pessoas sem voto são simplesmente presas de sintoma. Ou é a porra-louquice ou é a dependência sintomática. Escolham! Vocês podem dizer que estou cheirando a kantiano. Será que princípios e votos são as mesmas coisas? Questão para os filósofos me ajudarem.

Em vez de **esperança** – ελπιξ, elpis em grego –, podemos pensar no que é reconhecimento e aceitação do próprio movimento da Pulsão, da própria força libidinal. O que faz a Pulsão no Haver? Insiste, não desiste, persiste. Além de um voto, tenho, pois, que ter a qualidade da persistência, que é pura imitação da plerocinese, da libido, da Pulsão. Ela retorna, mas não desiste. É a perseverança, a constância, a pertinácia, ou seja, a per-sistência. Como devem se lembrar, falei do Sexo Desistente, que é justamente o que não há, pois a Pulsão não desiste. Falei também do Sexo Resistente, que é o que não pára de persistir. Os Sexos Consistente e Inconsistente são modos de agir a persistência. A tal esperança, a insistência, não é senão reconhecer que só se pode viger no périplo da Pulsão e insistir como ela faz. Em último lugar, para não ficarmos aprisionados nem a Eros nem a **Ágape**, αγαπη, nem Primário nem Secundário, podemos agora repetir o que já disse de outras vezes, e que se repete rebarbativamente nessas nomeações, que é: produção de vinculação. Então, ao invés de fé, esperança e caridade, posso ter: promessa, ou seja, **voto**; **persistência**; e o cuidar das **vinculações**, que não é sustentar as vinculações de baixa extração, mas sim o contrário: deduzir as possibilidades de vinculação

em função dos momentos. Como sabem, o verbo vincular significa: ligar ou prender com vínculos, apertar, firmar a posse, impor obrigação, penhorar, gravar, onerar, submeter. São, portanto, atos volitivos. Cuidar dos vínculos, não na medida em que são heranças sintomáticas do Primário e do Secundário, mas fazer referência à hiperdeterminação, ao Vínculo Absoluto, no sentido de manejar – politicamente, se quiserem – as possibilidades humanas.

- Pergunta – *Seu axioma estaria na fundação do Quarto Império? E o Quinto Império, como fica aí?*

Estou dizendo que a possibilidade de fundação de Quarto Império, o qual não pode vigorar sem referência ao Quinto, é enunciada, se não só, pelo menos por ele, pelo chamado Sigmund Freud, na criação da psicanálise, com a idéia de Pulsão “de morte”. A referência de Quinto Império, do Amém, é vigorar na possibilidade de referência imediata estritamente ao Originário. Suponho que não seja possível instaurar esse Império, mas supor isto pode ser porque não consegui viver no Quarto Império. Talvez, se o mundo vivesse no Quarto Império, vislumbrássemos a possibilidade de instaurar o Quinto. Nem tenho condições de pensar isto, uma vez que nunca vi o Quarto Império funcionando. A referência de Quinto Império é estritamente ao Originário e muito difícil, mas quem sabe daqui a três ou vinte séculos? O que temos no momento é que podemos estar na tentativa de instalar o Quarto Império, que não tem referência estrita ao Originário, mas está na referência entre o Secundário e o Originário. Colocar o axioma é a tentativa de instauração do Quarto Império e a suposição de que, em última instância, o Quinto Império funcione na pureza do movimento pulsional. Mas nem quero falar disso, pois é estritamente teórico e não é problema nosso. Encontramos essa vocação que nosso planeta pretende ter de instauração de uma sociedade de Quarto Império em discursos os mais diversos, religiosos, políticos, geográficos, históricos, filosóficos, etc. São várias aspirações. Já chamaram de comunista, por exemplo. Será essa sociedade o cúmulo do capitalismo? Será que o cúmulo do capitalismo constitui um comunismo? O Quarto Império é muito difícil porque é intermediário.

Suponhamos que Badiou tenha razão. Ele não diz assim, mas pode-se cheirar em seu livro que quer demonstrar que São Paulo é um homem do Quarto Império. E quando vai justificar isto, cai no Terceiro. Podemos, então, farejar nos textos de São Paulo a vocação de Quarto Império. Segundo certo modo de ler, pode-se ver que ele o indica, mas acontece que não instaurou nenhum Quarto Império no mundo, e sim o Terceiro. Seja porque era politicamente inteligente, sabia que não dava para instaurar o Quarto. Seja porque vai instaurando o novo Império na base da referência a um acontecimento exemplar de determinada pessoa e a determinado tipo de palavra. Isto, embora, em suas cartas, jure que aquilo vai muito mais longe do que o que está acontecendo. Aí, Badiou começa a justificar a sujeira de São Paulo. Ele teria sido politicamente inteligente, pois, se não dá para ir por aqui, vai-se por ali mesmo. Mas o que acontece é que o cristianismo no mundo jamais foi uma instância de Quarto Império, e sim, sempre, de Terceiro. E mais, toda vez que alguém levanta a cabeça tentando apontar para o Quarto Império, ele vem e decapita, trucidada, queima na fogueira, faz o diabo, pela simples razão de que não pode arcar com aquilo. O Terceiro Império não pode deixar de achar ameaça numa iniciativa de Quarto Império. É preciso, então, que a ameaça venha de outros lugares, ou seja, da zorra que está acontecendo hoje, independentemente de se apontar para o Quarto Império. É preciso que o mundo entre em crise e a zorra sobrevenha para as pessoas, quem sabe?, virem a sugerir a passagem para o Quarto Império. Acho que os pensadores, os melhores do planeta, estão todos correndo para atrás, para o colo do Terceiro Império. De tão apavorados, acham que a saída é o cristianismo mesmo, o amor. E o pior, com certa razão, pois o povo que temos no mundo contemporâneo está intoxicado dessa via. É preciso morrer muita gente, substituir muitas gerações, para ficarmos livre deste sintoma.

- P – *Isso tudo está, então, relacionado ao fato de a referência ser a um acontecimento exemplar na pessoa de fulano que terá ressuscitado?*

Ressuscitado no folclore das pessoas cristãs que diziam que o homem ressuscitou, que se encontraram com ele, que foram lá e não havia corpo. Muito mais tarde, até acharam o lençol do rapaz, que chamam de santo sudário,

mas cujo nome verdadeiro é mortalha, e que está até hoje criando polêmica. Como se fundou o Segundo Império? Badiou toca nisto. Um maluco precisa dominar determinado povo e, em função de determinada formação que era egípcia, de passagem, etc., vai lá em cima do morro, onde reinava um deus absolutamente perverso chamado Jeová, que dava chiliques, tremores, cuspiu fogo, o qual lhe diz: escreve aí a lei, escreve aí a perversidade, escreve aí a morfose. O ato, lá em cima, é inicialmente morfótico, depois, quando desce, é que se torna psicótico. Ele leva um tempão lá escrevendo aquele troço – deve ter dado um trabalho desgraçado, pois foi na pedra – e, quando desce, vê o pessoal todo voltando para o Primeiro Império. Ele fica puto e diz que não é nada disso, que é o Segundo. Este é o chamado Moisés e a fundação do Segundo Império foi assim. O Primeiro, não é preciso fundar, pois é o Império do útero, da vagina, todos colam nele porque já nasceram dali. Em qualquer lugar onde se funde um Terceiro Império é a coisa nova de não estabelecer de imediato referência à lei. Isto, aparentemente, e vemos Badiou defender a tese de São Paulo contra a lei. Contra a lei, uma ova!, pois, subrepticamente, a referência à **palavra** de não-sei-quem é legiferante. Ele é, sim, contra os mandamentos judeus. Todos são iguais, homem, mulher, gentio, circuncidado... Todos iguais, uma ova!, pois estamos sabendo que a Igreja não se instalou assim. Ele pode, então, apontar na palavra de São Paulo a tendência de Quarto Império, mas a fundação foi do Terceiro em cima de determinada figuração, de determinada palavra, que excluía os demais.

Badiou quer lutar por São Paulo como um homem, em meus termos, de Quarto Império porque, a toda hora, quer fazer vigorar Ágape para todos. E isto é o Quarto, mas não foi assim que aconteceu. Foi o Terceiro, onde os amores e a discriminação são de baixo para cima. São fundações sintomáticas de Primário, para Secundário e para Originário, e não dedução do Originário para as vinculações, o que seria a fundação de Quarto Império. Aí é que Freud é o santo do outro Império, da outra religião, pois queria a cura. E a cura é: acabaram os sintomas, não nos referimos mais a essas coisas de baixaria. Só que não aconteceu jamais. Também, a psicanálise é a mesma bosta...

- P – *Há sempre um surto em qualquer fundação de Império?*

Sempre. Não estou eu aqui preconizando a Nova Psicanálise, que é construção de um aparelho psicótico? A única diferença é que estou alertando para esta construção. Uma coisa, é sintomatizar a psicose, a morfose, outra, é dizer que não há como fundar aparelho senão assim, mas tenho distância, sei que é um modo de fundar, que há uma dialética entre o voto pelo aparelho e o reconhecimento de que ele não é para sempre. É um aparelho que pode ser necessário, que uso como ferramenta, mas que, nem por isso, deixo de votar, insistir, criar vinculações. Este é o homem curado, que age exatamente como qualquer sintomatizado, mas sem aderência sintomática. Não é isto que a psicanálise tentou? É isto que Freud reclamou.

- P – *A dedução de todas as vinculações da referência ao Vínculo Absoluto não existe se não houver uma construção de artifício para poder produzir essas vinculações.*

Trata-se de conseguir viver no nível do artifício, sabendo que se está nele a cada momento. Mesmo quando, de baixo para cima, me vem um tesão primário ou secundário, sei que é artificial, que eu é que estou grudado nele. Não preciso jogar fora meus tesões e ficar beato, mesmo porque isto não existe. Simplesmente sei que é uma vinculação de baixa extração. Pode ser ótima, deliciosa, mas não preciso massacrar ninguém porque tem outra vinculação. Sei que a minha também é falsa. A partir desse momento tudo é *fake*. Só não o é, quando faço o golpe de ver tudo de cima para baixo. Aí é **artifício** puro e simples. A vinculação sintomática por mais artificial ou artificiosa que seja é *fake* porque é tomada como sintoma. *Fake* é a razão sintomática, e não a opção. O espontâneo, que dá aparência de co-naturalidade ao sintoma, é *fake*, absolutamente falso. Tanto é que, quando me defronto com outro que tem uma radical diferença no mesmo lugar, fico achando que ele é errado, doente, isso e aquilo. Ele é tão *fake* quanto eu, mas não é eu. E o fato de ser *fake* não significa que não seja gostoso. Come-se *fake* o dia inteiro.

02/JUL

9

O FIM, NOVAMENTE

*The road of excess
leads to the palace of wisdom.*

Blake

(O Seminário começa com a audição de *Alô!Alô! Marciano*, de Rita Lee e Roberto de Carvalho, com Rita Lee)*:

Alô, alô marciano
Aqui quem fala é da Terra
Prá variar estamos em guerra
Você não imagina a loucura
O ser humano tá na maior fissura porque
Tá cada vez mais down no high society!

Alô, alô marciano
A crise tá virando zona
Cada um por si, todo mundo na lona
E lá se foi a mordomia
Tem muito rei aí pedindo alforria porque
Tá cada vez mais down no high society!

Alô, alô marciano
A coisa tá ficando ruça
Muita patrulha, muita bagunça
O muro começou a pichar
Tem sempre um aiatolá pra atolá, Alah!
Tá cada vez mais down no high society!

“O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria” – todo mundo já sabia disso, não é? A Rita Lee pode ser, hoje pelo menos, a minha Diotima, por que não? Ou, se não, a minha idiótima – é quase a mesma coisa. Por causa da greve esquisita que aconteceu durante alguns meses, hoje seria o dia de reiniciar o Seminário, que, como sabem, está incluído no curso de Pós-Graduação da ECO/UFRJ (Mestrado e Doutorado).

O filósofo Alain Badiou, que vocês conhecem até pessoalmente, pois já estive por aqui, pretende lançar um livro, que não saiu ainda nem na França, intitulado *Petit Manuel d’Inesthétique*, Pequeno Manual de Inestética – que é aquela mesma estética fantasiada de não –, onde inclui um artigo, parece que já publicado em outro lugar: *Uma Tarefa Filosófica: Ser Contemporâneo de Pessoa*. É o próprio Fernando Pessoa que já conhecemos desde jovens e que se assustaram de topar de repente, depois de velhinhos. Nesse texto, diz Badiou que a filosofia não é, **não é ainda**, sob condição de Pessoa – impressionante isto –, que a filosofia ainda não pensa à altura de Fernando Pessoa. Isto é verdade, é óbvio. Nós outros, já conhecíamos Fernando Pessoa, já tentávamos conviver um pouquinho, se não à altura, ao rés do chão dele. “Afirmamos, diz o filósofo, que a linha de pensamento singular desenvolvida por Pessoa é tal que nenhuma das figuras estabelecidas pela modernidade filosófica está apta a sustentar sua tensão”. Ou seu tesão. É o chamado arrego: o filósofo de joelhos perante o poeta – e, por acaso, português, patricio, se não de vocês, pelo menos meu. “Seu pensamento-poema abre uma via que não chega a ser nem platônica nem anti-platônica” – naturalmente, Pessoa estava fora dessa –, “ele pensa,

muito antes de Deleuze” – é óbvio, ele sempre pensou antes de Deleuze –, “que há dentro do desejo uma espécie de univocidade maquínica”. Duchamp já tinha dito isto – e outros também. Adiante, ele comenta o emprego sistemático do **oxímoro** que, como sabem, é a figura de retórica que, quando algo é posto, propõe seu oposto, isto é: Revirão. “A negação flutuante de Fernando Pessoa”... – outra vez Revirão –, “o poema está agora ali para criar esse nem... nem...” – outra vez Revirão. Soubessem das coisas...

Adiante, vem uma indicação da *Ode Marítima*: “um dos maiores poemas de Campos, diz ele, e de todo o século, quando o cais real do presente manifesta que ele é o grande cais intrínseco”. Já havíamos dito isto. Foi por isso mesmo que pegamos o termo de **Cais Absoluto** para o nosso Pleroma. Abaixo, Badiou fala do... *Livre de l’Intranquillité*. Vejam como a língua francesa não presta tanto para poesia: eis a tradução molenga que dá ao título forte do *Livro do Desassossego*. Realmente, *on ne dit presque rien en français*... “A própria heteronímia, continua ele em outro lugar, é concebida como dispositivo de pensamento” – etc., etc. Está chegando a hora dos que falam português e... brasileiro? Até o acha maior que Mallarmé – o que é uma obviedade. Basta, pelos quinze anos de idade, ter lido um pouco de Fernando Pessoa na escola secundária para ver tudo isso. Mesmo porque ele exerce uma língua bem mais forte. Badiou começa seu texto dizendo: “Pessoa, morto em 1935” – morto, é ambíguo em português: não se sabe se morreu de morte morrida ou de morte matada (acho eu que foi da matada) –, “não foi conhecido na França, de maneira mais ampla” – acho eu que de maneira nenhuma –, “senão cinquenta anos mais tarde. Eu me incluo nesse retardo escandaloso” – é piedoso, o santo filósofo. Alguém que tenha em breve ocasião de encontrar o prezado Alain Badiou, por favor lembre a ele: quem pensar à altura de Fernando Pessoa, e ainda por cima em português, precisa de mais cinquenta anos para reconhecerem lá na França. Quem sabe eles conseguem?

Vocês sabem que, por mais psicanálise que eu promova, costumo falar aqui e sempre – sobretudo neste semestre passado – de comunicação e psicanálise, mesmo porque me vejo nesta obrigação, já que este é um curso de Pós-

graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por isso, eu vinha falando em **Transformática**, no sentido não de produzir estritamente teoria psicanalítica, mas de, com o laboratório prático e teórico da psicanálise, fazer a tentativa de uma generalizada teoria da comunicação. As pessoas, muitas vezes, costumam entender isto porque, como ninguém sabe o que seja Comunicação e, de modo geral, falar de Comunicação costuma ser cozinhar o *pot-pourri* dos autores que acham que falam disso, se tomamos um campo específico como sendo base para pensar a tal Comunicação, seja Filosofia, Psicanálise, Matemática ou o que for, sempre se pode achar que estamos falando de outra coisa e não de Comunicação. É o Síndrome da Comunicação desde que, por aqui, na década de sessenta, ela começou a existir com essa aparência de autonomia na Universidade. Isto quando, na verdade, ela pode ser no máximo o **campo** – como está na moda dizer – interdisciplinar ou transdisciplinar de todas as arrumações que possam ter a ver com transas entre formações. Quaisquer formações: animais, pessoas, máquinas, textos, imagens, etc., etc. e mesmo sensações...

Este **Seminário**, como sabem, começou em 1976, suponho que no segundo semestre. E hoje estamos em 1998, quando ele já ultrapassou a maioria. Já passou um pouco dos vinte e um anos e estaria para completar os vinte e dois. De começo, na forma seminarial com que se apresentou, era no Parque Lage, na Escola de Artes Visuais, onde tive a sorte de trabalhar por cerca de vinte e três anos. Como lá ensinava Estética, foi lá que comecei o Seminário, este, da minha produção. Depois, instalamos o Colégio Freudiano em algum lugar e o Seminário passou para sua própria sede onde ficou por muitos anos. Num certo momento, por indicação de alguns acadêmicos, começou a me parecer que talvez fosse interessante deixá-lo ser acolhido pela Universidade. Nessa ocasião, foi instalado na UERJ, onde permaneceu por dois anos. Em 1992, passou aqui para a UFRJ porque um meu amigo, então diretor da mesma Escola de Comunicação – hoje, eleito já pela segunda vez, é o decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (este CFCH em que estamos) –, argumentou, de maneira algo reivindicatória, que não lhe parecia que o Seminá-

rio devesse estar na UERJ quando aqui eu era professor num programa de Pós-Graduação. Ele esperava, então, que eu prestigiasse esta Escola e esta Universidade trazendo-o para cá. Achei que tinha razão e o transferi, naturalmente, como sempre foi, aberto a quem quer que quisesse participar. O público que sempre o acompanhava, veio prestigiá-lo e o Seminário passou a ser um dos cursos oficiais, com a diferença de que permitia a entrada de qualquer um, sendo que o privilégio de uso é dos alunos da Pós, que são seus verdadeiros alvos efetivos.

Para ocupar espaço, de começo tivemos que usar o auditório do CFCH, que é bastante adequado, mas que, por ora, anda em obras há algum tempo, não podendo então nos acolher. Por falta dessa disponibilidade, passamos quinzenalmente ao Forum de Ciência e Cultura e, nos outros dias, estamos aqui na sala Anísio Teixeira, da Faculdade de Educação – lugares que muito gentilmente nos receberam. Ora, o Forum, para permitir que o Seminário lá aconteça, precisa incluí-lo em sua programação. Com isto, a publicidade que eles providenciam fez com que mais outras pessoas que absolutamente desconheço estivessem presentes. E é isto mesmo que era para ser, pois a porta sempre esteve aberta para quem quisesse, indiscriminadamente, fosse para entrar ou para sair. Foi mesmo por isso que quis retirá-lo do âmbito fechado de uma instituição psicanalítica e levá-lo para a Universidade. Não para que ficasse disponível apenas a alunos meus de qualquer curso ou da Universidade em geral, mas sim para toda a comunidade (até brasileira – e também estrangeira, acaso quisesse vir). É portanto por isso que o Seminário veio parar aqui neste local.

Mas este Seminário tem um problema bem sério, pois ele mais parece um elefante, que é, como se sabe, um bicho absolutamente incompreensível. Não é por menos que Lacan tinha paixão por ele. Um bicho que parece ser constituído de partes de outros seres: uma borboleta nas orelhas, umas pilastras nos pés, uma cobra no rabo, um membro meio flácido como nariz – muito estranho e grande demais. Então, incomoda muita gente: não passa nas portas direito, tropeça, esbarra nos móveis. Embora seja um bichinho bastante calmo,

ele assusta – e as pessoas que não o conhecem ficam com medo. Há mesmo, no meio dessa gente que não gosta de elefante, aqueles que exultariam em ver extinto este Seminário, para ele parar de incomodar. Ainda mais que ele dura tanto tempo: uma verdadeira antiguidade seminarial. Vocês certamente lembram do que, há algum tempo, eu disse sobre *A Bandeja do Erói*. Pois vejam que alguns não querem nem mesmo que eu apenas ofereça os quitutes, ainda que sem insistir demais. Não insisto muito em que peguem nada na bandeja, apenas ofereço, sem mais – mas isto também já se toma por um pouco demais. Aí que, aqui e ali, com certa frequência, se fazem tentativas de embargo, de malfalação, de maledicência, etc., no sentido de eliminar o que aqui se produz. Acho que deveriam arranjar melhor afazer, pois estão perdendo seu precioso tempo com algo de nem tanta importância. Poderiam simplesmente não dar bola para isso. E fica até parecendo que temos uma repercussão capaz de amontoar milhares de pessoas num auditório. Não temos não, são só vocês. A coisa chega a tal ponto que, de vez em quando, escutei algumas invencionices cabeludas, mas nada com peso suficiente para embargar processo nenhum.

Quando Ministro da Guerra, ainda sob o governo de Getúlio, o General Zenóbio da Costa, homem poderoso de segundas guerras mundiais, perguntado por jornalista se se sentia realizado em conformidade com seus ideais de juventude, respondeu que não: que tudo que ele gostaria de ser era o que um Cadete da Academia Militar pensava que era. Quanto a mim, gostaria de ser (não tudo, mas) a maior parte do que falam de mim – dentro e fora deste bendito país.

Estamos, então, com vinte e dois anos de Seminário e já há seis aqui nesta Universidade. Acontece que, do começo do ano passado para cá, inventaram algo mais inteligente, mais eficaz, capaz mesmo de fazer implodir qualquer empreendimento: um certo jeitinho de fazer denúncias espúrias, mesmo sem fatos, mesmo sem provas, mesmo sem nada mais. Começaram a aborrecer meus colegas que ora estão em cargos diretivos por aqui com a seguinte desfaçatez: de vez em quando alguém se dá ao trabalho de ir lá, dizendo-se aluno da Universidade – certamente não meu aluno, mas pode ser que seja mesmo algum aluno qualquer da Universidade e de quem alguém tenha adrede

feito a cabeça – e reclamando que as pessoas têm que pagar para entrar aqui. É claro que todos vocês sabem que isto não é verdade. De certa feita, cheguei mesmo a responder a uma moça de fora daqui – a qual eu não reputava muito bem e que me perguntou se poderia vir – que aqui cabia toda e qualquer formação neo-etológica, que o neo-zoológico não era discriminado por aqui – que porta está sempre aberta para quem quer que saiba pelo menos sentar; não é preciso nem mesmo escutar... Mas a insistência tem sido grande: as pessoas procuram as diretorias dizendo que é um absurdo, que é ilegal cobrar – e boato envenena as mentes... Precisamos entender de uma vez por todas que o **boato**, sempre, em qualquer situação, é mais poderoso do que o **fato**, sempre foi. É fácil de explicar por que: o boato – como sempre digo, **só há fatos, não há interpretações** – é um outro fato e com maior convergência, maior densidade do que o próprio acontecido que ele presume comentar. O acontecido é o acontecido. É um fato sim, mas um fato desses não fala, apenas se expõe. O boato é o fato da falação supostamente a respeito de um acontecido, tendo, portanto, uma força, um poder, que esse outro fato não tem. Mesmo que meus colegas que estão em cargos diretivos não acreditem, os boatos acabam por prejudicar – eles ficam em situação difícil. Uma das aparências de prova é que um cavaleiro – que não conheço e ninguém me apresenta, não sei se estudante da casa ou não – foi dizer que tanto era verdade o que dizia que, um dia, chegara à nossa porta, tentara entrar e fora barrado por alguém que lhe dissera que seu nome não estava na lista. Como sabem muito bem, a lista era a do dia (semana sim, semana não) em que o Seminário **era exclusivo dos alunos do curso**. Então, não podia entrar quem não tivesse seu nome... na pauta de chamada do Mestrado e do Doutorado. Mas o boato quis que a lista fosse daqueles que houvessem pago.

Bem ou mal, as pessoas acabam se sentindo acuadas e é preciso dar um paradeiro a isto. A melhor maneira parece que é desvincular o Seminário da Pós-Graduação, devendo ser feito em outra hora, com ou sem a presença dos alunos do Pós, que só viriam se gostassem de vir. É claro que ficou explicitado que eu poderia continuar a fazê-lo dentro da Universidade. Mas isto não é

exequível porque, por exemplo, para se conseguir sala no Forum de Ciência e Cultura é preciso um ofício do Pós-Graduação explicitando sua vinculação. Acontece também, independentemente disto, que o elefante não parará de incomodar só por deixar de ser pós-graduando. Ele continuará sendo um chato, com ou sem crachá. E, com certeza, as pressões também não deixarão de continuar com a implicância, pois não se trata de retirar o Seminário da Pós, uma vez que eu poderia continuar o meu curso independentemente de haver ou não o malfadado Seminário. Trata-se mais de retirar o elefante da frente porque está ocupando muito visual. Portanto, continuarão as pressões desse tipo, os boatos dessa natureza, e é preciso ter um pouco de saco, como se diz em bom português, para ficar a toda hora tendo que dar justificativas de que não se trata disso ou daquilo. E mesmo que não seja no curso de Pós-Graduação, pelo fato de estar na Universidade, continuaria sendo absolutamente ilegal se fosse cobrado. Então, de que adianta retirá-lo do Pós e mantê-lo na Universidade, dado o prazer de tamanha falação?

Aqueles que já leram um pouco de Lacan, devem lembrar de um Seminário seu, quando já estava bastante idoso, em que narra que tivera o sonho de que chegara para dar o Seminário e que lá não havia ninguém. Conta isto com certo ar de felicidade. Não estou a fim de interpretar sonhos de Jacques Lacan, mas este parece lhe ter indicado que, das duas uma: ou ele houvera sido abandonado, o que não era o caso, justo nesse momento – próximo do tempo em que eu seguia seu Seminário, que era feito também numa Universidade, na própria Sorbonne, Paris I, na Faculdade de Direito, num imenso auditório, sempre com mais de mil pessoas presentes –, ou que seu sonho podia ser interpretado como sendo o de um cansaço, um desinteresse tal já pelo Seminário que ele lá chegaria, não haveria ninguém, então estaria livre e poderia ir embora para casa gazetear. Confesso a vocês que, depois de tanto tempo deste meu Seminário, ando com inveja do sonho de Lacan, embora não tenha sonhado a mesma coisa, pelo menos não dormindo. Cheguei mesmo a ter, final do ano passado, a intenção, comunicada aos mais próximos, que estão aqui para testemunhar, de encerrar o meu Seminário, para sempre. É provavelmente o que deveria ter feito. Teria me aborrecido bem menos e descansado um pouco mais.

Seminário tem algo a ver com sêmen, com inseminação, portanto, não é esquisito que tenha algo a ver com aborto. E se Lacan nunca pôde ter esse prazer, eu, posso a ele me dar: o prazer de querer eu mesmo matar o Seminário. E todo esse quiprocó, como dizem meus patrícios lá da outra terra, só veio mesmo *a calhaire*. Veio trazer a fome para junto da vontade de comer. E consigo finalmente uma boa oportunidade, uma boa razão até, para encerrar este danado de Seminário, que acaba fazendo mal a tanta gente. Sobretudo a mim mesmo, pelo trabalho que me dá, não só por fazê-lo, como por ter que aturar a canalhice de alguns. É claro que sei que, agindo deste modo, posso estar, e certamente estarei, dando um grande prazer a esse tipo de gente. Mas o que importa, se o prazer maior é todo meu? Por que deixarei de me dar um grande prazer só porque outros também o terão, ainda que supostos inimigos? Que tenham prazer! Talvez lhes melhore a saúde mental. Além disto, há outro fator que contribui para esta decisão – aliás, já tomada: é que a existência deste Seminário se deve a um certo e tolo sintoma de imitação. Entrei – o que é a coisa mais natural do mundo –, por contato maior, por presença, por tudo enfim, na forma-Lacan de sintoma de exposição. E como durou: vinte e dois anos! Caramba! Na verdade, embora estilisticamente diferente, isto é óbvio, embora o modo de operação seja completamente outro, entrei nesta forma de divulgação do que produzo – até mesmo, mais do que mera forma, lugar e momento de produção, pois, às vezes, é ao vivo que invento o que me passa a ser inventado – dentro do sintoma que estou chamando de forma-Lacan. E tudo isso, então, veio *a calhaire*, a me ajudar a me livrar desse sintoma infernal. Por que, afinal de contas, depois de todos esses anos, todos esses lugares, todas essas boatos, todas essas pressões, eu, ao invés de sair daqui carregando o Seminário para outro lugar, não poderia ficar curado dele de uma vez? Pareceu-me, então, uma excelente ocasião. Posso até pegar uma outra doença, mas desta posso hoje me livrar. Assim, toda essa confluência me ajuda a lhes dizer que **ESTÁ ENCERRADO O MEU SEMINÁRIO. PARA SEMPRE! NUNCA MAIS! MISSA EST.** O Seminário já terminou outras vezes, caiu fora de certos lugares, terminou alguns anos letivos, mas sempre até agora começou de novo. Porém,

agoraqui, quero abandonar o ‘de novo’ e partir para o novamente, que é o nome da nova forma, a qual já está sendo gestada há mais de um ano por mim e por alguns de meus próximos, para reencaminharmos todas as nossas questões e produções.

Vejam que coisa mais interessante!: por ironia, ou melhor, por Revirão, o Seminário termina justo no dia em que era para recomençar. Acabou ficando melhor assim do que se o tivesse ex-terminado no final do ano passado.

Os inscritos na Pós, é só procurar a secretaria, pois certamente não nos impedirão de continuarmos com nossas tarefas normalmente Pós-adas. Os que efetivamente estiverem interessados no que tenho a dizer, que estejam a fim de provar de algo do que ofereço *de Bandeja*, ficam convidados – **gratuitamente, como sempre** – para a parte em que continuarei expondo o que acaso (me) pensar, na minha **Oficina da Nova Psicanálise**, que acontece na *UniverCidadeDeDeus* aos sábados, das 10 às 12 horas. A outra e maior parte da Oficina é reservada aos membros daquela instituição. Ali estarei sem forma-Seminário, talvez com outra impostação, talvez com outras possibilidades de manejo, mesmo também até práticas, que aqui não são realizáveis como era de se desejar.

O convite está feito. E tudo recomeça. Certamente amanhã. E sempre. Vejo vocês em outro tempo, em outro lugar. Quiçá... quiçá... quiçá...

(O Seminário termina com a audição de *Luz del Fuego*, de Rita Lee, com a mesma e Cássia Eller)*

Eu hoje represento a loucura
Mais o que você quiser
Tudo que você vê sair da boca
De uma grande mulher, porém louca!

Eu hoje represento o segredo
Enrolado no papel

O fim, novamente

Como Luz del Fuego não tinha medo
Ela também foi pro céu, cedo!

Eu hoje represento uma fruta
Pode ser até maçã
Não, não é pecado, só um convite
Venha me ver amanhã, mesmo!

Eu hoje represento o folclore
Enrustido no metrô
Da grande cidade que está com pressa
De saber onde eu vou, sem essa!

Eu hoje represento a cigarra
Que ainda vai cantar
Nesse formigueiro quem tem ouvidos
Vai poder escutar meu grito!

Eu hoje represento a pergunta
Na barriga da mamãe
E quem morre hoje, nasce um dia
Pra viver amanhã e sempre!

* Do CD *Acústico*, de Rita Lee, pela MTV.

17/SET

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica).

Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em Falatórios e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa
3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico
2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão: Revista da Prática Freudiana*, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise: Introdução*

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.
17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise (Parte 2)*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.
18. 1992: *Pedagogia Freudiana*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.
19. 1993: *A Natureza do Vínculo*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 310 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 264 p.
22. 1996: *"Psychopathia Sexualis"*
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 224 p.

26. 2000: “Arte da Fuga”
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: Psicanálise: Arreligião
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.
30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão
Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.
32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento [a sair]
35. 2009: Clownagens [a sair]

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

154